

UNIVERSIDADE ABERTA



*Conhecimento e uso do dialeto/falar madeirense dos jovens em
escolarização da Região Autónoma da Madeira*

- análise de enunciados dialetais: léxico

NÉLIO NUNES CARVALHO

Mestrado em Português Língua Não Materna

2016

UNIVERSIDADE ABERTA



***Conhecimento e uso do dialeto/falar madeirense dos jovens em
escolarização da Região Autónoma da Madeira***

- análise de enunciados dialetais: léxico

NÉLIO NUNES CARVALHO

Mestrado em Português Língua Não Materna

**Dissertação de mestrado orientada pela Professora Doutora Isabel
Maria dos Santos Falé**

2016

“Uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de consciencializar os educandos sobre essas diferenças. Na prática, contudo, esse comportamento é ainda problemático para os professores, que ficam inseguros, sem saber se devem corrigir ou não, que erros devem corrigir ou até mesmo se podem falar em erros.”

(BORTONI-RICARDO, 2004 apud ARAÚJO, 2010: 7)

“Quase podemos dizer que ouvir falar a geração mais velha da ilha [do Porto Santo] é remontar a uns séculos atrás, ao tempo áureo da epopeia nacional. Na verdade, a língua usada no Porto Santo, por todos os meios afastada da convivência dos centros civilizados, estagnou, e só há relativamente poucos anos, com a moderna geração, ela tem feito avanços sucessivos, a querer acompanhar o progresso.”

(MONTEIRO, 1948: 119 apud REBELO, 2002: 185)

“...devemos sublinhar que estão ainda em aberto muitas possibilidades de estudos científicos sobre o falar madeirense e sobre as palavras da Madeira, aos níveis fonético, morfo-sintático, semântico e pragmático, lexicográfico, historiográfico e sociolinguístico. Só assim se conhecerão, cada vez melhor, os regionalismos madeirenses na sua actualidade e na sua história.”

(SILVA, 2008: 74)

Resumo

Este trabalho de investigação insere-se no âmbito da sociolinguística e debruça-se sobre a perceção quanto à variação dialetal do Arquipélago da Madeira, que os jovens em escolarização da Região Autónoma da Madeira detêm face a alguns traços particulares do léxico. Neste sentido, o *corpus* de trabalho baseou-se nos dados recolhidos em inquéritos por questionário sobre o léxico, realizados a uma amostra de 40 alunos naturais do arquipélago, a frequentarem o 3º Ciclo do Ensino Básico e distribuídos por dez alunos em quatro escolas localizadas: a norte (Santana-São Jorge) e a sul (Funchal e Câmara de Lobos) da ilha da Madeira e na ilha do Porto Santo.

Para podermos, efetivamente, determinar quais as influências extralinguísticas ou quais as variáveis socioculturais responsáveis pelo conhecimento e uso dos dialetos, foi também importante analisar alguns fatores de ordem social, tais como, o meio familiar, a idade, o nível de escolaridade dos alunos, a naturalidade e o contacto destes com os meios urbano vs rural.

Com efeito, e com base nos instrumentos de análise recolhidos, este estudo mostra-nos que os jovens madeirenses em escolarização ainda evidenciam um interesse em usar e manter a sua identidade dialetal, numa dinâmica intergeracional, dado que os mesmos consideram importante não deixar desaparecer um legado linguístico que tem sido herdado pelos seus antepassados. Contudo, constatamos que o domínio dos dialetos madeirenses juntos destes jovens começa a estar um pouco ausente nas suas conversas do quotidiano, principalmente quanto contactam com falantes fora do arquipélago, moldando os seus discursos em norma/padrão, por assim entenderem tratar-se de uma forma comunicacional, dotada de mais prestígio social. Em contrapartida, verificámos que o meio familiar e o meio rural contribuem, portanto, para um uso mais frequente da variação dialetal, provando-se esta realidade, sobretudo, nos jovens em escolarização residentes nos concelhos a norte da ilha da Madeira e na ilha do Porto Santo.

Por considerarmos importante novas investigações, sobretudo pela temática que aqui foi abordada, consideramos que seria deveras pertinente surgirem futuros estudos. Assim, estes poderão explicar a origem do extenso

léxico dos dialetos madeirenses e no caso particular da variação dialetal na pequena ilha do Porto Santo, considerando-se, para o efeito, também a vertente sociolinguística.

Palavras-Chave: povoamento, dialetos/falares variação/norma, sociolinguística, léxico, hipercorreção, interferência linguística, variáveis independentes, variação linguística e extralinguística, fatores socioculturais.

Abstract:

This research falls within the scope of sociolinguistics and focuses on the perception on the dialectal variation of Madeira that young people at school age from the Autonomous Region of Madeira evidence concerning particular characteristics of the lexicon. Therefore, the work corpus was based on data collected through questionnaire surveys on the lexicon, conducted on a sample of 40 natural archipelago students who attend the 3rd cycle of Basic Education and distributed by ten students in four different schools located in the north (Santana and São Jorge) and the south (Funchal and Câmara de Lobos) of the island of Madeira and Porto Santo.

In order to effectively determine the extralinguistic influences or what socio-cultural variables are responsible for the knowledge and use of dialects, it is also important to analyze some social factors, such as the family environment, age, educational level of students, place of birth and contact of these with the urban vs. rural areas.

It can be concluded based on the collected data that this study shows that young people in Madeira at school age still show interest in using and maintaining their dialectal identity in an intergenerational dynamic, given that they consider important not to let go a linguistic legacy that has been inherited by their ancestors. However, we found that the dialects of Madeira spoken by young people are disappearing in their everyday conversations, especially when they communicate with speakers outside the archipelago, shaping their speech acts in standard / default ways, because they understand it is a way of communication endowed with more social prestige. On the other hand, we found that the family environment and the rural environment contribute to a more frequent use of dialectal variation, facts that were proven, especially concerning youngsters attending school and resident in the municipalities in the north of the island of Madeira and on the island of Porto Santo.

Since we consider important new research, especially for the issue that is addressed here, we believe it would be important to develop further studies. Thus, maybe these could explain the origin of the extensive lexicon of the Madeira

dialect and also the particular case of dialectal variation on the small island of Porto Santo, again from a sociolinguistic point of view.

Keywords: settlement, dialects/forms of speech, variation/norm, sociolinguistics, lexis, hipercorrection, linguistic interference, independent variables, linguistic and extralinguistic variation, sociocultural factors.

Resumen:

Este trabajo de investigación se sitúa en el ámbito de la sociolingüística y se centra en la percepción que los jóvenes de la Región Autónoma de Madeira tienen hacia algunos rasgos particulares del léxico de la variante dialectal propia de este archipiélago. En este sentido, el *corpus* de trabajo se constituyó a partir de los datos recogidos en unos cuestionarios sobre léxico realizados a una muestra de 40 escolares madeirenses del 3º Ciclo de la Enseñanza Básica y distribuidos en grupos de diez alumnos pertenecientes a cuatro escuelas localizadas: al norte (municipio de Santana-São Jorge) y al sur (municipios de Funchal y Câmara de Lobos) de la isla de Madeira y en la isla de Porto Santo.

Con el fin de determinar qué tipo de influencias extralingüísticas o variables socioculturales son responsables por el conocimiento y uso de los dialectos, hemos llevado a cabo el análisis de algunos factores de orden social, tales como: el medio familiar, la edad, el nivel de escolaridad de los alumnos, su procedencia y su contacto con el medio rural y/o urbano.

En efecto, basándose en los instrumentos de análisis recogidos, este estudio revela que los escolares madeirenses todavía muestran interés en usar y mantener su identidad dialectal, en una dinámica intergeneracional, dado que estos consideran importante que no desaparezca un legado lingüístico heredado de sus antepasados. A pesar de ello, constatamos que el dominio de los dialectos madeirenses empieza a estar cada vez más ausente de las conversaciones cotidianas de estos jóvenes, principalmente cuando entran en contacto con hablantes de fuera del archipiélago, adaptando así sus discursos a la norma estándar, por entender que esta se trata de una forma comunicacional dotada de más prestigio social. En contrapartida, se verifica que el ámbito familiar y el medio rural contribuyen a un uso más frecuente de la variante dialectal, como se pone de manifiesto en los escolares residentes tanto en los municipios del norte de la isla de Madeira como en la isla de Porto Santo.

Consideramos que es importante que haya nuevas investigaciones relacionadas con la temática que aquí ha sido abordada, por ello estamos convencidos de que sería verdaderamente pertinente que en el futuro aparezcan

nuevos estudios. De este modo, estos podrán explicar el origen del extenso léxico de los dialectos madeirenses y de manera particular de la variante dialectal de la pequeña isla de Porto Santo, teniendo en cuenta también, para este efecto, la vertiente sociolingüística.

Palabras Clave: poblamiento, dialectos/hablas variante/norma, sociolingüística, léxico, hipercorrección, interferencia lingüística, variables independientes, variación lingüística y extralingüística, factores socioculturales.

Agradecimentos

Este meu trabalho deve-se igualmente ao esforço, dedicação e total disponibilidade de muitas pessoas que sempre se mostraram muito recetivas aos meus pedidos de ajuda. Sem todas elas, nada do que aqui se apresenta teria sido possível concretizar. Por essa razão, quero agradecer e dar o meu bem haja a todos:

- à minha orientadora, Professora Doutora Isabel Maria dos Santos Falé, que sempre me apoiou no decurso deste estudo.

- aos alunos que participaram nos inquéritos e nas entrevistas e seus encarregados de educação.

- à Direção Regional de Educação da Secretaria Regional da Educação e Recursos Humanos da Região Autónoma da Madeira.

- às minhas colegas e amigas Diana Branco, Eulália Rodrigues e Vanessa Teixeira Teixeira que disponibilizaram as suas aulas para a aplicação dos inquéritos aos alunos.

- ao meu grande amigo galego, Gustavo González, fervoroso admirador do dialeto madeirense que sempre me encorajou de forma incondicional.

- à minha querida amiga Fátima Isabel Figueira, que sempre se predispôs a ajudar-me em tudo o que era necessário.

- à minha família.

Índice

Introdução	1
Primeira Parte	6
1.1. Momentos de chegadas e partidas: afirmação de uma língua	7
1.2. O povoamento no processo dialetal	10
- Confluência de dialetos em contacto	10
1.2.1. Os dialetos centro-meridionais	13
1.2.1.1. A influência do dialeto algarvio nos dialetos da Madeira	17
1.2.2. Os dialetos setentrionais	21
1.2.2.1. A presença setentrional nos dialetos madeirenses	25
Segunda Parte	29
2.1. Língua materna, norma e variação	30
2.1.1. A escola e a variação linguística	34
2.2. Incursão da variedade sociolinguística no Arquipélago da Madeira: dialeto ou dialetos?	37
2.2.1. Variações dialetais na ilha da Madeira.....	42
- fatores humanos, ambientais e sociais.....	42
2.2.2. O português falado no Porto Santo: caso isolado na variação dialetal do arquipélago.....	49
Terceira Parte	54
3.1. Metodologia de Trabalho - nota prévia	55
3.1.1. Amostra – dimensão e caracterização	57
3.1.2. Instrumentos da recolha de dados: questionário para análise de enunciados lexicais e inquérito sociolinguístico.....	62
3.1.2.1. Descrição matricial	63
a) do questionário de enunciados lexicais.....	63
b) do inquérito sociolinguístico.....	70
3.1.2.2. Preenchimento dos instrumentos de trabalho: questionário linguístico e inquérito sociolinguístico	75
3.1.3. Análise e discussão de dados	75
a) Questionário linguístico de enunciados lexicais.....	75
b) Inquérito sociolinguístico.....	89

Considerações finais	105
Referências bibliográficas.....	107
Anexos	110

Introdução

Assistimos cada vez mais a uma massificada utilização e velocidade das novas tecnologias e equipamentos de comunicação, quer pelos mais jovens, quer pelos mais idosos, como prova da sociedade em que nós vivemos. Curiosamente, as pessoas não conseguem viver sem um telemóvel ou sem uma ligação à internet, pois as necessidades sociais atuais têm transformado paulatinamente o nosso quotidiano que insiste em concretizar-se, cada vez mais, nas autoestradas da comunicação e da informação. Aqui encontramos alguns exemplos mais comuns e exequíveis: marcar uma consulta, comprar uma viagem, marcar um encontro e aqui se podem incluir também os diálogos e as conversas em linha entre as pessoas de diferentes eixos do planeta ou da aldeia onde vivem. Nesta perspetiva, quase ninguém consegue ficar indiferente a uma globalização, onde o mundo simplesmente se tem vindo a tornar mais pequeno, mais próximo e mais global.

A par desta realidade, deparamo-nos atualmente com uma globalização social e linguística, bem patentes em qualquer sociedade ocidental e europeia, no qual se insere a sociedade madeirense. Os meios de comunicação e de informação já não são propriamente obsoletos ou mesmos inexistentes, como eram outrora, o que nos leva a diferentes contactos com sistemas linguísticos mais complexos, tanto de idiomas estrangeiros, como de variedades da Língua Portuguesa, nomeadamente a norma padrão.

Não obstante, a Madeira e o Porto Santo tenham vindo a receber, ao longo das épocas cidadãos de todas as regiões nacionais e países, tendo em conta sobretudo o seu enquadramento no setor turístico, o qual é considerado secular. Aqui, a questão da globalização, face às novas tecnologias dos últimos 20 anos, constitui, só e apenas, uma nova realidade, tais como as interferências entre sistemas normativos e dialetais que se cruzam de forma espontânea e irrefletida por todos nós enquanto falantes.

É neste ponto que podemos refletir com este trabalho, a partir do qual nos mostra que a comunicação entre falantes da mesma língua poderá concretizar-se sob diversas realidades de variação dialetal. Contudo, até que ponto poder-se-á

pensar numa vantagem de todo o desenvolvimento das novas tecnologias da comunicação face à preservação de dialetos?

À partida, a resposta seria aparentemente positiva, dado que onde há comunicação, haverá realizações de sistemas linguísticos, muito embora fosse importante sabermos se não subsiste um idioma dominante mais próximo de uma normatividade, colocando em desvantagem os dialetos, os falares ou os subdialetos aí implicados.

É neste ponto que nos apraz realizar esta investigação, no sentido de se constatar a real situação dos dialetos madeirenses, termo pluralizado tal como defende Lindley Cintra por considerar que encontramos na ilha da Madeira “...um complexo conjunto de dialectos de um modo ou de outro distintos e por vezes muito divergentes entre si” (1990, 99). É de facto premente um estudo mais exaustivo em moldes geolinguísticos dos dialetos madeirenses, perante um povo de índices demográficos baixos, muito embora com uma diversidade dialetal rica e heterogénea.

“A elaboração de um atlas linguístico regional é imprescindível para que se possa determinar e localizar com segurança e precisão os traços fonéticos e lexicais dos dialectos madeirenses, ou seja, as isófonas e as isoléxicas que formam os dialectos do Arquipélago da Madeira” (NUNES, 1998 apud FIGUEIREDO, 2011: 16).

Tendo como ponto de partida do presente estudo, ***Conhecimento e uso do dialeto/falar madeirense dos jovens em escolarização da R.A.M. - análise de enunciados dialetais: léxico***, importa, portanto, aferir junto dos jovens naturais de distintas freguesias da Região Autónoma da Madeira e em escolarização. Assim, será importante averiguarmos, neste público-alvo, o uso e o conhecimento que fazem da sua concretização dialetal, face à utilização que fazem os seus progenitores ou ascendentes, num paradigma geracional onde se incluem diferentes realidades sociolinguísticas.

Ao arrancarmos esta investigação retratando a Madeira de outros tempos, na primeira parte do trabalho, adotamos uma abordagem documental de rigor histórico, com recursos a uma revisão de literatura muito específica na área da História da Madeira. Só dessa forma, poderemos entender com mais precisão

todo o processo do nascimento dos dialetos e falares madeirense, numa perspetiva diacrónica, a par da colonização que se empreendeu ao longo do decorrer dos séculos, o que nos possibilitará o acesso a uma série de informações muito válidas.

Nesta primeira parte incluir-se-á então uma abordagem, na sua vertente histórica, ao povoamento do arquipélago, evidenciando e ao mesmo tempo a língua que foi transportada pelos povoadores. Neste ponto, também fazemos uma breve referência aos séculos XV e XVI que foram preponderantes para o envio de uma cultura dialetal a partir da Madeira para outros pontos do globo, sobretudo para o Brasil onde se assistiu na época a uma forte emigração madeirense.

Finalmente, nesta primeira parte destacamos igualmente a provável origem dos dialetos madeirenses como resultado de uma panóplia de dialetos em contacto, trazidos pelos colonos das diferentes regiões do continente português (provenientes dos dialetos galegos, setentrionais e centro-meridionais) e aí aferirmos a provável génese dos dialetos madeirenses perante a presença dos subdialetos que foram chegando ao longo do povoamento. Deste modo, destacamos nesta primeira parte alguns pontos que fazem uma abordagem sobre vestígios dos dialetos algarvio e nortenho, ainda presentes no Arquipélago da Madeira. Nesta sequência, salientamos igualmente, de forma genérica, particularidades de vocábulos e expressões próprias dos dialetos do Arquipélago da Madeira, os quais têm sobrevivido no tempo, desde o povoamento até aos nossos dias.

Na segunda parte desta investigação decidimos fazer uma abordagem à sociolinguística em correlação com a variação dialetal e exclusivamente centrada no contexto dos dialetos e falares madeirenses. Desta forma, começamos por salientar alguns conceitos teóricos sobre língua materna, norma e variação à luz de reflexões e trabalhos de teóricos da área sobre a língua, as comunidades de fala e da interação do falante com o meio social. Neste ponto, ressalva-se ainda a problemática assente na escola como instituição e o contacto com os dialetos que os alunos aportam, levando a uma reflexão e, obviamente, consolidada em estudos já existentes sobre o tema. No segundo ponto desta segunda parte considerarmos também ser importante frisar a questão primária da pluralidade

dos “dialetos” e/ou não “dialeto madeirense”. Assim, neste ponto “Incurso da variedade sociolinguística no Arquipélago da Madeira: dialeto ou dialetos?” dedicamos alguns estudos e pareceres de investigadores, os quais justificam as suas posições com base em pressupostos de carácter sociolinguístico, sem esquecer, por outro lado, os benefícios que o estudo desta temática de pluralidade de variação madeirense poderão contribuir para estudos de outros quadrantes científicos. Assim sendo e como refere a investigadora Naidea Nunes, a importância do estudo dos dialetos madeirenses contribuiu, desde sempre, para um enriquecimento no âmbito da evolução da História da Língua Portuguesa (NUNES, 1998: 89). Ainda assim, e integrado neste ponto da segunda parte, analisamos as variações dialetais, quer da ilha da Madeira, quer na ilha do Porto Santo, para procurar perceber todos os fenómenos dialetais produzidos, mas especialmente num entendimento de cariz social e de comunidade de fala, levando até à compreensão exaustiva uma série de fatores e variáveis independentes de influência extralinguística. Ainda quanto à realidade dialetal de Porto Santo, abordamos a particularidade de uma variação dialetal bastante heterogénea que ainda sobrevive, face a uma área territorial bastante reduzida.

Dando seguimento a este projeto de investigação, dedicamos a terceira parte à metodologia de trabalho para a recolha, descrição e interpretação de dados. Assim procedemos com muito cuidado e rigor ao trabalho de campo, o qual só foi possível com a colaboração bastante atenta de todos os nossos inquiridos: alunos do 3º Ciclo em escolarização na R.A.M., mediante um questionário sobre o nível de domínio dos dialetos madeirenses, para assim se constituir um *corpus linguístico*. Ainda nesta sequência, utilizamos um inquérito sociolinguístico com a finalidade de se averiguar mais claramente o uso que fazem do dialeto em contexto social e familiar.

Finalizamos a terceira parte com a apresentação da análise efetuada com base nos dados obtidos através dos diversos instrumentos de recolha, conciliando-os com a discussão das hipóteses prévias e obtendo resposta às mesmas.

Na conclusão desta investigação damos o devido destaque às conclusões finais, as quais só foram possíveis através das respostas que obtivemos ao longo

deste estudo. Por outro lado, tece-se igualmente, nesta parte final, algumas propostas para futuras investigações que seriam muito pertinentes, em prol de uma preservação e manutenção dos dialetos do Arquipélago da Madeira, os quais constituem, indubitavelmente, uma mais-valia para o património linguístico regional que a todos nós pertence.

Daqui podemos constatar que, para alguns estudiosos, começava já a ser uma prioridade, no início do século XX, estudar as especificidades linguísticas das diferentes regiões. No entanto, os trabalhos existentes foram quase todos feitos de forma dispersa, não havendo uma interligação entre a maior parte deles, o que seria desejável e, em nossa opinião, muito mais proveitoso. É certo que alguns investigadores por nós referidos afirmam terem-se servido de colectâneas já existentes, mas continua a faltar um trabalho de conjunto que apresente uma visão global e que faça uma selecção das informações mais válidas existentes em cada um deles, comparando-os a diferentes níveis e aproveitando o contributo que cada um deles, à sua medida, para o estudo da dialectologia na Madeira.

(FIGUEIREDO, 2011: 16)

Primeira Parte

O povoamento do Arquipélago da Madeira

1.1. Momentos de chegadas e partidas: afirmação de uma língua

O achamento ou descoberta da Madeira dá início ao projeto expansionista que os portugueses estavam na altura a empreender e logo após a conquista de Ceuta em 1415. Corria então o ano de 1419, após já terem desembarcado da ilha do Porto Santo, onde aportaram, de maneira providencial, no ano de 1418. Nesta investidura humana, os descobridores portugueses, João Gonçalves Zarco, Tristão Vaz Teixeira e Bartolomeu Perestrelo, sob as ordens do Infante D. Henrique, dão conhecimento de terras achadas no meio do Atlântico, fazendo com que nos primeiros anos tivessem projetado um povoamento delineado, face aos fatores geográficos e de logística, os quais obrigavam a uma reflexão cuidada para o eventual transporte de recursos materiais e humanos para as ilhas.

A principal preocupação dos descobridores foi averiguar a existência de presença humana nas ilhas, o que logo constataram numa silenciada existência à base de fauna e flora abundantes e condições de uma exploração agrícola bastante fértil graças a uma quantidade bondosa de água que descia através das altas montanhas. Neste sentido, a Madeira não dava indícios de presença humana, facilitando as pretensões de Gonçalves Zarco pois “acompanhavam-no Tristão Vaz Teixeira, Bartolomeu Perestrelo e alguns homiziados que ‘queriam buscar vida e ventura foram muitos, os mais deles do Algarve’, segundo afirmam Jerónimo Dias Leite e Gaspar Frutuoso” (VIEIRA, 2001: 20).

À medida que passavam os anos, mais colonos iam chegando às ilhas, sobretudo às capitânicas de Funchal e Machico, abrangendo mais áreas a serem desbravadas e arroteadas para a então economia do reino. Assim, muitos estrangeiros também chegavam de outros destinos como da Inglaterra, Flandres e Itália e que necessariamente também poderão ter deixado algumas influências culturais e dialetais no arquipélago.

Os primeiros colonos eram, na sua maioria, portugueses que vinham à procura de melhores condições de vida comparativamente àquelas em que viviam no reino, como também pela atração que a indústria açucareira prometeu até meados do século XVI a toda esta população (VIEIRA, 2001: 26). Assim, neste

fluxo de gentes vindas do território nacional houve uma confluência de dialetos e subdialetos em contacto, surgindo ao longo dos tempos notórias variações à norma-padrão da Língua Portuguesa.

De igual forma importante para esta génese dos dialetos madeirenses foi a presença de diferentes classes sociais da época, especialmente uma burguesia mais endinheirada e detentora de poder económico e mercantilista, face ao povo que chegava à ilha para trabalhar na terra junto também de uma escravatura importada pelo reino. Assim sendo:

Importa lembrar também que a Madeira foi desde cedo uma terra de escravos. A escravatura não foi de maneira alguma inventada pelos portugueses (...). É importante lembrar que algumas das tentativas iniciais do povoamento da Madeira fizeram-se com canários e depois ilhéus; a caça aos canários, que depois eram reduzidos à escravatura, é um facto que realmente teve pontos bastante elevados nos inícios da colonização portuguesa, embora aqueles pertencessem a um nível civilizacional bem superior àquele que os portugueses imaginavam. E realmente não se adaptaram aos trabalhos que lhes eram atribuídos. Por isso é que os canários foram maus escravos; perduraram durante um tempo razoável, acabando por ser substituídos pelos negros, mais adaptáveis àquilo que deles se exigia. E na verdade, os duros trabalhos vão ser cada vez mais exigidos a essa população escrava, sobretudo no que respeita a certas lavouras mais desenvolvidas no campo da cana-de-açúcar.

(SERRÃO, 1990: 32)

Já a partir do século XVII e até ao século XIX, instalam-se na Madeira famílias inglesas de prestígio internacional na área comercial dos negócios do vinho e dos bordados, cujos nomes de família ainda permanecem atualmente na sociedade madeirense, bem como alemães à procura de permanências mais longas para tratamentos contra a tuberculose. Estes estrangeiros não chegavam à ilha na qualidade de turistas, pois adquiriam residência fixa, investiam na região comprando e construindo quintas e herdades e muitas vezes interagem com os naturais, de maneira a tomarem contacto com usos e costumes locais. Estariam também interessados em aprender com os ilhéus técnicas de cultivo que então se praticavam, dada a acidentada orografia da ilha. Nesta partilha de saberes e convivência do quotidiano, estabeleciam, naturalmente, as trocas linguísticas e

comunicacionais, em interação com uma língua normalizada e transportada desde o início do povoamento e a variação, que, ao longo dos séculos, se foi concretizando num plano dialetal próprio.

A presença de estrangeiros na Ilha remonta o povoamento, no qual surgem interessados no comércio do açúcar, depois passando alguns anos no vinho, e depois no bordado. O facto de a ilha ser associada a curas medicinais para a “phtisica” pulmonar proporciona o aparecimento de muitos cientistas estrangeiros principalmente alemães. Os ingleses adquiriram um lugar na burguesia cosmopolita da cidade desde o século XVII, e a Ilha da Madeira transformou-se em uma escala obrigatória nas rotas marítimas da Inglaterra.

(CORREIA, 2011: 37-38)

Por outro lado, no século XVIII a Madeira começa a assistir a uma forte emigração para o Brasil, uma vez que na ilha sobrava uma mão-de-obra qualificada na cana-de-açúcar. Aqui se constata uma descida demográfica na ilha, no entanto importa referir que graças a essa emigração, atualmente ainda estão presentes “fortes raízes em algumas regiões brasileiras de vestígios culturais e linguísticos da Madeira” (SERRÃO, 1990: 33).

Já anterior a esta época, e desde meados do século XV que a Madeira se tornou numa das pioneiras na produção da cana sacarina em contexto europeu, estabelecendo-se uma ponte entre o Mediterrâneo e o outro lado do “charco atlântico”, tal como os brasileiros têm chamado carinhosamente ao espaço lusófono no continente americano. Com efeito, a Madeira, ao longo dos séculos constituiu uma escala intermédia nesta transação económica e industrial, pelo que uma grande variedade terminológica e uma série de técnicas ligadas à produção do açúcar chegaram a muitos destinos tais como Canárias, Cabo Verde, Brasil, sem esquecer igualmente os territórios ocupados pelos castelhanos na América Latina. Com estes saberes e termos linguísticos, obviamente se transportou uma extensa área vocabular usada na Madeira, ocorrendo um conjunto de

madeirensismos¹ em contacto com a terminologia açucareira no Brasil (NUNES, 2007).

Mas a projeção do povo madeirense no exterior e conseqüentemente o aporte do seu legado linguístico não cessa por aqui. Em pleno século XX muitos madeirenses “descobriram” uma pequena ilha nas Antilhas Holandesas, Curaçau, para onde iam trabalhar nas refinarias petrolíferas locais e aí puderam encontrar salários invejáveis. Até à atualidade, o 'papiamentu' com origem no pidgin português dos judeus sefarditas e do crioulo de Cabo Verde², constitui o idioma falado em todo o arquipélago das Antilhas Holandesas, mas é, de facto, em Curaçau onde este 'papiamentu' reflete uma maior influência portuguesa, nomeadamente em determinados aspetos culturais e linguísticos levados pelos emigrantes madeirenses.

A Venezuela e a África do Sul merecem igualmente o devido destaque no que diz respeito à presença madeirense no exterior. Nestes dois países, a comunidade portuguesa radicada de origem madeirense é muito numerosa, contando já com as terceiras e quartas gerações, as quais têm mantido sempre um contacto permanente com o Arquipélago da Madeira através dos seus ascendentes.

1.2. O povoamento no processo dialetal

- Confluência de dialetos em contacto

É no contexto da colonização do Arquipélago da Madeira que mais se associa a proveniência dos primeiros colonos ao norte de Portugal, embora ainda se fale muito acerca da chegada ou não de povoadores do Algarve e zonas entre a Estremadura, Beira Baixa e de todo o Alentejo.

¹ O termo 'madeirensismos' foi referido no artigo "Madeirensismos e Brasileirismos na Terminologia Açucareira (Do Século XV à Actualidade)" da autoria de Naidea Nunes Nunes, publicado na revista *Trilhas Linguísticas*, nº 11 – 2007 (cf. pp 189-233)

² cf. <http://abemdanacao.blogs.sapo.pt/2012/04/?page=2>

Na verdade, os investigadores e historiadores que se têm dedicado a essa problemática referem, perentoriamente, que o grande entrave à obtenção dessas respostas é sem dúvida, a existência de provas documentais das épocas para assim se aferir que, de facto, o povoamento da Madeira se fez exclusivamente por gentes do centro-sul de Portugal. Tanto mais que, os inúmeros documentos recenseadores existentes corroboram uma origem nortenha continental que atesta que foram estes os primeiros habitantes das ilhas da Madeira e do Porto Santo, pois

Uma listagem dos primeiros povoadores referidos nos documentos e crónicas, a presença nortenha (64%) é superior à algarvia (25%). O mesmo sucede no inventário dos que receberam ordens menores e sacras entre 1538 e 1558 não aparece nenhum algarvio e a maioria é do norte de Portugal, nomeadamente de Braga e Viseu.

Os registos de casamento da freguesia da Sé (que existem desde 1539) para o período de 1539 a 1600 também o confirmam. Os nubentes de Braga, Viana e Porto representam 50% do total, enquanto os de Faro não ultrapassam os 3%. A análise de todas as freguesias da ilha no século XVI, reforça de novo a posição do norte do país, onde se destacam Braga (11%), Viana do Castelo (8,4%).

(VIEIRA, 2001: 33)

Porém, contrariamente a esta visão de que a Madeira quase não recebeu povoadores oriundos do Algarve, importa referir que o povoamento, como em qualquer parte e em outros lugares, foi sempre feito com alguma margem cronológica, pois houve de facto algum aumento no faseamento das chegadas de gentes ao longo dos anos, tendo em conta alguns fatores sociais, políticos e económicos.

Por conseguinte, considera-se que na Madeira esse aumento demográfico também ocorreu ao longo dos primeiros séculos e décadas após a descoberta de 1419. Logo, a partir do reino, muitos homens e famílias aventuravam-se nesta expedição para o povoamento de novas terras além-mar achadas, na mira de novos negócios e transações comerciais. Assim, do Algarve é conhecida a saída de muitos povoadores com vínculo à casa do Infante D. Henrique, tais como, fidalgos, escudeiros, cavaleiros e até simples criados, num leque alargado de

posições e classes sociais, favorecendo aqui a ideia de um assentamento maciço a partir sobretudo do sotavento algarvio: Tavira, Lagos, Aljezur e Sagres. Contudo, é de facto, ambígua a localização e proveniência dos povoadores, pois fora certamente do Algarve de onde algumas expedições partiram, o que, por essa razão, se poderá pensar num fluxo de gentes de todo o reino, desde o Minho ao Algarve. É conhecido, por exemplo, que do Norte chegaram à Madeira os primeiros cabouqueiros que tinham como principal função o desbravamento e abertura de trilhos da Madeira, hoje conhecidas como “Levadas” dado que a ilha apresentava uma densa floresta com difíceis acessos.

Por outro lado, os povos do Algarve também poderão ter deixado as suas marcas de presença através de uma toponímia, a qual ainda hoje nos faz refletir para uma teoria mais remota, mas consideravelmente aceitável que, de facto, os algarvios estiveram e continuam, hipoteticamente, a marcar a sua presença em alguns sítios no arquipélago.

A presença algarvia na Madeira deixou algumas marcas na toponímia. Primeiro é a associação que se fez entre Machico e Monchique, sendo considerado o último uma corruptela do primeiro, situação que hoje ninguém aceita. Mas outros locais evidenciam melhor esta relação: Algarvio (na freguesia de São Gonçalo), Boliqeime (freguesia de Santo António) e Vila Baleira (no Porto Santo).

(VIEIRA,2001: 33)

Encarando desta forma a faceta multicultural daqueles que chegavam e colonizavam as ilhas e, tendo em conta o alargado leque de traços linguísticos próprios dos subdialetos que traziam, é deveras legítima a associação que se faz atualmente à panóplia de marcas dialetais presentes ainda nos falares do Arquipélago da Madeira, com origem tanto dos centro-meridionais, como dos setentrionais. Desse modo, urge, portanto, delinear um correto roteiro ou itinerário dialetal a partir do continente português, para assim se compreender a real ou possível origem de muitos regionalismos, expressões e acentuação nos dialetos madeirenses. Neste contexto, só poderemos compreender melhor a variação e o resultado de todas as suas nuances, se tivermos por base a língua padronizada

que liga todas as comunidades linguísticas de um país ou de um povo. A esse respeito, salienta-se que

A concepção da língua como um todo, composto por diversas vertentes, está na base do interesse pelo estudo das suas variedades. É precisamente neste contexto que se torna importante estudar a multiplicidade de realizações que o mesmo idioma apresenta, dependendo do local onde é utilizado., dos falantes que fazem uso dele ou dos contextos em que se desenvolve.

(FIGUEIREDO, 2011: 53)

Importa igualmente mencionar que uma variação não significa necessariamente um desvio para a incorreção ou a eliminação do erro, pois “não é possível, hoje em dia, ignorar a pluralidade de realizações existentes que se afastam da norma ou considerá-las simplesmente como incorrectas, colocando-as à margem.” (ibidem), dado que se tem constatado uma fulcral importância da variação nos estudos da linguística em diversas áreas de investigação.

É em relação ao padrão que as variantes podem ser contrastadas e posicionadas. O maior ou menor afastamento do padrão pode colocar questões de gramaticalidade ou de maior ou menor adequação às situações de uso, embora, do ponto de vista estritamente linguístico, uma variedade não se possa considerar mais ou menos correcta do que outra, uma vez que cada variedade funciona para a respectiva comunidade linguística, que sistematicamente a usa como factor de reconhecimento, de identidade linguística e cultural [...]

(MATEUS, 2003 apud FIGUEIREDO, 2011: 53)

1.2.1. Os dialetos centro-meridionais

A confluência de etnias e línguas distintas nos territórios colonizados deixaria também vestígios lexicais: a par de arabismos (alqueive ‘terra preparada para a sementeira’, taleiga ‘saco, bolsa’) e de moçarabismos (trena ‘trança’, griséu ‘ervilha’), são muitos os arcaísmos galego-portugueses ainda em uso nos dialectos meridionais (calma ‘calor’, mandado ‘recado’, avondo ~ abondo ‘bastante, suficiente’).

Ao mesmo factor se deve a coexistência de variantes de uma mesma palavra. É o caso, por exemplo, das formas correspondentes à denominação da macieira, um

derivado em –ARIA do lat. MATTIANA. Maciêra, representante da variante padrão macieira, convive com a galego-portuguesa macêra e a moçárabe maçanêra, que divergem quanto à síncope ou conservação de N latino intervocálico, mas todas elas com a particularidade de observarem a redução do ditongo ei que caracteriza os dialectos meridionais.

(CARDEIRA & FERNANDES, 2008: 16)

As deslocações sucessivas de colonos de norte para centro e sul de Portugal permitiram, ao longo dos séculos diversos facilitismos em criar-se uma panóplia de variedades dialetais, devido sobretudo a um contacto permanente entre falantes de outras regiões e na posse de realidades e marcas dialetais bastantes heterogéneas. A esse respeito, podemos destacar as épocas da reconquista cristã, a qual traçou movimentos populacionais no sentido de norte-centro-sul, permitindo uma formação de subdialetos e falas regionais como resultado de contactos necessários e persistentes entre falantes. Daí, presume-se efetivamente que “os dialectos portugueses centro-meridionais resultaram de um processo de koinização decorrente dos movimentos de reconquista e repovoamento do território, nomeadamente na região a sul do Mondego” (id, p.7).

Em processos semelhantes, os dialetos insulares resultam igualmente de sucessivos contactos com povos de diferentes destinos, gerando-se a necessidade comunicacional, sobretudo em territórios afetados por uma dupla-insularidade, a par de uma língua que era transportada. Assim, para além de outras variedades que iam chegando à ilha, o madeirense recebeu as influências centro-meridionais aquando do início do seu povoamento, pois vivia-se então uma época detentora de uma aparente estabilidade em afirmar-se um padrão da língua nacional, o que resultou num crescente transporte linguístico para novos territórios conquistados. Assim sendo,

A partir do século XV, a história de Portugal e do português deixou de confinar-se a uma estreita faixa ocidental na Península Ibérica: os descobrimentos e conquistas levaram a língua aos mais distantes pontos do mundo. Para os Açores e Madeira a língua portuguesa foi transplantada numa fase de normalização linguística já centrada na área dos dialectos centro-meridionais. A norma pôde, assim, exercer uma pressão significativa. A esta função unificadora da norma será preciso acrescentar o papel do

próprio processo de colonização que, ao juntar num mesmo e novo ambiente falantes de variedades linguísticas diversas, favoreceu a uniformização. A valorização da função comunicativa da linguagem, ao eliminar características que possam dificultar o entendimento entre os falantes, produziu uma simplificação e um progressivo nivelamento linguístico. Daí que traços sentidos como dialectais (a sibilante apical, a africada palatal surda, o betacismo) fossem suprimidos, criando-se uma língua mais nivelada. Daqui resultou, na prática, uma aproximação aos dialectos centro-meridionais (também eles produto de um processo de povoamento e de unificação linguística), uma vez que estes, sendo o palco da constituição da norma eram, já, os menos marcados.

(CARDEIRA & FERNANDES, 2008: 6-7)

Tendo por base a obra de Leite de Vasconcelos (1901), no capítulo “Dialectes Insulaires”, a presença do dialeto madeirense faz-se notar no contexto dos dialetos centro-meridionais, dado que o investigador defendia a existência de traços dialetais centro-meridionais em alguns falares do Arquipélago da Madeira. Neste “dialecte madérien”, tal como Leite Vasconcelos fez questão de referir na sua obra, destaca, de forma inovadora, a presença da lateral palatalizada *lh* em todo o arquipélago, pois até então nunca nenhum linguista o afirmara. Concluiu, assim, que essa realização não existia em mais nenhum sítio do continente (desde as regiões setentrionais às centro-meridionais) ou mesmo no Arquipélago dos Açores e Brasil. Contudo, nunca especificou nem aprofundou qualquer pormenor relativo às suas origens ou outros fatores que poderão estar na génese dessa particularidade muito típica do madeirense.

Deste modo, constata-se, portanto, que os dialetos madeirenses e açorianos apresentam algumas especificidades próprias que não existem, sequer nos dialetos centro-meridionais, os quais imprimiram mais influência na formação destes sistemas dialetais insulares. Assim, o dialeto micalense é facilmente identificado pela presença das “vogais palatais [ü] e [ö], tal como na variedade dialetal já descrita na Beira Baixa e Alto Alentejo (uva, [ü]va; pouco, p[ö]co), e a substituição do [o] tónico por [u] (amor am[u]r). No arquipélago madeirense, nota-se o fechamento do [a], a ditongação do [i] tónico (ilha [ai]lha) e a palatalização do [l] quando precedido de [i] (filete, fi[λ]ete). ” (CARDEIRA & FERNANDES, 2008: 3).

Não obstante, Leite de Vasconcelos insistia na opinião de que, na verdade, os dialetos insulares, quer da Madeira, quer dos Açores, estariam circunscritos a uma influência dialetal centro-meridional, pois afirma categoricamente que: «les parlers insulaires comparés à ceux du continent se dénoncent (surtout celui des Açores) comme originaires du Sud du Portugal.» (LINDLEY CINTRA, 1990). Nesta sequência, podemos ainda constatar que em quase todo o barlavento algarvio está presente a palatalização do u > ü, fenómeno este que também se apresenta na Madeira, mais concretamente no concelho de Câmara de Lobos, embora com um uso mais limitado e, sobretudo, em falantes mais idosos e com menos contactos sociais com falantes de outras proveniências, contrastando com a ilha de São Miguel onde é a marca evidente do dialeto local.

Este fenómeno de monotongação em palatalização [ö], existente nas variedades de alguns dialetos centro-meridionais (Beira Baixa e Alto Alentejo), que exerce influência nos dialetos do sul (barlavento algarvio) e nos dialetos insulares (Açores e Madeira), é, contudo, de proveniência pouco clara. Todavia, acredita-se que “se deve ter ficado a dever à influência franca das ordens militares. Esta variante seria levada, no século XV, para as ilhas de São Miguel e Terceira nos Açores” (CARDEIRA & FERNANDES, 2008: 12), pelo que continuamos na inquieta questão de como surgiram as ínfimas marcas deste fenómeno, no Algarve e sobretudo na Madeira.

Outro dos raros fenómenos fonéticos ainda resistentes no Arquipélago da Madeira e ainda presente no falar de Tolosa Alto Alentejo (Nisa), é a formação do plural – ãs (id, p.14), embora em todo o Alentejo se ouça pontualmente este tipo de fenómeno, de forma mais discreta, mas denunciadora de uma marca centro-meridional.

1.2.1.1. A influência do dialeto algarvio nos dialetos da Madeira

As mais importantes características dos dialetos centro-meridionais e do sul do país são essencialmente a inovação e a fácil adaptação a sistemas linguísticos de outras partes e de outros povos. Por conseguinte, as áreas centro-meridionais são, por natureza, dotadas de maior abertura ao exterior com outras culturas, nas quais as populações tendem a absorver aspetos da vida social que, posteriormente, se exprimem em especial, na língua, na etnografia e nos costumes da vida diária. Este raciocínio corrobora, portanto, a ideia de que no “centro e sobretudo no Sul do país o português mostra-se uma língua mais inovadora, sendo falada num território menos povoado, logo mais susceptível às influências vindas do exterior e que, além disso, ficou submetido durante alguns séculos à dominação árabe” (DEBOWIAK, 2008: 25).

Com um Algarve e um extenso Alentejo impregnado de marcas e raízes exteriores, Portugal tem contemplado ao longo do tempo heranças mouriscas, as quais somente representam o infundável período de permanência destes povos que deixaram um substrato árabe no português. Nesse sentido, as comunicações existentes na época entre os seus falantes efetuaram-se com diversas variantes, as quais se foram perpetuando e deixando rastros dessa presença até ao momento. Não nos podemos esquecer também que a permanência árabe, particularmente no Algarve, perdurou ainda muito além da chegada de D. Afonso III, pois segundo Eduardo Brazão Gonçalves³, “...a influência das populações árabes (residentes mas já não dominantes) manteve-se ainda por muito mais tempo, pois que alguns séculos mais tarde ainda existiam mourarias habitadas nas principais cidades e vilas do sul do país”.⁴

No entanto, se o Algarve se destaca por ser detentor de um dialeto inovador e permeável a outras influências, também será certo afirmar-se que a sua faceta conservadora também se impôs ao longo dos séculos. A prova disso é

3 Autor do *Dicionário do Falar Algarvio* (1996)

4 In <http://algarvias.no.sapo.pt/algarvio.htm>

que o dialeto algarvio conservou até hoje nuances de feição moçárabe na língua, devendo-se isso também ao isolamento a que os algarvios estiveram confinados durante séculos. As comunicações terrestres eram quase nulas, pois muitas dos contactos estabelecidos eram feitos pela via marítima, as áreas habitadas eram pequenos aglomerados habitacionais, onde os moradores mantinham contacto ou com as populações vizinhas ou povos que, de quando em vez, chegavam do outro lado da fronteira, provenientes das áridas terras do Al-Andaluz. Contudo, posteriormente ao domínio árabe, o Algarve sempre manteve uma ligação muito próxima com Espanha, principalmente o sotavento, onde as populações ainda continuam a mostrar alguns traços semelhantes ao castelhano, daí que se reafirme de forma perentória a ideia de que, na realidade, o povo algarvio sempre se predispôs a aceitar o condão da mudança e da influência linguística, tendo por base uma série de factores sociológicos. A este propósito, destacamos aqui que:

[...] a pesar de que actualmente los contactos de las poblaciones algarvias con las del otro lado del Guadiana se limitan a las localidades fronterizas, la influencia española se percibe en toda la mitad oriental del Algarve, (...) . Esto puede tener como explicación el hecho de que – hasta la guerra civil – hubo importantes migraciones de poblaciones rurales algarvias de Sotavento hacia el sur de España, sin olvidar asimismo las migraciones de pescadores y obreros de conservas a fines del siglo XVIII, y las intensas relaciones comerciales que se remontan al siglo XVI.

(DE ALBA MORENO, 1976: 366)

A par de todas as causas apontadas sobre a força resistencial do dialeto algarvio em afirmar-se até à atualidade como uma variedade do património linguístico do português, os dialetos da Madeira e de Porto Santo têm vivenciado igualmente uma inovação dialetal, apesar de toda a sua assolada insularidade ao longo das épocas. Assim sendo, o povo madeirense, tal como o algarvio, tem sabido lidar com o isolamento, por essa razão é que os dialetos madeirenses registam marcas das influências do exterior, não só do continente português como de falantes de outros destinos e de outros sistemas linguísticos. Durante séculos, a única via de comunicação existente era por via marítima, sendo o mar uma autoestrada para todo o arquipélago, de onde chegavam culturas, povos, línguas e variedades linguísticas. Desta forma, tal como o Algarve, a ilha da Madeira

também viveu um isolamento com uma predisposição para a abertura comunicacional ao exterior, proporcionando a permeabilização das variedades dialetais que se mantiveram até hoje na Madeira e no Porto Santo.

Efetivamente, é muito comum ouvir-se falar que os primeiros homens e mulheres a habitarem a Madeira chegaram do Algarve, embora algumas teorias e investigadores da área da História refutem esta ideia por considerarem que na época do povoamento, o Algarve era um local bastante despovoado, com um território imenso, apresentando uma aridez que não permitia uma atividade agrícola auto-sustentável e rentável. Parece, assim, atestar-se uma vez mais que “só em casos raros, e com dúvidas, como no do moinho manual, ainda hoje tão popular no Algarve (mas também existente noutras regiões como por exemplo, na Beira Baixa e Alto Alentejo, onde eu próprio o pude observar), pôde Jorge Dias⁵ pensar nos algarvios, primeiros povoadores, enviados pelo Infante D. Henrique” (LINDLEY CINTRA, 1990: 103).

Na verdade, as “pegadas” dialetais são algumas e por coincidência ou não, poderão ser interpretadas como sendo marcas dialetais do falar do Algarve, sobretudo oriundas da parte ocidental, o Barlavento.

Com efeito, ainda se poderão referir algumas razões para que se argumente a favor da ideia de que o dialeto algarvio imprimiu indubitavelmente raízes profundas no Arquipélago da Madeira. A influência dialetal centro-meridional nos dialetos da Madeira e Porto Santo ainda se fazem notar, apesar de um período de tempo longo, passado através de sucessivas épocas.

Para demonstrar essa influência, recorreremos à obra de Eduardo Brazão Gonçalves, “Dicionário do Falar Algarvio”, (1996), através da qual podemos relacionar as realizações fonéticas do Algarve comparando-as com algumas realizações dialetais madeirenses:

- A presença de ditongos decrescentes em monotongação: ex: *animás* (animais); *más* (mais); *pãs* (pães); *lençós* (lençóis) e *depôs* (depois). Excecionalmente, a monotongação dos ditongos <ei> (ex: lête – leite), muito frequente em todo o sul (Alentejo e Algarve), não se realiza na Madeira, pois nos

5 Etnógrafo, autor de “Nótulas de etnografia madeirense (Contribuição para o estudo das origens étnico-culturais das populações da ilha da Madeira)”, in revista *Biblos*, XXVIII, 1953-1955, pp. 179-201.

dialetos madeirenses é mais recorrente ouvir-se realizações mais próximas dos dialetos do centro do país, por exemplo da Estremadura (Região de Lisboa), onde é frequente ouvir-se: *láite* (leite).

- A ocorrência de queda da vogal pós-tónica nas palavras esdrúxulas é uma característica da variação dialetal madeirense, encontrando-se presente também nos dialetos do Algarve: *oc'les*-óculos; *muz'ca*-música; *sáb'do* – sábado.

- A manutenção do som [ô] no plural, contrariamente à norma do português-padrão. Assim no Algarve é muito comum pronunciar-se *ôlhos*, enquanto nos dialetos da Madeira, especialmente nas zonas do norte da ilha a realização é *ôalhos*. O mesmo acontece com outras palavras como, *ôavos*, *miôalos*.

- A presença de apócope do fonema final, frequente no dialeto algarvio em: *fig*-figo; *cop*-copo; *amig*-amigo, *log*-logo. Esta mesma realização pode encontrar-se, nos dialetos madeirenses e em algumas freguesias da costa sul da ilha (Caniço, Machico e Santa Cruz) com um maior prolongamento do último elemento vocálico: *cope*-copo; *amigue*-amigo; *logue*-logo.

- A adição da vogal <i> em palavras terminadas, normalmente em verbos - r: *veri*-ver; *fazeri*-fazer *cantari*-cantar, encontra-se no norte da ilha da Madeira, mais concretamente entre Santana e São Vicente. Esta particularidade é igualmente muito característica no concelho de Loulé no Algarve, particularmente nas serras e montes mais isolados dos meios urbanos.

- A presença da forma de gerúndio nas construções perifrásticas com o infinitivo e preposição **a**. Este tipo de construções ocorre também no Português do Brasil, em dialetos dos Açores e, naturalmente, nos diferentes falares algarvios. Por exemplo: *andei* trabalhando; *estava* comendo; *fiquei* rindo entre outros.

- A realização dos verbos na terceira pessoa do plural terminados em – am, produzidos em - em, presente na zona de Portimão, ocorre igualmente na costa sul da Madeira entre Funchal e Machico (exemplos: *fizerem*; *disserem*; *andarem*...).

- O presente do conjuntivo do verbo *ir* nas três pessoas do singular e do plural, muito usado pelos madeirenses (e sobretudo por pessoas menos escolarizadas e mais idosas), é realizado com morfema de conjuntivo como por

exemplo em: vaia, vais, vaia. Também no concelho de Faro se ouve com muita frequência esta realização muito desviante da língua portuguesa e aproximada à língua espanhola: “eu quero que vaias ao supermercado”.

1.2.2. Os dialetos setentrionais

Os contributos de Leite de Vasconcelos, pai da dialetologia portuguesa, para o estudo das variedades dialetais portuguesas constituíram uma revolucionária forma de refletir sobre a realidade dos diferentes falares em Portugal, não se esquecendo de posicionar o mirandês e o barranquenho, como ponto de partida para uma identidade linguística. O seu doutoramento “Esquisse d'une dialectologie portugaise” (1901), estabeleceu então o primeiro passo para uma grande transformação no que diz respeito ao pensamento científico sobre a dialetologia em Portugal. Por esse facto,

Esta foi a primeira obra de síntese mais pormenorizada, descrevendo e classificando as variedades diatópicas do português e que, apesar de imperfeita e já um pouco antiquada, sempre constituiu um ponto de partida que até hoje não a veio substituir nenhum outro trabalho comparável que apresentasse uma extensa imagem actualizada dos dialectos portugueses.

(DEBOWIAK, 2008: 21)

Após muitas décadas, a dialetologia portuguesa ganhou um outro seguidor de Leite de Vasconcelos, Manuel Paiva Boléo (1904-1992), o qual conseguiu, na linha de Leite de Vasconcelos consolidar, outras reflexões dentro da área geográfica dialetal em Portugal, através de instrumentos de análise diversificados, distribuídos por muitas paróquias e freguesias por todo o país, sem esquecer o Portugal profundo, pois aí residiam as raízes dialetais de muitas variedades. Em muitos artigos que escreveu, “Paiva Boléo acabou por confirmar em linhas gerais, os resultados dos estudos de Leite Vasconcelos, tendo conseguido, além disso, recolher preciosos dados para investigações no campo da lexicografia, morfologia e fonética da língua portuguesa” (DEBOWIAK, 2008: 21).

Na mesma linha de investigação, Lindley Cintra (1925-1991) deu seguimento a muitos trabalhos de Paiva Boléo, tendo-se dedicado à lexicografia nas diferentes realidades dialetais da vida rural, o que o levou a escrever o texto “Áreas lexicais no território português (1962). E em 1972 este linguista inovou pela descrição que realizou dos dialetos portugueses, nos quais passa a incluir o galego na sua “Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses”. Destaca-se, neste texto, a importância dos dialetos setentrionais com o objetivo de serem respondidas muitas dúvidas relativamente aos dialetos em Portugal. Assim sendo, Lindley Cintra aproveitou todos os ensinamentos dos seus antecessores para demonstrar e aprofundar uma problemática dialetológica mais convincente no meio científico. Nestas propostas, Lindley Cintra categoriza os dialetos e subdialetos presentes em Portugal em três grandes áreas: galegos; setentrionais e centro-meridionais. Deste modo, o linguista divide Portugal em três áreas geográficas, justificando assim as fronteiras dialetais que ainda hoje continuam a ser referenciadas. Os dialetos insulares (Açores e Madeira) foram mais tarde assentes sobretudo nos dialetos centro-meridionais, pois Lindley Cintra confessa na 1ª pessoa que:

Se se aceitar a minha *Proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses* de 1971 (em que imperdoavelmente não considere os dialectos insulares) e a base em que ali assentei essa classificação (...) Quer isto dizer, evidentemente, que não parece certo afirmar sem hesitação que o grupo de dialectos madeirenses (como aliás, os açorianos) pertencem ao grupo dos dialectos meridionais do continente, como também será inexacto associá-los sem reservas ao grupo dos setentrionais. Misturam-se neles características próprias de ambos os grupos, o que obriga a situá-los num grupo à parte - «insular». Dentro desse grupo os dialectos madeirenses isolam-se dos restantes devido à existência, que procurei rapidamente apresentar, de fenómenos raros, ausentes dos dialectos das outras ilhas, do continente e por vezes até – podemos acrescentar – do resto daquilo a que chamamos România.

(LINDLEY CINTRA, 1990: 103)

Para além do que se mencionara sobre alguns traços generalistas dos dialetos oriundos das áreas setentrionais do continente português, acrescenta-se ainda que, de facto, o norte, o litoral norte e o noroeste sempre se pautaram por

uma faceta dialetal mais conservadora, dado permanecer até hoje algum léxico de origem latina e outros arcaísmos como pegadas do latim vulgar deixadas em toda a Península Ibérica. Em contraste localiza-se o interior, o centro e o sul numa faixa compreendida desde o nordeste ao sudoeste onde se constata maior inovação e menos apego a legados dialetais antigos devido às influências do exterior, sobretudo de Espanha, (DEBOWIAK, 2008: 23) quer em zonas raianas de contacto com o castelhano, quer também da permanência árabe nos territórios mais a sul como o Alentejo e o Algarve. Nesse sentido, os dialetos, especialmente das áreas centro-meridionais “forjaram-se em terras reconquistadas e repovoadas, onde a necessidade de comunicação entre falantes de variedades diversas impôs o nivelamento linguístico” (CARDEIRA & FERNANDES, 2008: 5), de forma a esbater-se e eliminar diferenças comunicacionais, perante contínuos movimentos migratórios e êxodos populacionais, onde a principal meta seria o entendimento entre todos.

Retomando ainda os dialetos setentrionais, estes fixaram-se na faixa mais extrema do norte de Portugal em delimitações de fronteira política com a Galiza, continuando a conservar o fenómeno dialetal do betacismo (não distinção entre a oclusiva /b/ e a fricativa /v/). Curiosamente, estes fenómenos dialetais também ocorrem em casos muito particulares, no dialeto madeirense, a que mais adiante daremos o devido destaque.

Por essa mesma razão, não se pode descurar a inter-relação direta que o os dialetos setentrionais portugueses mantêm com o Galego atual, fazendo valer que indubitavelmente o Português e o Galego convergem de uma mesma língua que tomou caminhos diferentes há centenas de anos, resultando em dois idiomas muito próximos. Ora, o nível de entendimento entre os seus falantes é cada vez mais forte, sobretudo pelas presenças dos traços dialetais comuns e pela carga cultural e etnográfica que os galegos e os nortenhos portugueses mantêm entre si.

O mapa linguístico da faixa ocidental da Península apresenta uma continuidade entre os dialectos galegos e os portugueses setentrionais (conservação da africada /ts/ correspondente à grafia <ch>, oposta à fricativa /s/, grafada <x>; conservação da silbilante apical; conservação dos ditongos /ow/ e /ej/ e betacismo) com raízes mais

antigas que a fundação da nacionalidade e que se consolidou na sequência destas estratégias de reconquista e repovoamento do território. (...)

(CARDEIRA & FERNANDES, 2008: 5)

Assim, é muito frequente surgir a ideia de que os dialetos insulares, quer da Madeira quer dos Açores são, por vezes, menos perceptíveis junto de portugueses continentais, uma vez que apresentam particularidades muito específicas, tal como defendia Lindley Cintra. Contudo, realça-se que esta variação insular deriva igualmente de uma raiz puramente dialetal galego-portuguesa e é, por essa razão, que se constata nos dialetos madeirenses algumas marcas dos dialetos setentrionais e particularmente dos centro-meridionais. Nesse sentido, importa sensibilizar as pessoas para o facto de se tratar de variações dialetais que são faladas e usadas no Arquipélago da Madeira, tal não significa que as mesmas sejam suscetíveis de se tornarem indecifráveis entre outros falantes do português, pois

O facto de falarmos em dialecto madeirense pode aparentemente transmitir a ideia de que o português que se fala na Madeira é muito diferente do que se ouve nas restantes regiões ou países que utilizam este idioma. Esta ideia não é exacta, uma vez que as diferenças existentes não impedem, em situações normais, a compreensão do discurso de um madeirense por outro falante da língua portuguesa e vice-versa, de tal modo que podemos falar de um elevado “grau de inteligibilidade mútua”⁶ entre eles. O que acontece é que existe, de facto, um conjunto variado de diferenças em relação à língua padrão que importa classificar, sistematizar e dar a conhecer.

(FIGUEIREDO, 2011: 59)

É ainda de salientar que a linha de fronteira que separa os dialetos setentrional e centro-meridional é simultaneamente diferenciadora, com particularidades fonéticas e lexicais próprias, mas ao mesmo tempo dotada de perceção comunicacional entre falantes de diferentes regiões do país. Se se pensar no caso dos dialetos insulares, nomeadamente o madeirense, então aferimos, de facto, que o dialeto centro-meridional conferiu uma importante marca

6 In MATEUS, 2003

dialetal aos arquipélagos, constituindo-os assim na prova viva de uma marca dialetal insular muito próxima da norma e afastada dos dialetos setentrionais e galegos.

[...] os dialectos setentrionais portugueses são, de algum modo, a continuação dos dialectos galegos e se distinguem tão claramente de uma área de dialectos centro-meridionais, mais homogénea e inovadora, em que se elaborou a norma do português. É precisamente por ser esta a região em que se constituiu a norma que um dos poucos traços que sentimos como dialetal é a monotongação do ditongo (ej). Se reconhecemos um falante setentrional pelos seus traços marcados, já o falante meridional pouco se afasta da norma. E como o papel centralizador da norma tem nivelado, desde há séculos, a variação dialetal, as diferenças entre dialectos, no português, não impedem a comunicação.

(CARDEIRA & FERNANDES, 2008: 2)

1.2.2.1. A presença setentrional nos dialetos madeirenses

Tendo por base as referências sobre a influência dos dialetos centro-meridionais em quase todos os estudos dialetais do madeirense, parece-nos à partida que os dialetos das zonas setentrionais de Portugal quase não tiveram presença no Arquipélago da Madeira. Porém, a História da Madeira refere, quase sempre, que para além dos alentejanos e dos algarvios, os minhotos e os beirões igualmente figuram nos primeiros povos que chegaram à ilha da Madeira. Os conhecidos “cabouqueiros”, os quais desbravaram os primeiros trilhos da densa floresta Laurissilva foram minhotos e homens do norte de Portugal, que pela sua astúcia e valentia permitiram traçar as primeiras linhas das “levadas” de água, as quais ainda hoje constituem cartaz turístico da Madeira no mundo.

Atendendo à falta de acessos de comunicação desde o povoamento, as populações permaneciam isoladas em pontos estratégicos mais habitáveis na ilha e, por isso, durante muito tempo não estabeleciam contacto com os restantes habitantes. A comunicação tornara-se mais conservadora à volta de determinados traços dialetais, menos expostos à inovação e à mudança, perpetuando-se os escassos exemplos de influência setentrional nos dialetos madeirenses.

De acordo com um estudo realizado por Jaime Vieira dos Santos, persiste uma grande dificuldade em identificar a origem de muitas palavras usadas no dialeto madeirense, concluindo este que “muitos vocábulos aqui transcritos são usados em algumas províncias de Portugal muito especialmente no Minho...” (SANTOS, 1945-47 apud FIGUEIREDO, 2011: 32). Sustentando esta ideia de presença dialetal nortenha na ilha, podemos todavia destacar também a opinião de Abel Marques Caldeira que “há relação íntima entre os falares da Madeira e os do Norte de Portugal Continental” (id, p. 42).

Quanto à pesquisa de Maria Ângela Rezende, esta autora aponta alguns casos de *ai* em vez de *i*, precedido de consoante palatal (e.g. *espaiga* – *espiga*; *vaila* – *vila*) presentes em Fafe e na ilha da Madeira (1961, 170). Estes exemplos foram observados pela investigadora como característicos da freguesia dos Canhas (Ponta do Sol) e Câmara de Lobos, locais que outrora sempre estiveram muito mais isolados dos meios urbanos, nomeadamente do Funchal, não condicionados pela distância mas pela escassez de meios de transporte e de uma rede viária pouco significativa “refém” da orografia acidentada da ilha. Embora de forma escassa, outra particularidade de herança setentrional no arquipélago é a clássica realização fonética nortenha, a oclusiva bilabial sonora [b]. Assim, “o fenómeno da evolução de *v* - *b*, bem conhecido dos dialectos do continente, encontra-se documentado pelo menos na região de Câmara de Lobos” (REZENDE, 1965 apud LINDLEY CINTRA, 1990: 102) A este propósito, neste concelho podemos exemplificar o caso do verbo *Ir* no presente do Indicativo (ex. *Eu boua*) e o vocábulo “Bravo” (ex. *brabo*), os quais constituem os usos mais recorrentes.

Uma outra presença setentrional nos dialetos da Madeira é a introdução da semivogal [j] em algumas palavras, formando um ditongo crescente antes de uma vogal acentuada, sobretudo ainda presentes em Ponta do Sol, Ribeira Brava e Câmara de Lobos, (LINDLEY CINTRA, 1990: 101) tais como: *eskiada* por *escada*; *tierra* por *terra*; *espiada* por *espada*. O caso desta ditongação não está circunscrita somente à Madeira, pois

Impressiona o grande número de casos nas ilhas do Grupo Central, abrangendo o falar da Terceira, algumas áreas da Graciosa e zonas do norte de São Jorge

(BLAYER, 1992). Ditongação semelhante aparece documentada na fala do norte de Portugal que, segundo Cuesta e Mendes (1980), Schürr referia-se a este fenómeno do Douro Litoral e Minho por ser “uma primitiva ditongação condicionada por metafonia por toda a România”.⁷

(BLAYER, 2004; 49-50)

Recorda-se que, muito embora não se tratando de um fenómeno fonético da mesma formação, o norte de Portugal regista igualmente a semivogal [j] epêntica entre vogais em algumas palavras, sendo o caso mais conhecido a *íagua* por *a água*, muito embora, no Arquipélago da Madeira nunca foi ouvida esta realização fonética. Contudo, não se descarta a possibilidade de esta marca dialetal nortenha ter influenciado outros registos fonéticos de ditongação com a glide [j], muito presentes nos dialetos da Madeira e Porto Santo. Por outro lado, um fenómeno fonético muito peculiar de todo o Arquipélago da Madeira, sendo desconhecido até ao momento a sua origem, é o aparecimento de uma ditongação após a oclusiva velar surda [k], mas sempre acompanhada em posição anterior do som consonântico nasal bilabial sonoro [m], neste seguimento: m + k + ia. Assim, temos o exemplo *em casa – im kiasa*.

Ainda com mais difusão em todo o arquipélago é a adição de vogais finais ou paragógicas, (como café – kaféa; pé – péa; avó – avóa entre outros exemplos semelhantes), observados, particularmente, em freguesias e concelhos da ilha da Madeira, onde as populações sempre estiveram mais isoladas, tais como Porto Moniz, Seixal, Santana, Faial, Santo da Serra e Camacha (ROGERS, p.244, apud LINDLEY CINTRA, 1990: 102). Aqui se constata alguma analogia com marcas dialetais setentrionais, sobretudo no Minho e no idioma galego contemporâneo. Neste último, algumas palavras figuram como pertencentes do Galego Normativo, como “avóa”, “marea”, “soa” em sons e significados idênticos àqueles que ainda são proferidos pelos madeirenses. Ainda na sequência da presença muito discreta dos dialetos galego-portugueses em alguns casos dos dialetos da Madeira temos o caso mais típico do norte madeirense (eg. Santana), onde a

7 Schürr, 1980: 61

palavra “couve” é pronunciada por *Koive*, apresentando um ditongo decrescente /oi/, como em outros exemplos: *oiro; doitor; toiro; coiro*.

Ao nível da sintaxe, regista-se, de forma abrangente em toda a comunidade dialetal madeirense, a conservação da perifrástica gerundiva em maior incidência nos verbos auxiliares “estar”, “ficar” e “andar” com o gerúndio do verbo principal (e.g. eu estava fazendo; eu fiquei trabalhando em casa; eu ando avisando aos vizinhos) em vez do emprego de preposição “a” + verbo principal no infinitivo, tal como se verifica em toda a norma culta do português europeu. Deduz-se então que este tipo de construção sintática não apareceu de forma isolada nos dialetos madeirenses, pois foi resultado de marcas dialetais ancestrais trazidas pelas gentes, provavelmente oriundas das áreas setentrionais, não sendo por acaso que esta “perifrástica gerundiva galego-portuguesa caracterizou o português arcaico e conservar-se-ia igualmente em galego.” (CARDEIRA & FERNANDES, 2008: 15). Para além disso e como resultado da expansão marítima portuguesa de então, partilham esta “pegada” dialetal, de forma homogénea, a Madeira e o Porto Santo, o Arquipélago dos Açores e o Brasil.

Assiste-se também na dialetologia portuguesa a misturas dialetais setentrionais e centro-meridionais ao nível da sintaxe, sendo o caso mais exemplificativo do gerúndio flexionado, o qual se pauta por ser menos frequente na Madeira, embora existente (eg. Se eu pensando melhor... com uma intenção de conjuntivo “se eu pensasse melhor...”), contudo, ainda se encontra pouco explicitada a sua verdadeira génese, quer no tempo quer no espaço, pois

Ao contrário do infinitivo flexionado que caracteriza o galego-português, o gerúndio flexionado não se encontra atestado na documentação medieval e a sua implantação geográfica é mais limitada: regista-se apenas nas localidades galegas das províncias da Coruña, Pontevedra e Lugo e, no território do português europeu, na Beira Alta, Beira Baixa, Alentejo e Algarve e nos falares fronteiriços de Cedillo (Cáceres) e de Olivença (Badajoz) em Espanha. Observa-se esporadicamente na ilha da Madeira (LOBO: no prelo).

Estes factores fazem crer que o gerúndio flexionado, de que se desconhece a origem, seja mais tardio do que o infinitivo flexionado, (este com origem no imperfeito do conjuntivo latino e que resulte de um processo analógico espontâneo. (ibidem)

Segunda Parte

A sociolinguística e a variação dialetal

2.1. Língua materna, norma e variação

A presença de linguagem em todas as sociedades humanas conhecidas sugere que ela é um produto da evolução biológica da espécie: em nenhuma sociedade animais se encontram sistemas de comunicação com as características da linguagem humana; em contrapartida, não se conhecem sociedades humanas desprovidas de linguagem.

Uma língua natural é uma língua materna de uma comunidade linguística quando é ela que as crianças nessa comunidade desenvolvem espontaneamente como resultado do processo de aquisição da linguagem. Exemplificando, o Português é a língua materna da maioria das crianças nascidas em Portugal em 1990.

(DUARTE, 2000: 15)

Seguindo a perspectiva de Inês Duarte (2000), “uma língua natural é língua materna de uma comunidade linguística”, dado que à nascença o indivíduo é confrontado com um sistema linguístico, dotado de diversos aspetos comunicativos, primeiramente de sons e cadeias simples ou complexas de enunciados orais, os quais proporcionam uma comunicação entre todos os seus pares sociais. Com a socialização e as normas que se convencionam pelos grupos sociais e políticos (família, amigos, estados), o ser humano começa por aprender e apreender, desde tenra idade a concretização dessa comunicação sob a forma de signos, letras, caracteres e isto atendendo, obviamente, à cultura à qual o mesmo indivíduo está exposto.

Assim sendo, a língua materna de uma comunidade linguística fornece os primeiros contactos de comunicação à criança, tendo em conta o meio onde se insere e os elementos dos quais está dependente. Aprende e reproduz palavras, sons, frases feitas e até mesmo comportamentos socializados, conduzindo a criança às primeiras palavras verbalizadas, (mãe/pai - sob a sua forma mais prematura e de facilidade fonética, mamã/papá), como também os cumprimentos e os agradecimentos (olá, obrigado, por favor, etc.) aqui já com um cariz de imposição social. Deste modo, comunicar é também socializar e, sobretudo, aprender regras de civismo num grupo social com normas e convenções, sempre numa base de língua materna ou natural.

Neste âmbito, importa igualmente salientar que a criança exposta à língua materna, também aprende e apreende outras formas de saber comunicar e daí recorre frequentemente à analogia linguística. Esta não é mais do que uma forma de saber comunicar de maneira intuitiva e consciente daquilo que se passa à sua volta, com recurso a modelos linguísticos simples, por exemplo, verde por *verdo*; azul por *azulo* (recurso ao modelo regular, sendo -o a marca de masculino para a maior parte das palavras em português). Nesse sentido, as crianças expostas a uma comunidade com um sistema linguístico determinado, muito rapidamente conseguem mostrar “um comportamento evidenciador de que compreendem o que é dito à sua volta, e sendo capazes de assumir, num espaço de tempo relativamente curto, um comportamento verbal que satisfaz as suas necessidades comunicativas.” (DUARTE, 2000: 17).

Importa ainda referir que a aprendizagem de uma língua, quer seja materna, quer estrangeira, exige ao falante uma performance ao nível do oral. Aqui considera-se que o ser humano como ser social que interage consoante os estímulos das suas ações com o meio, é igualmente um ser potencialmente falante, que reproduz e imita nos seus primeiros anos de vida tudo o que ouve à sua volta. Por essa razão, a voz é sem dúvida o instrumento primordial da aprendizagem ou aquisição de uma língua, pois é graças à oralidade, mais concretamente à combinação de sons e de palavras que se concretiza a comunicação verbalizada, levando à compreensão e produção de um determinado discurso ou mensagem.

Mas a língua materna vai ainda mais além de um simples sistema linguístico, que o ser humano é potencialmente capaz de reproduzir, ou seja, verbalizar sons e palavras. Assim, os idiomas conseguem mostrar ao falante que falar é agir em sociedade, sem esquecer os estatutos de norma, padrão ou língua oficial, que estão sempre presentes em qualquer idioma, pela sua afirmação como identidade linguística de um país ou de um território. Veja-se, por exemplo, o caso de Portugal no eixo Lisboa-Coimbra; Espanha entre Castela e Leão e o Brasil centrado nas grandes capitais do país – São Paulo e Rio de Janeiro.

Na generalidade das sociedades que dispõem de uma língua dita de cultura, i.e., com uma longa tradição escrita, uma das variáveis geográficas e sociais adquire maior prestígio e é erigida em norma ou língua padrão. A importância da língua padrão não advém de características que mereçam a sua valorização relativamente às outras variedades em presença, mas sim do papel que passa a desempenhar na sociedade em questão. Na realidade, a língua padrão é a variedade que passa a funcionar como língua oficial (i.e., a língua dos negócios do estado), de cultura (i.e. constitui o modelo para a escrita e é ela que é utilizada na produção cultural e científica) e de escolarização (i.e., o ensino é ministrado nessa variedade e é ela que se espera que os alunos utilizem quando são avaliados).

(DUARTE, 2000: 24)

Por outro lado e numa perspetiva de difusão da língua, considera-se então que a normalização linguística permite o estabelecimento de uma variedade considerada única e fixa para a identidade da língua, como instituição linguística onde todos os registos (escrito, oral, lexical) deverão circunscrever-se às regras que lhes estão assim determinadas. Esta posição em matéria de política linguística poderá acarretar problemas de discriminação linguística como também social, sobretudo em comunidades que usam variedades fora das normas e padrões de uma língua institucionalizada. Nesse sentido, Portugal (tal como muitos outros países) enfrentou sempre o problema da discrepância entre a língua ensinada na escola (padrão) e a língua materna ou natural dos alunos que é utilizada em casa, levando a que muitas crianças e jovens encarem as variedades que falam os avós e a família como menos prestigiadas a nível social e daí advirem os estigmas que se conhecem relativamente aos dialetos de Portugal.

Não é por acaso que identificamos facilmente, por exemplo, um falante do norte ou do sul de Portugal, quer pela sua pronúncia, costumes ou mesmo pela maneira como reage em comunidade, perante algumas situações de carácter social. Por esse motivo, aprender uma língua é contactar com uma panóplia de culturas interligadas entre si, por muito que essa língua esteja integrada num sistema maioritariamente monolíngue, como é o caso de Portugal.

Não obstante, o português também usufrui de uma realidade bastante heterogénea e multicultural, quando associado a uma cultura diversificada ao

longo do seu pequeno território (continental e insular), onde ainda figura uma variação dialetal bastante rica.

A variação linguística em Portugal deriva de diversos fatores, os quais são predominantemente responsáveis pelas falas e dialetos que, ao longo do país, se vão identificando. Primeiramente, o fator geográfico ou diatópico permite compreender, dentro da área da geolinguística, as diferenças linguísticas de região para região. Já a vertente diastrática da dialetologia afirma-se através de razões de natureza social ou comunitária, sobretudo evidenciadas nas características de um povo ao nível da cultura, escolarização, costumes e tradições populares, as quais permitirão compreender a variação linguística dentro destes parâmetros, ou seja, a relação do homem e da sua língua em sintonia com o meio onde vive. Já a variação diafásica permite identificar o nível de formalidade linguística dos seus falantes em contextos situacionais e socialmente aceites.

Assim, o exemplo mais comum do tipo diafásico circunscreve-se ao Arquipélago da Madeira, precisamente no caso da palavra 'Você', a qual, quase nunca é usada, sobretudo pela população mais idosa e menos escolarizada, uma vez que dentro da variação madeirense o tratamento por 'senhor' ou 'senhora' é mais frequente para uma abordagem formal. Já a palavra 'vocemecê' poderá ser aceite em contextos situacionais formais, mas é mais frequente ouvir-se junto de população idosa em localidades rurais, como é o caso da ilha do Porto Santo, onde também surge o vocábulo 'amecê' em forma de corruptela da anterior.

Quanto à diacronia da variação dialetal, podemos também referir o caso dos falares madeirenses, portadores de muitos exemplos de presença de vocábulos arcaicos, os quais ainda subsistem em certos locais do arquipélago, em virtude de um menor contacto com outros falantes de procedências diversas de Portugal ou mesmo pela atividade económica a que essas pessoas se dedicam. Contrariamente, o contacto dos mais jovens com o exterior tem permitido que a variação e, neste caso em concreto, os dialetos madeirenses, tomem outros desvios mais próximos da norma. Nessa sequência também é notório que, frequentemente, a escola não tem demonstrado uma abertura proativa para a convivência entre a variação dialetal levada pelos alunos oriunda

do meio familiar e a norma institucionalizada, levando a sociedade a uma subestima involuntária do saber intergeracional, pois “...hoje em dia alguns vocábulos e expressões só sobrevivam na boca de pessoas idosas ou que permanecem mais isoladas, habitualmente ligadas a atividades tradicionais como a pesca e o cultivo dos campos e pouco escolarizadas” (FIGUEIREDO, 2010: 63).

2.1.1. A escola e a variação linguística

Quase sempre o que se constata é que os estados e as medidas políticas centram-se em torno de um monolingüismo, sem terem em conta, salvo raras exceções, as variedades dos naturais e das crianças desde tenra idade, como se essa realidade sociolingüística fosse de menos importância na aprendizagem de uma língua oficial ou materna. Assim, a escola, através de uma política lingüística comandada nos “bastidores”, prepara e formata os seus educadores a transmitirem os padrões lingüísticos ou as normas num determinado país ou estado. Desta forma, Bagno (2003) refere que “...a escola tenta impor a sua norma lingüística como se ela fosse, de fato, a língua comum de todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização.” (BAGNO, 2003: 15).

Por outro lado, este linguista considera a língua essencialmente heterogénea, variante e mutante (2007: 130), partindo do princípio da sua multiculturalidade e sendo a prova viva de uma realidade multilingüística, onde se pode incluir as culturas autóctones, regionais e étnicas. Assim, consideramos inapropriado imprimir, numa determinada língua materna ou natural, conceitos de “falar bem” ou “falar errado”, quando muitas “pegadas lingüísticas”, isto é, termos ou expressões evidenciam a presença de variedades dialetais numa língua.

A problemática surge, sobretudo, em compreender e aceitar algumas ideias de rejeição à volta do convencionalismo da língua padrão, isto com o real propósito de se promover, cada vez mais, uma aceitação pela diferença presente na diversidade lingüística e dialetal e para se “destruir” o mito que associa falar um dialeto a meios rurais, sendo os seus falantes rotulados, injustamente, de não saberem falar. Em oposição, está a língua culta e a norma-padrão que são,

indubitavelmente, transmitidas na escola, pelo que os manuais dedicam sempre mais atenção à realidade monolinguística, ou melhor, a uma língua dentro de si mesma, sem atender às inúmeras probabilidades que poderiam dedicar à variação dialetal. A esse propósito, Bagno refere que

Um dos principais problemas encontrados nos livros didáticos é uma tendência a tratar da variação em geral como sinônimo de variedade regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas. Parece estar por trás dessa tendência a suposição (falsa) de que os falantes urbanos e escolarizados usam a língua de um modo mais 'correto', mais próximo do padrão, e que no uso que eles fazem não existe variação.

(BAGNO, 2007:15)

Ainda nesta linha de raciocínio, constata-se com frequência que os manuais dedicam igualmente muita atenção aos níveis culto e norma, em detrimento de um português de variedade com um “acervo” de falantes bastante numeroso, pois, na realidade, toda a gente fala com marcas dialetais e prosódicas típicas do local ou região de origem. Como é óbvio, estas marcas poderão ser mais vincadas ou mais ténues, dependendo do contacto que o falante tem com os naturais, ou mesmo se, nessa localidade a variação se aproxima ou se afasta da norma.

Na verdade, o nível culto não é mais do que um contexto forçado que a língua fabrica, circunscrito a uma situação determinada de comunicação (escola, instituições políticas etc.), uma vez que o falante, como ser social que é, interage e comunica de acordo com as necessidades comunicativas entre os seus parceiros linguísticos.

Assim sendo, a variedade dialetal quando é abordada nos manuais, torna-se problemática, dado que em muitos países não é facilmente aceite pelas instituições políticas, com responsabilidades em matéria educativa e académica, embora Portugal, nestes últimos tempos, comece a mostrar evoluções nesse campo, mostrando já em matéria educativa uma sensibilidade para os dialetos e falares regionais. No entanto, ainda se observa na população portuguesa em geral um preconceito face aos falares regionais e, sobretudo, dirigido àqueles mais distantes dos grandes centros urbanos, daí que se assista ainda a uma

estigmatização do português falado em diferentes regiões do território nacional e insular.

Consequentemente, esta postura de não abertura à variedade do português poderá provocar nos alunos, desde tenra idade, a ideia de que os falares da aldeia ou das regiões são próprias de gente ignorante sem instrução, quando na realidade os centros urbanos enfrentam igualmente problemas de analfabetismo, de abandono escolar e de outros fenómenos sociais.

Obviamente, qualquer professor ou educador deve ensinar a norma-padrão da língua materna, pois é aí que se encontra a base de toda a dinâmica do processo de ensino-aprendizagem de uma língua, contudo é importante enriquecer a didática de uma língua materna com outros recursos linguísticos, tais como as variedades e falares regionais, as quais detêm fundamentos culturais e históricos que só vêm engrandecer a história da língua. Isso fará com que os alunos compreendam, no caso particular do Arquipélago da Madeira, que a utilização do vocábulo “semilha” imprime uma importância histórica, cultural resultante do contacto com a língua castelhana, nomeadamente, com o vocábulo “semilla” (- semente que vinha das Canárias e por sua vez oriunda da América latina) e não um mero capricho dos falantes madeirenses. Assim, importa transmitir aos alunos que este exemplo ou outros, poderão enriquecer, no seu todo, a língua portuguesa, sendo que os falares e os dialetos regionais, qualquer que seja a sua proveniência, constituem pequenos mas importantes contributos.

Nesse sentido, é importante desmitificar junto dos alunos a ideia de que os dialetos são maneiras erradas de falar ou próprias dos idosos, combatendo com isso preconceitos pré-estabelecidos numa comunidade linguística, onde as variedades poderão ser encaradas como feias ou bonitas, erradas ou certas, antiquadas ou modernas, bastando para isso reforçar, em termos didáticos os fatores históricos e culturais no ensino de uma língua materna. É fundamental, portanto, que o docente consiga incutir nos alunos a capacidade de utilização em diferentes registos de comunicação, quer normativos, quer nas variedades dialetais e com isso dotar o falante (aluno) num indivíduo que manipula, adapta e emprega a sua língua nas mais diversas variantes dialetais, tendo sempre em conta os distintos contextos de comunicação.

2.2. Incursão da variedade sociolinguística no Arquipélago da Madeira: dialeto ou dialetos?

O caso da realidade dialetal madeirense, em particular no âmbito da variação diatópica, é deveras heterogénea, uma vez que o arquipélago apresenta diferentes *sotaques*, léxico e muitas expressões que denunciam, de facto, a localidade a que as mesmas dizem respeito. Ora, assim se julga pertinente estudar toda esta realidade dialetal madeirense, sobretudo, porque

Os dialectos da ilha da Madeira estão ainda muito longe de ter sido estudados cientificamente como merecem. E digo que o merecem, pela sua verdadeiramente extraordinária variedade interna, surpreendente num território que não tem mais que 728 km de superfície (maior comprimento de 58 km e largura máxima de 23 km), mas também pela originalidade de certos traços linguísticos, principalmente fonéticos, que caracterizam não só o conjunto dos dialetos da ilha (e que não têm paralelo em traços fonéticos continentais), como certas particularidades de algumas variedades locais.

(CINTRA, 1991:91).

Assim, o rico conteúdo de informações que aporta a variedade dialetal madeirense pode levar à concretização de possíveis investigações e possibilitar-nos o acesso a um leque de respostas e pistas com vista a uma descrição da cultura etnográfica, linguística e sociológica de um povo que, ao longo dos quase 600 anos no arquipélago, tem sabido coabitar com as adversidades da orografia madeirense.

Desta maneira, o dilema da pluralidade de dialeto e não de dialetos madeirense parece, como nos atestam alguns trabalhos de investigação existente até à data, não constituir unanimidade juntos de alguns investigadores, sob pena da variação dialetal falada no Arquipélago da Madeira ser considerada por alguns investigadores como única e singular, no que ao termo 'dialetos' diz respeito. Contudo, o termo 'falares' tem sido, desde sempre, empregue na sua pluralidade e nunca foi objeto de discussão.

Neste sentido, importa refletir, então, sobre o caso do Arquipélago da Madeira, para justificar a razão pela qual se fala de uma maneira mais afastada

da norma na costa norte e para justificar outras variações na costa sul, mais próximas dos dialetos centro-meridionais, mais concretamente na cidade do Funchal, onde se encontra uma vasta densidade demográfica, a rondar os 120.000 habitantes e contendo, portanto, um leque bastante diversificado de variação dialetal dentro da variação. A este propósito, Cristina Figueiredo (2010) frisa que:

Dentro do próprio arquipélago da Madeira existem diferenças, das quais as mais perceptíveis ao senso comum são as que se verificam a nível fonético, sendo possível, no caso de a pronúncia ser muito marcada, distinguir de que zona da região provém um falante apenas pelo seu sotaque. Estas variações verificam-se não só entre a Madeira e o Porto Santo, mas também dentro de cada ilha (especialmente da Madeira por ser a geograficamente mais vasta e com maior número de habitantes). Além disso, a nível lexical é também possível verificar a ocorrência de variações, distribuídas pelas diferentes zonas da região, de tal modo que algumas colectâneas de regionalismos surgem indicações de vocábulos recolhidos em determinada freguesia ou concelho e que são praticamente desconhecidos fora desse espaço.

(FIGUEIREDO, 2010: 61)

Para além de todos os aspetos demográficos e geográficos, os quais poderão justificar as diferentes teorias à volta de 'dialeto ou dialetos', importa ainda referir que o povo madeirense sempre esteve exposto a uma série de condicionantes e fenómenos sociais, tais como: a vinda de povos estrangeiros endinheirados desde o seu povoamento (sobretudo genoveses, ingleses e alemães) para distintas transações comerciais, como a cana-de-açúcar, o vinho e os bordados; a migração de norte para sul da ilha, (Funchal) ou para locais do território nacional. Já a emigração, sobretudo para a África do Sul, Brasil e Venezuela, fez-se notar igualmente em especial nestes últimos dois séculos, em virtude da situação socioeconómica da ilha ao longo dos tempos e daí a procura incessante, de alguns madeirenses e porto-santenses, de melhores condições de vida. Com todas essas condicionantes, a variedade dialetal falada no arquipélago poderá ter sofrido algumas mutações ao longo do tempo, pois os contactos com o exterior eram estabelecidos com alguma sazonalidade, i.e., com os familiares emigrados que vinham ou regressavam à ilha que contactavam com os naturais

que na ilha ficavam, em especial as mulheres, as crianças e, principalmente, os idosos. Com efeito, a variedade dialetal madeirense tem oscilado entre a inovação e a conservação, corroborando-se a seguinte posição:

Trata-se de falares conservadores porque guardam traços fonéticos, morfológicos, sintácticos, semânticos e lexicais do português da época do povoamento da ilha, principalmente nas regiões mais isoladas. Contudo, os dialectos madeirenses apresentam também muitos traços inovadores, devido ao facto do Arquipélago da Madeira ser uma região que sofreu influências de diferentes culturas.

(NUNES, 1998: 81)

Porém, frisa-se ainda que a variedade dialetal que se fala em todo o arquipélago, qualquer que seja o termo adotado, dialeto, dialetos ou falares, constitui uma diversidade linguística do português que é falado neste território insular português, atendendo a que qualquer português do território continental ou Açores poderá claramente compreender o discurso que é transmitido, a par de algumas particularidades lexicais, sintáticas, morfológicas ou prosódicas, que marcam, na maior parte das vezes, a fronteira entre o “português do continente” e o madeirense. Assim, pretendemos aqui desmistificar a ideia preconcebida de que serão sempre necessários tradutores, legendagens na televisão ou outro tipo de recursos para os falantes dos dialetos madeirenses serem facilmente compreendidos. Isso só vem provar que, de facto, a variedade dialetal do Arquipélago da Madeira se encontra muito próxima dos dialetos centro-meridionais, salvo algumas particularidades de traços dialetais, os quais somente se registam neste arquipélago.

Por conseguinte, a polémica existente em meios científicos e académicos entre 'dialeto' ou 'dialetos', 'falar' e 'variedade', reside provavelmente na aproximação ou no afastamento de uma língua materna (padrão) exposta a uma variedade dialetal bastante heterogénea, basicamente como resultado de um contacto constante entre diferentes vivências sociais, culturas e tradições, como é o caso da sociedade madeirense.

Os primórdios do início da dialetologia como ciência, foi marcado com as opiniões dissonantes do que se pensava sobre dialetos e falares, como foi o caso

de Adolfo Coelho e de Leite de Vasconcelos. Este último já nessa época (inícios do século XX) reiterou o termo 'dialetos' para referir-se à realidade da diversidade linguística em Portugal, fazendo a referência inovadora ao *Dialecte Madérien* no seu livro *Esquisse d'une dialectologie portugaise*⁸, tal como já o afirmámos anteriormente. Assim, nesta obra que constituiu a tese de doutoramento do autor, Leite de Vasconcelos constatou particularidades distintas entre os falares de Machico, Porto Moniz e Porto da Cruz, locais estes que, desde sempre, foram muito castigados pelo isolamento e pela falta de comunicação terrestre até há relativamente pouco tempo, contribuindo para a conservação provável de certos arcaísmos do português num ambiente social exclusivamente dedicado às lides agrícolas e de pesca.

Em oposição, posteriormente com estudos mais profundos dentro da variação diatópica, Paiva Boléo apenas subscrevia o termo 'dialeto' para os casos particulares do riodonorês, do quadramilês e do mirandês,⁹ sendo que, para este dialetologista, estes são casos mais evidenciadores de maior afastamento da língua portuguesa. Assim, propôs, o termo 'falar' para o que Leite Vasconcelos nomeava como 'dialetos'.

Lindley Cintra afina pelo mesmo diapasão que Leite de Vasconcelos: “Na minha proposta, deliberadamente, não acompanho PAIVA BOLÉO no hábito (que difundiu em Portugal) de não empregar dialecto senão para variedades que se afastam muito profundamente umas das outras ou da língua padrão e de usar falar ou variedade para as que apresentem um menor grau de afastamento. (...) prefiro seguir o costume bastante corrente (e que, em Portugal, já era o de LEITE DE VASCONCELOS) de chamar dialecto a toda e qualquer variedade regional de uma língua, seja qual for o seu grau de afastamento em relação ao padrão.”¹⁰ Além disso, como faz notar Lindley Cintra, trata-se de noções relativas (...) sendo muito difícil

⁸ cf. parágrafo 89, capítulo II

⁹ cf. M. Paiva Boléo, *Unidade e Variedade da Língua Portuguesa*, separata da Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, tomo XX, 2ª série, nº 1, 1954, p.22

¹⁰ Id, 141

encontrar um critério objectivo para determinar onde acaba o que se pode chamar falar e começa aquilo a que se pode chamar *dialecto*".¹¹

(FIGUEIREDO, 2010: 59-60)

No caso particular da ilha da Madeira, o fator geográfico - não pela dimensão da ilha da Madeira, mas pelo seu povoamento assimétrico que se empreendeu desde a chegada dos primeiros povoadores, devido à acidentada acessibilidade - levou a que Lindley Cintra tivesse sido defensor do termo 'dialetos', dado que "não existe uma unidade linguística a que possamos chamar correctamente Dialecto da Madeira, designação que tem como fundamento (...) a geografia (...) e não a realidade linguística." (CINTRA, 1990 apud FIGUEIREDO, 2011: 61). Este investigador sustentou, igualmente, a ideia da presença de uma grande diversidade dialetal no arquipélago, marcada por diferenças acentuadas num espaço relativamente reduzido, como é o caso da Madeira.

Já no que diz respeito ao termo 'falares', para Nadea Nunes (1998) seria o mesmo que dizer Dialeto da Madeira, já que esta investigadora corrobora em absoluto a posição de Lindley Cintra. Desta forma, utiliza o termo 'dialetos', ressaltando a urgência de se fazer algo em prol da variação dialetal madeirense, por forma a não se perder um património linguístico ancestral rico com contributos para a história da língua portuguesa. Deste modo, constata-se que

(...) "é urgente fazer inquéritos linguísticos nos meios rurais mais conservadores, antes que se percam as variedades dialectais ameaçadas pela tendência uniformizadora e massificadora dos meios de comunicação social (...).¹² Urge, de facto, fazer um estudo linguístico exaustivo e pormenorizado sobre o dialecto do Arquipélago da Madeira, que registe estas particularidades tão genuínas que vão morrendo com os falantes que as utilizam. É necessário enriquecer "a história da língua portuguesa com um atlas linguístico regional e com uma gramática dos dialectos insulares da Madeira."¹³

(FIGUEIREDO, 2011: 63)

¹¹ Id, 140-141

¹² NUNES, N., 1998: 89

¹³ Id., ibid.

2.2.1. Variações dialetais na ilha da Madeira

- fatores humanos, ambientais e sociais

A ilha da Madeira, qualquer que seja o seu ponto geográfico – norte ou sul – apresenta uma variação dialetal perceptível aos ouvidos de um falante da lusofonia, realçando-se de imediato a singularidade deste dialeto insular. Ora, como já foi referido neste trabalho de investigação, a questão da pequena densidade territorial da ilha não invalida que, de facto, a variedade não se apresente de maneira heterogénea junto de todos os falantes madeirenses, muito embora se considere, indubitavelmente, que a costa norte da Madeira é, e sempre foi, pautada por um conservadorismo linguístico, mantendo um conjunto de particularidades dialetais, as quais só poderão ser analisadas face a uma variável independente, sobretudo sociológica. Não podemos, portanto, descurar os primórdios do povoamento da ilha no século XV, relativamente à maneira como as gentes se organizaram hierarquicamente ao nível do território e da comunidade, para compreendermos a realidade atual da variação dialetal do Arquipélago da Madeira, em particular na costa norte, onde ainda é frequente ouvir-se “pegadas” de um português ancestral repleto de raízes galego-portuguesas.

Segundo consta, os primeiros povoadores a habitar o arquipélago contavam-se como sendo pessoas analfabetas, presidiários e famílias de condição modesta a quem apenas lhes interessava o trabalho rural e onde a língua falada não constituía senão mais um instrumento do quotidiano para comunicar. Além disso, a forma como se organizaram, na costa norte, onde a acessibilidade sempre foi um problema para o povo madeirense, provocou ao longo dos tempos um isolamento único num ambiente exclusivamente rural, com contactos esporádicos com elementos de outras áreas, não permitindo um grande intercâmbio linguístico entre todos. A participação em comunidade ocorria primordialmente num contexto de convivência religiosa e familiar, constituindo o único vínculo de socialização entre a população que se fixara nas zonas mais inóspitas da ilha.

O espírito individualista da comunidade rural, acrescido do isolamento geográfico, motivado pela falta de acessos e difícil deslocação dentro da ilha, de uma povoação para outra, iriam produzir os seus efeitos, também na língua que, sujeita a mutabilidade própria, iria evoluir a seu modo. Porque a língua evolui diferentemente em territórios diferentes, torna-se facilmente concludente que o português falado na ilha tenha evoluído com características próprias.

(SILVA, 1994: 16)

Presume-se, então, que durante muitos séculos, o povo madeirense desenvolveu uma variação linguística muito própria, atendendo aos fatores geográficos e sociais a que estavam expostos. Os acessos às povoações faziam-se quase exclusivamente por mar, dado que a orografia da ilha não permitia, na maior parte das vezes, uma deslocação pedestre, o que também contribuiu para um afastamento quase permanente com os compatriotas do continente português. A língua materna, então trazida pelos primeiros povoadores, ia-se moldando paulatinamente em virtude dessa ausência da língua-padrão, dando origem a realidades dialetais, as quais têm sido transmitidas através das gerações seguintes. Assim, julga-se ser esta a principal razão para as particularidades que os dialetos da Madeira atualmente exibem, as quais ainda hoje se podem ouvir da boca dos mais velhos, pelo que se constata que a ostracização social contribuiu para o enriquecimento destas variedades dialetais, em especial nas freguesias do norte da ilha da Madeira.

Importa todavia não esquecer que as variedades dos falares do norte da Madeira tiveram também origem na transmissão oral, pois as populações eram maioritariamente analfabetas e, portanto, desprovidas de hábitos de leitura, sendo que o convívio em comunidade fora sobretudo entre vizinhos próximos, também analfabetos e com interesses quotidianos comuns, como a agricultura ou a pesca.

Somente, durante meados do século XX, as escolas primárias chegaram a algumas freguesias e aí as crianças contactaram com a língua materna em formato bastante diferente da realidade linguística de casa. Porém, as populações, sobretudo as nortenhas, da Madeira começaram por perceber que havia características próprias na sua maneira de linguajar, por oposição às formas que a escola lhes ensinava. Neste sentido, as populações depararam-se com um outro registo linguístico, levando-as a uma atitude voluntária de marginalização

baseada entre o “falar bem” e o “falar mal”, formas estas que na Madeira adotaram como designação de uso corrente o “falar da cidade” e o “falar do campo”, respetivamente.

Assim, ao problema da integração num novo meio, num grupo diferente, junta-se a barreira linguística. Para a criança em idade escolar, o registo de língua do professor, considerado modelo, pode produzir efeito de imitação. Para o adulto, tudo depende do nível intelectual do grupo em que se integra, pois a pluralidade das normas linguísticas, muitas vezes, não é aceite e a marginalização pode surgir.

(SILVA, 1994: 20)

Em contraste a toda esta visão da variedade dialetal nortenha da ilha da Madeira, temos um Sul mais inovador, aberto, portanto, a muitas mudanças, nomeadamente, na maneira de falar, de agir com o meio e de assimilar positivamente as diferentes culturas chegadas ao longo dos séculos. Desde sempre, a fixação humana foi mais intensa na orla Sul e respetivas zonas montanhosas sobranceiras ao mar, pois a orografia deste ponto geográfico da ilha sempre apresentou, desde a chegada dos primeiros homens e mulheres, maiores probabilidades de um acesso fácil, com terras muito férteis à disposição de serem desbravadas e sob condições climáticas favoráveis, contrastando com o norte, onde o fator meteorológico é bastante mais agreste e inconstante, acompanhado de intensas chuvas e onde o nível de mar é muitas vezes inacessível. Por estes motivos, o sul da ilha da Madeira fora, e segundo nos reza a história, mais cobiçado pelas gentes vindas de outros pontos, incluindo da própria ilha, sedentos de melhores condições de vida.

Para além de todas as vantagens que o sul da ilha da Madeira apresenta, quer pelas condições atmosféricas amenas, quer pela fácil mobilidade do seu solo já aqui referidas, é importante não esquecer que a capital, o Funchal, situa-se a sul, em ponto geográfico central, que somente dista de 30 km para leste e cerca de 50 para oeste, o que vem facilitar a mobilidade das populações oriundas de outros pontos da ilha. Além disso, o anfiteatro natural onde se desenvolveu a cidade do Funchal mostra uma aprazível baía, onde o mar quase não oferece resistência às intempéries, daí considerar-se o sul como uma extensa área muito

mais cómoda para a fixação das populações. Mas, como podemos aferir as realidades linguísticas do povo madeirense na parte sul da ilha?

Ora, na perspetiva da geosociolinguística, podemos perceber que o povo madeirense fixado a sul da ilha sempre esteve mais exposto a uma série de fatores sociais e geográficos mais propensos à sua integração com o meio e com a comunidade. Aí se poderá igualmente considerar que todos os fenómenos linguísticos que têm ocorrido nos dialetos madeirenses têm sido fruto de uma variação, quer interna e baseada nos domínios lexicais e semânticos, quer externa e logo dirigida a fatores extralinguísticos ou variáveis socioculturais, tais como o sexo, a idade, a escolaridade e sobretudo a influência do meio, ou seja, se se trata do meio urbano ou do meio rural. Por essa razão, a dicotomia entre a língua e o meio é, de facto, determinante para avaliarmos e analisarmos de onde vêm as origens das mais variadas formas de um povo expressar-se, pois

Na verdade, só o conjunto de todas as manifestações fónicas, ou sejam, todos os falares das regiões de um país, constituem a língua desse país. As diferenças fonéticas, sintáticas, flexionais, morfológicas e lexicais não são um produto do acaso, porque o passado, as condições geográficas do meio com os quais o homem é solidário têm uma função bastante importante.

(SILVA, 1994: 23)

Os estudos da variação dialetal do Arquipélago da Madeira já existentes mostram essencialmente as particularidades genéricas dos dialetos madeirenses, com abordagens aos traços dialetais das zonas rurais. Contudo, a variação dialetal que se fala na cidade do Funchal ainda não tem sido uma matéria que tenha suscitado muito interesse pela comunidade científica, pois são poucos os estudos que se centram nesta comunidade com uma riqueza dialetal igualmente importante, muito embora mais próxima da norma. Assim, o povo da capital madeirense apresenta linguisticamente, uma maneira muito própria de expressar-se quanto à variação interna ou linguística, a destacar-se a fonética, o léxico e a prosódia, os quais são também evidenciadores de um desvio à língua-padrão. Não obstante, a variação extralinguística, na perspetiva da sociolinguística tendo em conta os fatores sociais desencadeantes, tais como a idade, o sexo, a

escolaridade e essencialmente as procedências da naturalidade dos seus falantes, permite avaliar também a provável gênese do dialeto funchalense.

O Funchal, tal como qualquer cidade com níveis demográficos acima da média para a sua proporção territorial, tem abrigado ao longo dos tempos forasteiros de outras paragens, ou melhor, pessoas que veem na capital a única porta de saída de uma vida passada num meio rural, muitas das vezes, ostracizado e dotado de escassos recursos de desenvolvimento socioeconómico. Por essa mesma razão, na atualidade, o Funchal apresenta genericamente uma população com laços de parentesco ou de relações sociais com falantes do meio rural de qualquer parte da ilha, incluindo Porto Santo, o que tem proporcionado o aparecimento na capital de uma considerável interferência das variantes dialetais do arquipélago. Logo, as variáveis independentes, como as raízes de naturalidade dos falantes e os contactos frequentes com outros interlocutores contribuem para uma forte coesão da realidade dialetal, muito embora os fenómenos de variação linguística interna sejam também relevantes.

(...) A variação está presente em múltiplos aspetos da língua inclusivamente no léxico, embora os aspetos lexicais e semânticos ou semântico-lexicais sejam menos sistematizáveis do que os fonético-fonológicos, morfológicos ou sintáticos, visto que estes últimos são condicionados por fatores internos, enquanto os lexicais estão intimamente ligados a fatores extralinguísticos de carácter social e cultural, sobretudo etnográficos e históricos, incluindo a origem ou naturalidade rural ou urbana dos falantes. Pois, no caso dos regionalismos, como se trata de uma marca sobretudo da linguagem oral, regional e popular, a observação da variável rural vs. urbano é importante.

(NUNES, 2014: 338)

Desde sempre, os funchalenses mostraram um comportamento linguístico atípico, comparado com outros locais e outras variações dialetais. A confluência de traços dialetais do arquipélago por toda a urbe poderá ser a principal responsável pela sua variação linguística, detentora de um estatuto menos convencional, se comparado com outros casos de dialetos e suas comunidades de fala. No entanto, os falantes do Funchal manifestam na sua expressão oral um cariz multidimensional, no qual podemos abarcar as vertentes geográficas e

socioculturais. Se, por um lado, o Funchal serviu sempre de “porto de abrigo” para o povo madeirense pelas razões que aqui já expusemos, essencialmente na procura incessante de melhores condições de vida, também não será menos verdade afirmarmos que a capital tem contado com uma população bastante heterogénea ao nível sociocultural, pelo que a escolaridade dos falantes parece pouco significativa, embora na verdade faça toda a diferença.

Nos últimos 50 anos, a cidade funchalense tem vindo a crescer face a um aumento da população, essencialmente para a periferia, conhecida como “zonas altas”. Como resultado de uma migração interna, aqui tem-se fixado uma população menos escolarizada e oriunda de meios rurais da ilha, constituída maioritariamente por mulheres que se dedicam exclusivamente às lides domésticas e a alguma atividade agrícola para consumo próprio e por homens inseridos num mercado de trabalho da construção civil e serviços afins. Em suma, nesta confluência entre populações de diferentes origens, rural *versus* urbana, verifica-se então nas cidades e, neste caso particular, no Funchal, o surgimento de 'áreas transfronteiriças' do ponto de vista linguístico, como resultado de uma distribuição demográfica assimétrica, onde a variação dialetal poderá conter vestígios de marcas de variação e de norma, respetivamente. Estes falantes, embora tenham origens rurais, nunca usam a variação dialetal pura das zonas de maior isolamento, o que distingue falantes do 'campo' e da 'cidade'.

A cidade, em geral, usa uma linguagem mais de acordo com a variedade padrão. Por isso, procurámos conhecer a variação social e a vitalidade de alguns regionalismos madeirenses na fala da cidade do Funchal, onde há o encontro de falantes de diferentes proveniências geográficas da ilha da Madeira, formando a chamada zona “rurbana”, zona de transição entre o rural e o urbano. O conceito de “rurban” áreas, ou seja, a noção de contínuo rural-urbano proposta por Bortoni-Ricardo (2004) pretende compreender a variação linguística, evitando o risco de determinar fronteiras muito rígidas entre as variedades rural e urbana.

(NUNES, 2014: 342)

Por outro lado, nas zonas mais baixas da cidade, considerada pelo setor imobiliário de “zona nobre”, encontra-se uma população de nível socioeconómico superior e com uma escolaridade mais exigente com vista a um posto de trabalho.

Neste intercâmbio de pessoas de diferentes graus socioculturais assiste-se a uma variação dialetal que se mistura entre os falantes, mas as camadas sociais mais escolarizadas tendem a usar uma variação muito próxima da norma-padrão devido ao suporte linguístico que a escola lhes facultou, o que poderá fazer surgir junto destes falantes um sentimento de prestígio social e linguístico. É o caso do Funchal em que, a par de uma variação dialetal bastante vincada a nível fonético e prosódico, surgem falantes que empregam um português-padrão 'continentalizado', de acordo com os contextos situacionais da comunidade ou, eventualmente, numa recusa em assumir as suas origens e, portanto, conseguem-se afirmar num plano social de prestígio. Nota-se, no entanto, que esta postura surge particularmente em falantes detentores de um autodomínio do português-padrão, devido ao grau de escolaridade acima da média que detêm ou por estabelecerem contactos de âmbito social com falantes da norma, pois neste caso particular moldam um discurso de forma padronizada, "como uma marca do desejo (...) de pertencerem a um grupo que ideologicamente é colocado como sendo o grupo que 'sabe falar'." (AZAMBUJA, 2010: 3184), sob pena de fomentarem, com este comportamento linguístico, uma hipotética marginalização involuntária à população rural ou a quem, mesmo sendo do centro urbano, faça questão de manter o seu dialeto.

Consequentemente e como resultado de um fraco controlo entre a variação e a norma, poderá surgir, frequentemente, o fenómeno linguístico de hipercorreção, levando à utilização de palavras inexistentes ou sem conteúdo semântico. Os casos mais exemplificativos deste tipo de fenómeno linguístico em alguns falantes do Arquipélago da Madeira, com mais incidência no Funchal, é o uso que fazem das palavras: Ilha (nome comum) por *ila*, Castilho (nome próprio) por *castilo*, pilha (nome comum) por *pila*, milho (nome comum) por *milo* ou ainda trilho (nome comum) por *trilo*, pelo que, nestes casos, tentam evitar a utilização da palatal [j], numa intenção premeditada de julgarem 'falar bem' num determinado meio social, mas numa incorreta aproximação à norma-padrão.

Lembramos ainda que este fenómeno fonético da palatalização é característica única e exclusiva dos dialetos madeirenses (em mais nenhum dialeto do país ocorre este processo), mas somente realizada quando se trata de

vocábulos que contêm um // em posição central ou final de palavra e antecedida de vogal [i], por exemplo, grilo por *grilho*; aquilo por *aquilho* ou Brasil por *Brasilhe*. Assim, a hipercorreção não é mais do que uma

Correção 'acima do nível da linguagem urbana'. Fenômeno linguístico que consiste na busca excessiva de correção – na fonética, na acentuação, no uso de termos -, que acaba por levar a pronúncias e a usos incorretos, por termos de incidir em erros populares. É do domínio da sociolinguística, frequente em casos de pessoas que ascendem a uma nova classe social, por motivos socioeconômicos (mudança para a cidade, casamento com pessoa de outra classe, enriquecimento, etc.)

(DUBOIS et al., 1993, p. 323-4 apud AZAMBUJA, 2010: 3181)

2.2.2. O português falado no Porto Santo: caso isolado na variação dialetal do arquipélago

O caso da ilha do Porto Santo e das suas diferenças diatópicas é ainda mais peculiar do que o da ilha da Madeira, se tivermos em conta a sua superfície total. Ora, esta ilha dispõe de um território de somente 42,48 km², com uma extensão de costa com cerca de 9 km lineares. Contudo, quem por esta ilha passa não consegue ficar indiferente ao conjunto de sotaques que ouve pela boca dos habitantes locais e que caracterizam o “falar porto-santense”.

Desde a costa sul, maior aglomerado populacional e centro urbano da ilha, até às encostas do norte (Camacha) e centro onde se encontram grupos populacionais mais residuais, a ilha apresenta, portanto, uma variedade dialetal bastante heterogénea, a qual poderá ser compreendida, muito provavelmente à luz de fatores extralinguísticos e numa vertente sociolinguística. Já a variação diatópica ajuda-nos a compreender a indicação dos sítios e lugares onde essas diferenças de variação ocorrem, sabendo-se que, à partida, no Porto Santo estas localizações do exíguo território não se encontram a grandes distâncias, como se verifica na ilha da Madeira. Deste modo, o caso desta ilha constitui, de facto, um fenómeno bastante curioso do ponto de vista da dialetologia portuguesa, atendendo à multiplicidade de 'falares' a apenas algumas centenas de metros de distância.

Durante muitos séculos e há relativamente pouco tempo, o Porto Santo esteve confinado a um isolamento quase permanente, pelo que os poucos contactos com o exterior, com a Madeira, ou com o continente português, contribuíram para o desenvolvimento de uma linguagem e terminologia próprias. Porém, apesar de a ilha estar muito fechada pela sua dupla insularidade natural, não significa que se tivesse resignado ao isolamento, pois prova, através da sua marca dialetal própria, as influências do exterior trazidas por povos e línguas.

Reza, assim, a história que os corsários do Norte de África por aqui passavam em busca de bens materiais e géneros alimentícios, e saqueando a ilha sujeitavam a população a uma extrema dificuldade de mantimentos. A influência moura teve então uma presença, embora pontual, neste pequeno território português, alterando os hábitos e costumes do povo porto-santense. Chegavam novas palavras, termos e expressões, as quais vieram enriquecer a variação local e continuando a sobreviver no património dialetal.

Com efeito, na ilha do Porto Santo ainda se conserva a expressão “*Ora Vai-te pr’a Argel*” (SARMENTO, 1914 apud FIGUEIREDO, 2010: 21) como expressão de origem popular, (na Madeira ainda se pode ouvir junto da população mais idosa), num contexto de afastamento de alguém ou de alguma situação a ser evitada. Aqui podemos aferir que, de facto, a presença moura no arquipélago fez-se sentir e com muito desagrado para os madeirenses e porto-santenses, os quais viam os seus bens na posse de povos invasores.

Por outro lado, a influência de falantes de guanche das Canárias, que chegavam essencialmente na condição de escravos, também se reflete um pouco na ilha de Porto Santo. Assim, a palavra *gófio* que ainda perdura no vocabulário porto-santense, embora muito esquecida ou quase inexistente nas gerações mais novas, significa uma refeição preparada a partir de cevada torrada ou trigo para crianças ou idosos doentes.

A origem desta palavra encontra-se no *guanchismo gófio* que designa, nas Canárias, o grão tostado e triturado até quase pó, como farinha e que constituiu, até há poucas décadas, o alimento principal da gente humilde destas ilhas.

(MORERA, 1992: 11 apud REBELO, 2007: 455-456)

A particularidade do dialeto do Porto Santo reside, essencialmente nos traços prosódicos que cada sítio apresenta a uma curta distância, já o léxico não mantém grande variação, pois este é idêntico em toda a ilha. Assim sendo, tal como na costa sul da Madeira onde se observa uma variação menos acentuada que o norte e logo mais próxima da norma, aqui, nesta pequena ilha, ocorre precisamente o mesmo fenómeno. O sul porto-santense, mais concretamente a zona onde se concentra o maior núcleo urbano, a Cidade do Porto Santo, manifesta através dos seus falantes uma rapidez de conversação coloquial a qual não se atribui, comparativamente, aos residentes do sítio da Camacha (norte), onde a variação dialetal se faz com mais lentidão e fiel, por vezes, a termos linguísticos arcaicos e ainda únicos no arquipélago. A explicação para esta variação pode ser, desde logo, respondida sob o ponto de vista da sociolinguística. A parte sul da ilha esteve, desde sempre, mais exposta ao exterior, obviamente pela via marítima, por onde chegavam, de forma regular, as embarcações conhecidas pelo povo local por 'carreiros', vindos do Funchal com o intuito de atestarem a ilha de todas as necessidades logísticas. Daí julgar-se que o 'sotaque da vila', assim como é dito pelos porto-santenses, seja mais aproximado ao 'sotaque' do Funchal, provavelmente por uma questão de um intenso contacto direto com os madeirenses. Por oposição, o norte e o interior da ilha (Camacha e Serra de Fora) apresentam uma postura linguística mais conservadora, como já aqui foi referido anteriormente, em virtude de os seus falantes manterem traços prosódicos, e em alguns casos lexicais, que retratam o Porto Santo na antiguidade.

Por este facto, julgamos que num possível estudo dos falares do Porto Santo, no âmbito da sua variação dialetal, os critérios extralinguísticos, i.e., os fatores sociais, ambientais e humanos, poderão interferir e até sobrepor-se ao fator linguístico, dado que, em Porto Santo, as variáveis independentes do foro sociolinguístico dos falantes revelam uma provável resposta de causa-efeito. Esta perspetiva só vem provar que o fator social de uma comunidade de fala toma contornos, igualmente importantes, para a compreensão de uma variedade.

A Sociolinguística estuda as conexões entre linguagem e sociedade e o modo como usamos a linguagem em diferentes situações sociais. Ela geralmente reflete a realidade do discurso humano e mostra como um dialeto pode descrever a idade, o sexo, e a classe social do falante, sendo uma codificação da função social da linguagem. Desse modo, a Sociolinguística abrange desde o estudo comparativo entre a variedade de dialetos através de uma região até análise entre os modos de falar de homens e mulheres, jovens, ricos e pobres, letrados e iletrados. Para os sociolinguistas, nas comunidades de fala, frequentemente, existirão formas linguísticas em variação.

(ARAÚJO, 2010: 3)

Efetivamente, a ilha do Porto Santo mostra na atualidade uma sociedade aberta ao exterior, tanto no domínio social como no domínio linguístico, apesar de ser conhecido o seu estatuto de dupla insularidade. Esta abertura só tem sido possível pela determinação e perseverança do povo porto-santense que, inteligentemente, tem sabido enfrentar as suas adversidades e, por isso, se apresenta, atualmente como uma sociedade que, para além do horizonte, tem mantido um contacto sempre permanente com outros povos, outras culturas e línguas. Somente esta postura civilizacional pôde dotar este pequeno território de uma riqueza dialetal, que, apesar de tudo, continua a estar viva como fruto de uma transmissão intergeracional.

Mas o desenvolvimento, por vezes, é incontornável e por isso urge preservar as suas raízes, quer culturais, quer linguísticas, pois só assim poderemos perpetuar o património humano e social, a cultura, a língua e o dialeto. Neste momento, o maior risco que a variação dialetal de Porto Santo enfrenta, baseia-se particularmente num contacto exterior feito através de uma realidade linguística mais aproximada à norma-padrão vinda, quer da Madeira (sobretudo do Funchal), quer do continente português, como resultado da sazonalidade do setor turístico, sob pena de se eliminar, à partida alguns traços que o dialeto porto-santense apresenta.

Igualmente podemos referir a população mais jovem, os estudantes, os quais, com as suas maiores possibilidades de acesso ao ensino universitário, são obrigados a sair para a ilha vizinha ou para o continente português, desvinculando-se, paulatinamente e pela imposição social, da sua realidade

dialetal, pois passam de um convívio familiar para um convívio social de amigos, colegas e professores, onde impera obviamente a norma linguística. Além desta razão, junta-se o excessivo uso, que hoje se nota na camada estudantil generalizada e o caso do Porto Santo não poderia ser exceção, das novas tecnologias de informação, no domínio das aplicações de software para telemóveis e computadores, a partir dos quais os alunos contactam com outras realidades linguísticas através das redes sociais e grupos de conversação em linha.

Por outro lado, a fixação de profissionais do setor público, como os professores e funcionários da administração pública trazem a abertura social que o Porto Santo tanto ansiou, mas, por outro lado, transportam, naturalmente, uma realidade linguística, na maior parte dos casos muito semelhante à norma padrão, o que não vem contribuir, sociolinguisticamente, para a preservação do dialeto local. A esse propósito, destaca-se a intervenção de Helena Rebelo (2003), na qual a investigadora testemunha:

Contou-me um poeta local que, na sua juventude, os madeirenses não entendiam os portossantenses. Dizia-me ele que acontecia o mesmo que no Continente onde os lisboetas podem ter dificuldade em compreender os alentejanos. Acrescentava que, no Porto Santo, havia uma forma de falar específica como é, por exemplo, específico o falar do Porto onde se “fala com b e para baixo não”. Porém, justificava que “agora, já não se nota tanto”, “já não se dá por isso” porque “as pessoas vão para a vila”. Queria ele dizer que a diferenciação linguística entre as duas ilhas do Arquipélago desaparecera porque as pessoas já não vivem isoladas, estudam e adquiriram hábitos citadinos como acontecia na Madeira.

(REBELO, 2003: 19-20)

Terceira Parte

3. O uso dialetal no arquipélago pelos jovens em escolarização: trabalho de campo

3.1. Metodologia de Trabalho - nota prévia

Este trabalho de investigação apresenta o tema em estudo: “Conhecimento e uso do dialeto/falar madeirense dos jovens em escolarização da R.A.M - análise de enunciados dialetais: léxico”. O seu corpus de trabalho foi constituído a partir da recolha de uma amostra de alunos naturais da Região Autónoma da Madeira, em inquéritos por questionário sobre o domínio ou não dos dialetos falados no Arquipélago da Madeira. Assim, pretendemos neste estudo aferir o grau de conhecimento que os jovens em idade de escolarização revelam sobre a sua variação dialetal, perante sobretudo os contatos frequentes com a norma-padrão ou outras áreas dialetais que a sociedade contemporânea nos impõe através das novas tecnologias de informação e mediatização. Importa também aqui neste estudo observar qual o tipo de aceitação que os jovens na atualidade demonstram pelo uso da realidade dialetal que tem sido transmitido num eixo intergeracional.

Será, portanto, importante averiguarmos nesta pesquisa o posicionamento que a variação dialetal tem tido ao longo das gerações, sobretudo na sua manutenção ou desaparecimento e respetivos fatores. Neste sentido, pretendemos, com este estudo, responder às seguintes questões:

- a) Será que alguns alunos sentem vergonha em utilizar o dialeto, face à presença de uma minoria de alunos provenientes do continente português?
- b) Qual a importância que esta amostra de alunos atribui ao dialeto madeirense?
- c) Poderão os alunos julgar que essa “maneira de falar” só se circunscreve aos mais antigos, por exemplo, aos avós?
- d) No contacto com algumas expressões e palavras novas, os alunos mostram interesse em saber o significado e, sobretudo, a sua origem?
- e) A globalização tem vindo a acentuar paulatinamente o desaparecimento do dialeto madeirense nos jovens?

As hipóteses prévias formuladas acima referidas poderão suscitar o levantamento de novas consciências acerca das variações dialetais, pois a presença de fatores externos relativamente à língua e ao dialeto, e.g., o prestígio que uma língua imprime numa comunidade de falantes, o que poderá igualmente desencadear algumas transformações e fenómenos de carácter linguístico. Salienta-se assim que a 1ª hipótese prévia poderá levantar a questão acerca da “timidez linguística” por alguns alunos, face à presença de outros falantes da norma-padrão da língua. É também pertinente ponderarmos se o isolamento, neste caso insular, contribui para a manutenção da variação, dado que, como defende Inês Sim-Sim (1998), os elementos da comunidade partilham o seu léxico, na “lealdade linguística”, no entanto quando se estabelece contactos com outros grupos, por diversas razões, surge o fenómeno de “aculturação”.

Por outro lado, tendo por base o ambiente sociocultural e as variações, também é importante referir que uma criança imprime uma dotação de linguagem à medida que se estreitam os convívios com os outros falantes adultos, (Sim-Sim,1998), muito embora seja de facto importante averiguar se o contacto com falantes fora da comunidade leva a criança a manifestar confusão e ocasionalmente rejeição por julgar que, com os avós e os pais terão que se expressar de maneira diferente. (cf. hipótese prévia c))

Dando início a esta Terceira Parte da Investigação divulgamos no ponto 3.1.1. “Amostra – dimensão e caracterização”, onde se apresenta a amostra estudada e a sua caracterização organizada por categorias como o sexo, a idade, a naturalidade, a escola e a localização geográfica no arquipélago. Já no ponto 3.1.2. “Instrumentos de Trabalho - questionário para análise de enunciados lexicais e inquérito sociolinguístico” abordaremos a descrição do material a ser utilizado neste trabalho de campo, cujos instrumentos são constituídos pelo questionário linguístico e seguidamente pelo inquérito sociolinguístico, o qual permitirá revelar uma correspondência direta com os objetivos da investigação. Para além disso, pretendemos estabelecer uma articulação entre o inquérito linguístico e o inquérito sociolinguístico para aferirmos a presença de fatores extralinguísticos. Ou seja, as categorias tidas em conta neste estudo, tais como a idade, o sexo, a naturalidade/local de residência habitual dos informantes poderão

justificar, ou não, o uso do dialeto e dos diferentes desvios linguísticos à norma padrão.

Relativamente ao ponto 3.1.3. “Análise e discussão de dados”, divulgaremos os dados obtidos através dos questionários aplicados aos informantes selecionados, bem como a discussão face aos dados recolhidos. Assim, neste âmbito, pretendemos cruzar os fatores sociais e dialetais (extralinguísticos e linguísticos), os quais poderão evidenciar algumas possíveis respostas às questões formuladas em fase prévia.

3.1.1. Amostra – dimensão e caracterização

A amostra deste trabalho de investigação foi constituída aleatoriamente por jovens em escolarização e residentes no Arquipélago da Madeira. Estes informantes foram ainda estratificados em categorias do factor social, tais como a idade, o sexo e a naturalidade de maneira a cruzar dados, com vista a uma resposta de fator linguístico-dialetal.

Assim sendo, esta amostra é constituída por um total de 40 informantes nas quatro escolas do arquipélago selecionadas para este trabalho e divididos em 10 inquiridos por cada escola. Neste sentido, consideramos que o número desta amostra é satisfatoriamente exequível aos propósitos desta investigação, o que constitui assim um número representativo, atendendo aos valores reais e atuais da população do arquipélago. Por esse facto, salientamos que, de acordo com os últimos Censos de 2011, a Região Autónoma da Madeira apresenta 267.785 habitantes por uma densidade populacional de 334 hab./km², assim como a população estudantil do 3º Ciclo perfaz um total de 11.392 em 2014, de acordo com os dados oficiais da Secretaria Regional da Educação da R.A.M.

Quanto à totalidade dos 40 inquiridos, estes foram distribuídos pelos quatro concelhos/escolas em 10 alunos de cada, nos quatro concelhos selecionados, a saber: Funchal, Câmara de Lobos, Santana (freguesia de São Jorge) e Porto Santo. Nestes grupos de escola/ concelhos os dois concelhos que representam a costa sul da ilha da Madeira são constituídos por Funchal e Câmara de Lobos,

sendo que a costa norte é representada pelo concelho de Santana (São Jorge). Finalmente, o concelho do Porto Santo é representado pela 2ª ilha habitada do arquipélago, não se considerando, portanto, em delimitar em norte ou sul, devido ao seu isolamento e tamanho. Neste sentido, o que importa aqui é aferir, essencialmente, os casos isolados do dialeto desta ilha, nomeadamente os traços únicos dialetais e ainda existentes, para além de se poder observar igualmente na amostra desta ilha um domínio de palavras ou expressões comuns de todo o arquipélago.

É ainda importante destacar que os concelhos representados neste estudo, nomeadamente a costa sul, i.e., Funchal e Câmara de Lobos, são dois municípios de grande densidade populacional e muito próximos, distando entre si 10 km. Para além disso, estes concelhos dispõem de mais do que um estabelecimento de ensino, o que vem provar que apresentam uma população mais jovem e dispersa por uma área mais ampla. Por oposição, a costa norte representada pela freguesia de São Jorge do concelho de Santana apresenta uma população menor e mais envelhecida, logo o estabelecimento de ensino local é o único existente. À semelhança deste concelho, a escola do ensino básico e secundário do Porto Santo é igualmente única, mas devido essencialmente ao tamanho exíguo da ilha, muito embora com uma população menos envelhecida do que a do norte da ilha da Madeira. Na ilha porto-santense tem-se vindo a assitir, desde há muitos anos, a uma grande fixação de pessoas vindas do exterior, quer da Madeira, quer do Continente, o que tem permitido verificar-se uma heterogeneidade demográfica com a população natural da ilha.

Para uma melhor compreensão da realidade, em termos sociológicos, dos jovens em escolarização neste estudo comparativamente à escola que frequentam, atente-se (quadro 1 abaixo), onde se apresenta uma breve descrição de cada estabelecimento de ensino.

Concelho	Nome do estabelecimento de ensino	Níveis de ensino	Atividades socioeconómicas dos encarregados de educação
Funchal	Escola Básica dos 2º/3º Ciclos dos Louros	2º/3º Ciclos CEF/cursos profissionais	Comércio/serviços Função pública
Câmara de Lobos	Escola B+S Dr. Luís Maurílio Silva Dantas	2º/3º Ciclos/Secundário CEF/cursos profissionais	Pesca/agricultura Comércio/serviços
Santana	Escola Básica dos 2º/3º Ciclos Cardeal D. Teodósio de Gouveia – São Jorge	2º/3º Ciclos CEF/cursos profissionais	Agricultura/pecuária
Porto Santo	Escola B+S prof. Dr. Francisco de Freitas Branco	2º/3º Ciclos/Secundário CEF/cursos profissionais	Comércio/serviços Função pública

Quadro 1: Descrição sumária dos estabelecimentos de ensino

Em outros pontos do arquipélago, essencialmente na costa sul ou zonas do leste e oeste da Madeira, ainda subsistem valores consideráveis de jovens em escolarização, como é o Caso de Machico, Santa Cruz e Calheta (costa sul). Contudo optámos por não incluir neste estudo essas localizações, pois consideramos ser suficientemente viável estudar os resultados obtidos nos concelhos do Funchal e de Câmara de Lobos.

Frisamos ainda que todos os restantes concelhos e freguesias não incluídos neste estudo continuam a manifestar traços dialetais e desvios à norma padrão, os quais retratam vivamente a heterogeneidade dos dialetos madeirenses. No entanto, julgamos não ser pertinente incluí-los neste projeto de investigação, uma vez que os jovens em escolarização do 3º Ciclo, nestes pontos da ilha da Madeira são em número reduzido, como é o caso dos concelhos do Porto Moniz e de São Vicente (costa norte). Aqui, nestes casos particulares, nos últimos 10 anos tem-se vindo a verificar deslocações substanciais das populações e dos jovens em escolarização para os concelhos da costa sul, como a Ribeira Brava, Câmara de Lobos e o Funchal, motivado pelo melhoramento e, em outros casos à construção de raiz, de uma rede viária (via rápida e vias expresso). Nesse sentido, estas recentes infraestruturas viárias têm possibilitado uma

mobilidade da população para os concelhos a sul, em detrimento de uma desertificação notória das zonas rurais interiores da ilha da Madeira.

Seguidamente, passamos a apresentar o mapa do arquipélago (fig. 1) com os pontos de estudo assinalados e onde foram aplicados os instrumentos de trabalho desta investigação: Questionário Linguístico e o Inquérito Sociolinguístico.



Figura 1: Mapa do arquipélago com os pontos de localização do estudo.

A distribuição da amostra por categorias de fatores extralinguísticos pode ser observada no quadro 2.

Localidades	Idade			Género		Naturalidade					Total
	12/13	14/15	16/17/18	Masculino	Feminino	Funchal	C. Lobos	Santana	Porto Santo	Outra:	
Funchal	4	6	---	7	3	9	---	---	---	1	10
Câmara de Lobos	1	6	3	8	2	4	6	---	---	--	10
Santana	1	9	---	7	3	---	---	9	---	1	10
Porto Santo	9	1	---	5	5	---	---	---	10	--	10
Total	15	22	3	27	13	13	6	9	10	2	

Quadro 2: Amostra de informantes por categorias de fatores extralinguísticos.

Nesta amostra parece-nos importante termos em conta as categorias, como a *idade*, o *género* e a *naturalidade* para assim estabelecermos comparações nas atitudes linguístico-dialetais dos informantes em correlação com os elementos extralinguísticos. O quadro 2 apresenta, assim, as categorias onde se discrimina o carácter sociológico dos informantes (grupos etários, género e naturalidade).

Assim sendo, atente-se no fator idade: um aluno na faixa etária entre os 12-13 anos poderá reagir a alguns traços dialetais bem distintos, comparativamente aos alunos de faixas etárias superiores. Os mais jovens tendem a aportar ainda um discurso muito próximo do meio familiar e pouco trabalhado do ponto de vista da norma. Aqui também se poderá considerar todavia que, na maior parte dos casos, o nível de escolaridade poderá contribuir para uma maior consciência linguística, na medida em que o aluno vai interiorizando e tomando contacto com aprendizagens da língua-padrão veiculada no meio escolar. Por esse facto, é na escola que os alunos adquirem, na maior parte dos casos, “o valor de saber ouvir e saber expressar-se” (SIM-SIM, 33: 1998), a par de uma maturidade linguística e padronizada que se vai notando patente ao longo da escolarização.

Através da categoria género, podemos observar se a atitude dialetal mais acentuada estará intimamente relacionada com o género do informante. Por outro lado, convém igualmente termos em linha de conta que os adolescentes demonstram atitudes e formas próprias de postura social: o rapaz tende a demonstrar um desenvolvimento da puberdade mais lento, por oposição às raparigas que manifestam transformações físicas e atitudinais mais cedo e em muitos casos de maneira precoce. Nesse sentido, urge saber se o desenvolvimento da personalidade dos adolescentes também interfere diretamente na reação de conservação ou recusa do seu dialeto, sempre numa perspetiva de género.

Quanto à categoria *naturalidade* dos informantes expressa nesta caracterização, podemos igualmente considerar que a localização dos concelhos/escolas no Arquipélago da Madeira poderá, ou não, determinar respostas distintas, conforme as particularidades dialetais dos falares do

arquipélago. Os alunos com realidades dialetais da costa sul poderão manifestar respostas linguísticas distintas dos alunos naturais da costa norte e da ilha do Porto Santo. Contudo, é importante termos em consideração que alguns informantes nestes inquéritos são oriundos de outras localidades distintas daquelas onde residem habitualmente. Além disso, a naturalidade do aluno-informante poderá ser diferente da naturalidade dos pais/seio familiar. Nesse caso é importante considerar a realidade dialetal falada em contexto familiar e daí se concluir, por esse facto, se se mantém ou não uma partilha intergeracional do dialeto.

Em suma, consideramos importante pôr em destaque os efeitos que os fatores sociais tendem a provocar, resultando em diferentes posturas de atitude linguística dos inquiridos. Deste modo conseguiremos, mais facilmente, compreender as diferentes atitudes dos grupos em estudo, os quais poderão mostrar alguma oscilação entre atitudes antagónicas: em atitudes conservadoras, por manterem viva a sua realidade dialetal, e por oposição, em atitudes inovadoras quando, neste caso, adotam uma postura de afastamento à variação dialetal do arquipélago por uma comunicação muito próxima da norma.

3.1.2. Instrumentos da recolha de dados: questionário para análise de enunciados lexicais e inquérito sociolinguístico

Apresentamos a preparação do projeto de pesquisa que nos levou à elaboração do teste de vocabulário e de expressões idiomáticas da variação dialetal do arquipélago. Assim, este tem como objetivo testar, junto do grupo de alunos, o domínio e o conhecimento que têm perante alguns vocábulos e expressões idiomáticas do “falar madeirense”, contextualizado em diferentes situações comunicacionais do quotidiano. Ainda nesta sequência, a investigação que aqui se pretende estudar recorre a uma metodologia de investigação de natureza quantitativa, por essa razão recolhe, apresenta, descreve e interpreta dados relativos ao domínio do dialeto madeirense por este universo de alunos em escolarização e a frequentarem escolas públicas e sob a tutela da Secretaria Regional da Educação da Região Autónoma da Madeira. Além deste instrumento

de trabalho de natureza linguística, a esta amostra de alunos é aplicado um inquérito de natureza sociolinguística, de modo a conseguirmos relacionar alguns dados de âmbito extralinguístico, face às atitudes espontâneas de cariz linguístico e dialetal dos alunos.

Assim, a partir destes instrumentos de trabalho pretende-se:

- constatar a presença ou ausência de comportamentos linguísticos inseridos numa realidade de variação da língua, de acordo com os diferentes locais geográficos dentro do arquipélago;
- identificar nos informantes em estudo atitudes de fuga e de estigma no uso do dialeto;
- observar atitudes de manutenção ou recusa do dialeto determinado por fatores extralinguísticos: idade, sexo e naturalidade;
- relacionar o uso do dialeto nos jovens em escolarização com a origem dialetal dos pais ou da realidade de variação no meio familiar.

Quanto ao inquérito sociolinguístico dirigido aos encarregados de educação, tal como já foi referido no projeto de investigação, não se proporcionou a sua aplicação por motivos de força maior, prendendo-se essencialmente pela falta de disponibilidade das pessoas a serem envolvidas no estudo. Não obstante, conseguiu-se obter resultados credíveis e pertinentes no inquérito sociolinguístico dirigido aos alunos, daí termos considerado prescindível a não aplicação do inquérito sociolinguístico-família.

3.1.2.1. Descrição matricial

a) do questionário de enunciados lexicais

Este questionário de natureza linguístico-dialetal encontra-se dividido em quatro partes, tendo por base um texto de autor desconhecido adaptado por nós,

indo assim ao encontro dos objetivos que se pretendem atingir, nomeadamente ao nível de domínio dos conteúdos lexicais.

Desse modo, a este texto-base foram acrescentados vocábulos do discurso coloquial e expressões com diversas marcas próprias do discurso oral, cativando o interesse por quem o lê, dado o teor cómico e popular do discurso. Assim, os quinze vocábulos a serem trabalhados e identificados pelos informantes encontram-se numerados no texto-base, para que na primeira atividade do Grupo I (que mais adiante descreveremos) os alunos estabeleçam uma correspondência direta e contextualizada com a atividade proposta.

Para além do questionário testar o nível de conhecimento e domínio das marcas dialetais do arquipélago pelos jovens em escolarização, o mesmo se define, igualmente, num meio de apuramento quantitativo. Ou seja, conseguir-se-á aferir, estatisticamente, o número exato de informantes que conseguem identificar as particularidades dos dialetos do arquipélago (vocábulos, expressões idiomáticas e conceitos), de forma aceitável ou não aceitável, de acordo com o teor dialetal que o povo madeirense convencionou ser certo ou errado.

Na elaboração do questionário tivemos também em conta que os quatro grupos deveriam abordar dois diferentes aspetos, quer lexicais, quer morfossintáticos desviantes da norma padrão. Assim, nos grupos I e II pretendemos observar o domínio de conteúdos lexicais, de acordo com enunciados e situações expressamente contextualizadas, ao passo que nos grupos III e IV procurámos constatar o nível de autonomia de escrita dos informantes, face a vocábulos do dialeto madeirense, os quais deverão ser devidamente contextualizados por esta amostra em conteúdos e conceitos semânticos aceitáveis.

Concluindo, o questionário soma um total de 50 questões/tarefas, em duas diferentes tipologias:

- ❖ 27 tarefas/questões de natureza de escolha múltipla e de apenas uma possibilidade de resposta.
- ❖ 23 tarefa/questões de resposta aberta de construção de enunciados/frases livres e de conceitos/significados.

Relativamente ao grupo I do questionário, pede-se ao aluno para optar por um vocábulo sinónimo de entre as três opções de resposta, tendo em conta o contexto semântico onde se insere a palavra numerada no texto-base. (cf. Doc.1) O propósito desta atividade visa essencialmente observar se os informantes conhecem ou não conhecem as palavras e as suas aceções, dado que toda a temática presente no texto-base remete para um discurso bastante vivencial do quotidiano de ambiente mais rural. Não obstante, muito provavelmente, não invalida que informantes de outros pontos geográficos do arquipélago não consigam identificar, uma vez que a naturalidade dos pais/meio familiar proporciona, muitas vezes, uma aprendizagem pelo uso sistemático e pela repetição espontânea dos falantes, levando à boa compreensão entre os interlocutores dos diferentes dialetos. Também importa ainda acrescentar, que alguns vocábulos deste grupo (Grupo I) são comumente conhecidos e em uso frequente em todo o arquipélago.

De entre os 15 enunciados do Grupo I para escolha da opção de apenas um sinónimo aceitável, encontram-se:

1. a) *merceeiro* b) *vendedor* c) *agricultor*

do vocábulo nº 1 – **vendeiro** – no texto-base.

2. a) *mentiroso* b) *trabalhador* c) *preguiçoso*

do vocábulo nº 2 – **calaceiro** – no texto-base.

3. a) *valeta* b) *moinho* c) *poço*

do vocábulo nº 3 – **levada** – no texto-base.

4. a) *sementes* b) *legumes* c) *batatas*

do vocábulo nº 4 – **semilhas** – no texto-base.

5. a) *doces* b) *pastilhas elásticas* c) *rebuçados*

do vocábulo nº 5 – **gâmesses** – no texto-base.

6. a) *pernas* b) *braços* c) *costas*

do vocábulo nº 6 – **arcas** – no texto-base.

7. a) *partiu* b) *apanhou* c) *limpou*

do vocábulo nº 7 – **esmegalhou** – no texto-base.

8. a) *chapada* b) *beijo* c) *empurrão*

do vocábulo nº 8 – **relampada** – no texto-base.

9. a) *contente* b) *zangado* c) *triste*

do vocábulo nº 9 – **estepurado** – no texto-base.

10. a) *despenteado* b) *magado* c) *roto*

do vocábulo nº 10 – **esfrancelhado** – no texto-base.

11. a) *entupir* b) *destapar* c) *tapar*

do vocábulo nº 11 – **desatupir** – no texto-base.

12. a) *zangada* b) *contente* c) *atenta*

do vocábulo nº 12 – **rabugenta** – no texto-base.

13. a) *esquecido* b) *doente* c) *feliz*

do vocábulo nº 13 – **emantado** – no texto-base.

14. a) *febre* b) *diarreia* c) *gripe*

do vocábulo nº 14 – **churrica** – no texto-base.

15. a) *terrenos* b) *pomares* c) *estufas*

do vocábulo nº 15 – **poios** – no texto-base.

No que concerne ao Grupo II do questionário linguístico foram elaborados e selecionados 12 enunciados, contendo frases de uso corrente do dia a dia e, portanto, com expressões e palavras bem reveladoras dos dialetos madeirenses. Recorda-se, todavia, que nesta atividade pretende-se observar o uso e o domínio deste tipo de construções morfossintáticas e lexicais pela amostra. Considera-se assim pertinente fazer uma análise sob o plano sociolinguístico com recurso ao cruzamento entre dados dialetais e sociais, nomeadamente os resultados que serão verificados, quer no questionário linguístico, quer no inquérito sociolinguístico. Assim, todos estes dados recolhidos permitirão fornecer, com mais exatidão, níveis de uso, manutenção ou atitudes arbitrarias de recusa pela realidade dialetal do arquipélago e de acordo com os diferentes perfis sociais dos informantes.

Apresenta-se a seguir os 12 enunciados de atos de fala e as respetivas três opções, de apenas uma resposta, apresentadas no Grupo II do questionário:

1 - O meu sobrinho está a ficar num **padre-mestre...**

a) inteligente b) estúpido c) esquecido

2. – Vê se não te esqueces de comprar **ácalo** para eu fazer os licores.

- a) baunilha b) álcool c) aguardente

3. – Ah **arpeia**, vê se fazes o que te disse teu pai!

- a) Tonta b) parva c) rapariga

4. – Deseja mais alguma coisa, freguesa?

- Não, obrigado, levo só 1kg de **vaginha!**

- a) feijão b) ervilha c) feijão-verde

5. – Minha mãe **deu-me uma resonda...**

- a) um sermão b) um presente c) um castigo

6 - Nas aulas, a Maria é muito desatenta...

- Pois, passa a vida a **bilhardar...**

- a) falar b) desenhar c) participar

7 – Se não paras, levas no **carrolo!**

- a) cabeça b) pescoço c) cara

8 – O Pedro tá sempre **cramando**, nunca tem dinheiro!

- a) pedindo b) queixando-se c) gastando

9. – A minha vizinha já tem 10 **bisalhos**, nasceram ontem à noite!

- a) Porcos b) pintainhos c) coelhos

10 – As minhas **capelas** saem-me sempre bem.

- a) tipo de bolo doce b) tipo de peixe c) tipo de carne

11 – Viste a Maria como ficou?

- Sim, acho que ficou **alcançada** com aquela conversa.

- a) furiosa b) envergonhada c) calada

12.– Eu já **atremei** o que disseste, não precisas repetir.

- a) Ouvi b) inventei c) adivinhei

No Grupo III do questionário pede-se que o informante construa frases e estruturas morfossintáticas com traços dialetais da sua autoria, utilizando os vocábulos já fornecidos, por forma a constatar-se o nível de domínio/conhecimento que fazem face ao teor frásico. A elaboração desta secção foi realizada com 13 vocábulos da variação dialetal do arquipélago, antecedidas de um modelo exemplificativo, por forma a facilitar a execução desta tarefa pelos jovens em escolarização. O propósito desta atividade consiste em observar se os jovens em escolarização dominam um possível uso destes vocábulos no seu quotidiano linguístico, assim como para incluirmos no nosso *corpus* linguístico outros dados de natureza distinta dialetal, os quais são passíveis de aportar relevância na análise estatística e quantitativa desta investigação.

Atendendo aos 13 vocábulos escolhidos para esta tarefa, constam:

cambado; caçoar; baboseira; estiar; refundiar; embeijado; embolajado; mudilhos; renheta; prisões; arrecadas; balalau e sumir

Este instrumento de trabalho inclui ainda o Grupo IV, onde se pretende observar, através da tarefa solicitada, como os jovens falantes desta amostra conseguem explicar alguns conceitos ou aceções de vocábulos isolados. Frisamos contudo que as 10 palavras seleccionadas neste grupo são comumente conhecidas nos 11 concelhos do arquipélago, sendo que os três vocábulos – *catrapos*; - *escarpiada* e *arpeia confiada* se circunscrevem exclusivamente à ilha do Porto Santo. Já o vocábulo *azoigar* é mais usado em falantes mais idosos e naturais da costa norte da ilha da Madeira, todavia não invalida que o povo madeirense não consiga identificar e usar essas mesmas palavras em contextos conversacionais aceitáveis.

A seguir, apresentam-se os 10 vocábulos do Grupo IV deste questionário:

lambeca; catrapos; joeira; garrafa de calor; olho de boi; azoigar; escarpiada; embeijado; arpeia confiada e roeza.

Assim sendo, esta estratégia terá como principal objetivo constatar, junto dos informantes, o domínio de conhecimento que fazem dos termos mais restritos a outros concelhos ou freguesias, tendo em conta que, ao longo dos tempos, a população madeirense tem evidenciado uma mobilidade no interior no arquipélago, essencialmente entre a costa norte e a costa sul e a ilha do Porto Santo. Com esta tarefa poderemos ainda verificar se, efetivamente, a naturalidade/origem dos informantes e/ou dos seus progenitores/meio familiar determina o conhecimento dos diferentes dialetos madeirenses, qualquer que seja a sua residência habitual no arquipélago.

b) do inquérito sociolinguístico

Como fase posterior à constituição do *corpus* linguístico, passamos a apresentar o inquérito sociolinguístico, o qual pretende, acima de tudo, obter mais alguns dados pertinentes acerca das possíveis causas de foro extralinguístico, relacionando-as com o tipo de fluência ou da falta de domínio dialetal dos jovens desta amostra. Neste segundo instrumento de trabalho continuamos a dar importância à análise quantitativa, uma vez que este procedimento nos permite obter uma quantificação fácil e menos exaustiva dos resultados do ponto de vista metodológico face aos resultados que pretendemos aferir.

Assim, neste inquérito pretendemos observar, essencialmente, fatores atitudinais perante uma realidade de variação dialetal assente nas vivências do quotidiano dos jovens, tais como a escola e a família. Por esse facto, com a aplicação e a recolha dos dados deste instrumento pretende-se definir os seguintes objetivos:

- ❖ identificar o sentimento de aceitação ou de recusa dos alunos face ao uso do dialeto e a importância que esta amostra atribui ao fazer comunicar-se na variação dialetal.
- ❖ aferir em termos quantitativos – maioria ou minoria - se estes jovens consideram esta “maneira de falar” circunscrita aos mais antigos, por exemplo, aos avós.
- ❖ observar o interesse e a curiosidade dos alunos perante algumas expressões e/ou palavras novas, relativamente ao seu significado e origem.

O inquérito é constituído por 11 pontos e três subpontos com questões diretas de resposta de múltipla escolha, a qual integra diferentes opiniões/juízos de valor face ao problema das questões formuladas. A encerrar este instrumento de trabalho, o ponto 11 inclui uma questão de resposta aberta, onde o aluno informante poderá escrever e comentar sobre a questão abordada. Conforme já foi referido anteriormente, a análise quantitativa assume-se aqui neste instrumento como fundamental para verificar os resultados de maneira sucinta e evitando assim a suscetibilidade de interpretações pouco precisas e duvidosas. Por essa razão, escolhemos opções de resposta neste inquérito nitidamente direcionadas e de resposta fechada, e por isso não optámos pela escala numérica de Likert.

Relativamente ao início do inquérito optámos por incluir na “Informação Geral” quatro categorias: o nome (opcional); a idade; o sexo e a naturalidade. Pretendemos com esta identificação conseguir fazer uma breve descrição do perfil sociológico. Será assim, igualmente, importante aferir nestes jovens o grau de conhecimento que fazem da variação, assim como a posição atitudinal que demonstram relativamente ao uso do seu dialeto, tendo em conta a sua caracterização social: a idade, o sexo e a naturalidade.

No ponto 1. Começa-se com a questão “Qual a naturalidade dos teus pais?”, tendo como possíveis respostas “Porto Santo”; “Funchal”; “outra freguesia da ilha da Madeira e qual”; “de outra região do país e qual?”. Esta questão visa essencialmente verificar se existe uma correlação entre a mesma naturalidade ou de naturalidades diferentes entre os pais e os filhos, para assim observar-se uma possível manutenção/continuação da variação dialetal. Já na questão do ponto 2. “Os teus avós têm a mesma naturalidade dos teus pais?”, tendo como opções de

resposta: “SIM”; “Não” e respondendo negativamente é pedido para o inquirido referir a naturalidade dos avós. Nesta questão pretende-se, tal como na questão do ponto 1., observar-se uma causa na continuação do uso do dialeto, mas essencialmente centrada numa perspetiva de herança linguístico-dialetal, passada e transmitida ao longo das gerações.

A questão do ponto 3. “O que pensas do teu sotaque?” com as quatro opções de resposta: “É bonito e tenho orgulho”; “É bonito, mas tenho vergonha por isso corrijo!”; “É feio, por isso tento sempre corrigir-me!” e “É-me indiferente!” tem como objetivo observar-se, em termos gerais, a consciência que o aluno tem da sua identidade linguística como falante.

Relativamente ao ponto 4. “No que se refere às palavras e às expressões do ‘falar madeirense’, conheces:”, contém as quatro opções de resposta de carácter avaliativo: “Muito”; “Razoavelmente”; “Pouco” e “Nada”, sendo “Nada” indicador de final do inquérito, pois não faria sentido o informante continuar a preencher o inquérito se, eventualmente, não consegue dominar ou não conhece minimamente as diferentes variações dialetais do arquipélago.

O ponto 5. do presente inquérito dá início, neste instrumento de trabalho, a uma série de questões diretamente relacionadas com o quotidiano linguístico dos alunos desta amostra, a fim de se observar com mais pormenor as respostas a serem tratadas. Assim sendo, o ponto 5. Formula a questão “Utilizas normalmente o ‘falar madeirense’ no teu dia a dia?”. Face a esta questão, os inquiridos terão de responder “Sim”; “Às vezes” e “Não”, respondendo a esta última, o suponto 5.1. pede ao informante que refira o motivo, de maneira a constarmos o valor avaliativo do aluno face a este problema. Contrariamente à realidade do ponto 5.1., a resposta de “Sim” no ponto 5. remete imediatamente para o suponto 5.2., onde é pedido: “Se respondeste SIM, diz com quem utilizas.”, com várias opções de resposta, a saber: “com os pais”; “com os avós”; “com os amigos/colegas”; “com os professores da RAM”; “com os professores de outras regiões do país”; “com os vizinhos”; “com pessoas idosas”; “com pessoas que já conheces bem” e “com pessoas desconhecidas”.

De maneira a conseguirmos restringir a temática à volta do quotidiano linguístico-dialetal do informante, nomeadamente aos elementos do agregado

familiar que utilizam o dialeto, o ponto 6. formula a questão “Na tua casa/família, quem utiliza mais o ‘falar madeirense’?”, tendo como respostas “Os teus pais”; “os teus avós” e “ambos”.

O ponto 7. particulariza um traço da variação dialetal madeirense ao referir o vocábulo “semilha”, comumente conhecido em todo o arquipélago, qualquer que seja o ponto de localização e a par das variações que ocorrem nos diferentes dialetos. Logo, neste ponto do inquérito pergunta-se “Se os teus pais ou avós ou ainda uma pessoa mais velha diz, por exemplo, ‘semilha’ ou ‘vaginha’, em vez de batata ou feijão-verde, qual é a tua reação?”, tendo como opções de resposta “aceito e também digo”; “não aceito, mas não corrijo” e “não aceito e corrijo imediatamente”. Nesta questão pretendemos verificar o nível avaliativo que o aluno faz da realidade dialetal que o envolve, quer no meio familiar, quer no convívio com pessoas mais velhas, as quais são, na maior parte dos casos, portadoras de referentes dialetais arcaicos e em desuso pelas gerações mais jovens.

Como forma de avaliarmos a reação espontânea dos informantes quando confrontados com expressões ou palavras da variação que não conhecem, formulámos a seguinte questão patente no ponto 8.: “Se, eventualmente, alguém da tua família (por exemplo, avós, tios, etc.) disser uma palavras do dialeto que não conheças, qual será a tua reação?” pelo que os inquiridos responderam, escolhendo uma das seguintes opções: “Pergunto o significado e esforço-me por aprender”; “Pergunto o significado, mas não tenho interesse em utilizar”; “Pergunto o significado, mas corrijo imediatamente” e “Não pergunto o significado nem tenho interesse em saber”. Nesta questão, o principal objetivo será observar a atitude dos jovens e essencialmente como reagem quando confrontados com a situação de não domínio de traços dialetais do arquipélago.

No contexto de uma postura de social dos alunos e, portanto, fora do âmbito da família, a questão do ponto 9. centrou-se em aferir como poderão fomentar a divulgação da sua realidade linguística para outros elementos (colegas), os quais são alheios às estruturas dialetais do arquipélago. Assim, formulou-se a questão “Em contexto com amigos ou colegas oriundos de outras regiões do país, já alguma vez lhes ensinaste palavras típicas do ‘falar

madeirense'?", seguida de opção de resposta orientada em "Sim" ou "Não". Se o inquirido responde "Não", então deverá justificar a sua posição no subponto 9.1. patente nas cinco opções avaliativas seguintes: "não conheço nem uso o dialeto"; "tenho vergonha que me gozem"; "não acho isso importante"; "nunca se proporcionou"; e "nunca contactei com pessoas fora da minha região". Salienta-se ainda que neste subponto 9.1. pretendemos ainda observar se, eventualmente, os alunos da amostra demonstram sentimentos de recusa ou de qualquer tipo de estigma em relação ao seu dialeto.

O ponto 10. do presente inquérito faz a seguinte questão: "Finalmente, qual é a tua opinião acerca de se continuar a falar o dialeto?", tendo duas respostas como opção: "continuar a falar por questões de orgulho da nossa região" ou "Não continuar a falar porque é típico dos idosos e das pessoas analfabetas e sem estudos". A questão aqui formulada visa fornecer-nos alguns dados sobre como se fundamenta a posição dos inquiridos relativamente a uma continuação de preservarem o seu património linguístico, ou por outro lado se optam por uma postura de indiferença e de menos importância. Esta questão vem igualmente esclarecer, em parte, se os jovens partilham ideias pré-concebidas de que um dialeto poderá estar associado a contextos sociais de menos prestígio, a idosos e a pessoas detentoras de menos instrução.

O inquérito encerra com o contributo que o inquirido poderá adensar no ponto 11. "Em poucas palavras, refere outras razões, pelas quais se deve ou não se deve continuar a falar o dialeto". Assim, neste ponto pretendemos considerar todos os diferentes contributos dos alunos através dos registos/opiniões expressas, de maneira a conseguirmos obter uma possível visão global relativamente à projecção que os dialetos do arquipélago gozam junto da geração mais jovem.

3.1.2.2. Preenchimento dos instrumentos de trabalho: questionário linguístico e inquérito sociolinguístico

O preenchimento dos instrumentos de trabalho foi aplicado em contexto de sala de aula nos estabelecimentos de ensino já referenciados, nos quatro concelhos do arquipélago: Funchal, Câmara de Lobos, Santana (freguesia de São Jorge) e ilha do Porto Santo. O momento de preenchimento foi de perfeita tranquilidade, para que os alunos pudessem concentrar-se, quer nos enunciados, quer na temática abordada. Além disso, os professores titulares destas turmas apoiaram os alunos, relativamente à orientação do sentido global das perguntas nos enunciados, sem nunca ter sido acrescentado ou dito qualquer tipo de resposta possível, de forma a não influenciar a capacidade de resposta dos informantes.

3.1.3. Análise e discussão de dados

a) Questionário linguístico de enunciados lexicais

Inicialmente, passámos à verificação dos testes de vocabulário (anexo1), de acordo com as respostas dos alunos, face aos enunciados apresentados.

Assim, o Grupo I é constituído por um exercício de escolha múltipla (de 3 opções) para que o aluno consiga associar o sinónimo da palavra marcada com um número no texto-base. Pretende-se aferir nesta atividade a adequação do vocábulo ao contexto da frase, abrangendo uma diversidade de categorias gramaticais, tais como: nomes comuns, formas verbais e adjetivos.

No quadro 3 apresentamos na íntegra o Grupo I do questionário linguístico com os 15 enunciados que mereceram a observação atenta pelos inquiridos, tendo como objetivo a marcação de uma única resposta de entre as três escolhas múltiplas apresentadas.

Vocábulos texto-base	Opções (uma resposta)		
1. Vendeiro	<i>a) merceeiro</i>	<i>b) vendedor</i>	<i>c) agricultor</i>
2. calaceiro	<i>a) mentiroso</i>	<i>b) trabalhador</i>	<i>c) preguiçoso</i>
3. levada	<i>a) valeta</i>	<i>b) moinho</i>	<i>c) poço</i>
4. semilhas	<i>a) sementes</i>	<i>b) legumes</i>	<i>c) batatas</i>
5. gâmesses	<i>a) doces</i>	<i>b) pastilhas elásticas</i>	<i>c) rebuçados</i>
6. arcas	<i>a) pernas</i>	<i>b) braços</i>	<i>c) costas</i>
7. esmegalhou	<i>a) partiu</i>	<i>b) apanhou</i>	<i>c) limpou</i>
8. relampada	<i>a) chapada</i>	<i>b) beijo</i>	<i>c) empurrão</i>
9. estepurado	<i>a) contente</i>	<i>b) zangado</i>	<i>c) triste</i>
10. esfrancelhado	<i>a) despenteado</i>	<i>b) magoado</i>	<i>c) roto</i>
11. desatupir	<i>a) entupir</i>	<i>b) destapar</i>	<i>c) tapar</i>
12. rabugenta	<i>a) zangada</i>	<i>b) contente</i>	<i>c) atenta</i>
13. emantado	<i>a) esquecido</i>	<i>b) doente</i>	<i>c) feliz</i>
14. churrica	<i>a) febre</i>	<i>b) diarreia</i>	<i>c) gripe</i>
15. poios	<i>a) terrenos</i>	<i>b) pomares</i>	<i>c) estufas</i>

Quadro 3: Vocábulos e opções de resposta do Grupo I do Questionário linguístico.

Lembramos ainda que, muitos destes vocábulos deste primeiro grupo de enunciados, repostam-se a traços dialetais de vivências do meio rural e por isso bastante contextualizadas com o texto-base. Não obstante, não significa que falantes de outros pontos geográficos do arquipélago, (e.g. Funchal), não

consigam compreender as particularidades da variação dialetal, graças a um provável fluxo de pessoas que ao longo dos tempos se tem registado na capital madeirense. Além disso, as origens das presentes gerações mais jovens que residem no Funchal são, na sua maioria, provenientes de muitos locais do interior da Madeira e ilha do Porto Santo.

❖ Resultado geral por concelhos de respostas aceitáveis do Grupo I

Numa análise quantitativa, verificou-se que, no geral, os 40 informantes desta amostra demonstraram algum domínio no que diz respeito aos vocábulos do Grupo I.

Assim sendo, o gráfico 1 apresenta-nos os resultados saídos do Questionário Linguístico, Grupo I, quando procurámos aferir o bom domínio dos 15 vocábulos do texto-base dos dialetos da região nos jovens em escolarização, distribuídos pelos quatro concelhos do arquipélago.

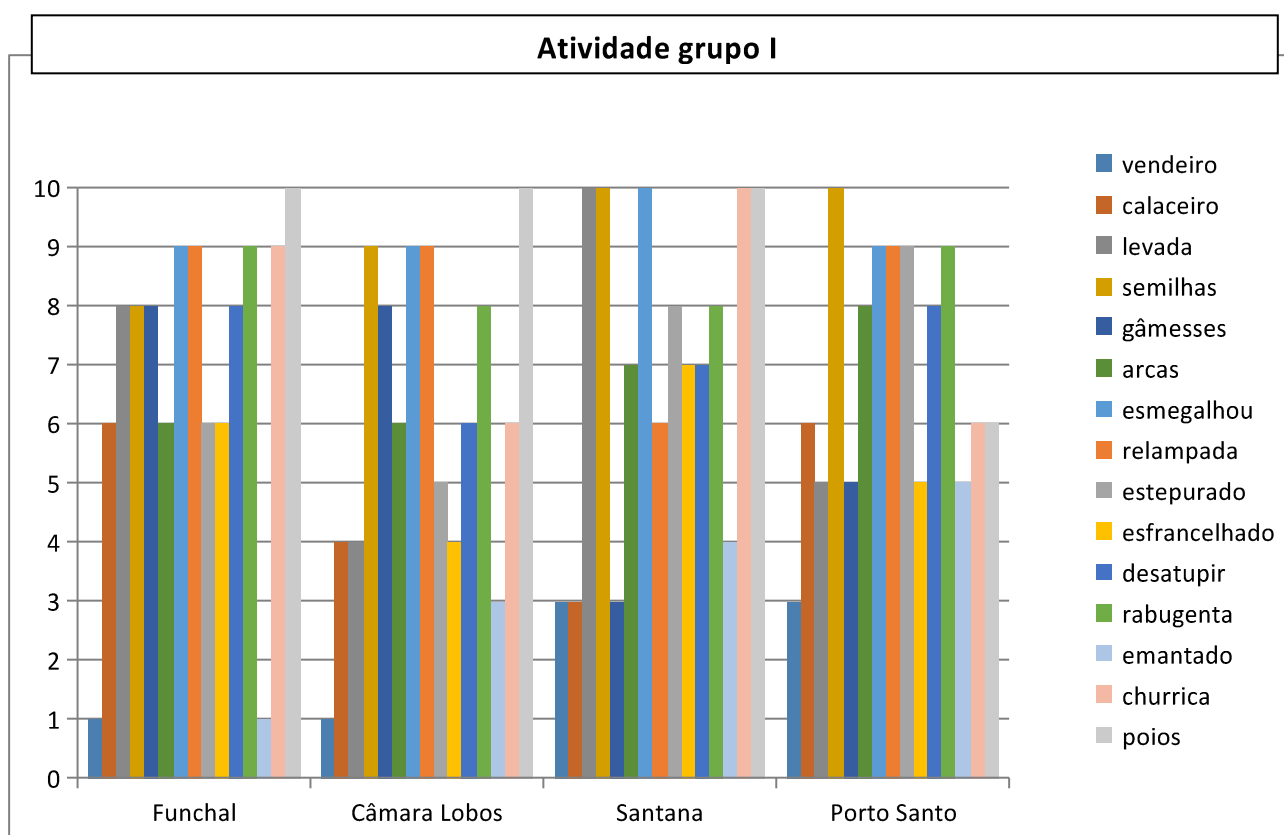


Gráfico 1: vocábulos do Grupo I do texto-base

Por conseguinte, verifica-se que nos três concelhos, nomeadamente Funchal, Câmara de Lobos e Santana, os alunos conhecem o vocábulo nº 15 **poios**, pois os dez alunos de cada destes concelhos assinalaram corretamente o sinónimo do referido vocábulo. Já relativamente aos alunos do Porto Santo, apenas seis informantes assinalaram o uso aceitável deste vocábulo. Por outro lado, os restantes quatro inquiridos julgaram tratar-se de algo relacionado com pomares ou plantações agrícolas, dado que no texto, **poios** é seguido “de bananeiras”.

Em suma, os restantes alunos inquiridos dos concelhos de Funchal, Câmara de Lobos e de Santana souberam aplicar o significado do vocábulo nº 15. Consideramos, portanto, que devido à orografia acidentada que caracteriza toda a ilha da Madeira, os falantes desta ilha conhecem o vocábulo **poios**, o qual significa terrenos ou socacos feitos de basalto. Por oposição, a ilha do Porto Santo apresenta um relevo pouco acidentado e normalmente de fácil acesso, daí considerarmos que o vocábulo **poios** não é comumente conhecido entre os naturais desta ilha.

No que se refere ao vocábulo nº 10 **esfrancelhado** o seu sinónimo mais aproximado é **despenteado**. Assim, os sete informantes de Santana conseguiram identificar o seu sinónimo, sendo que os alunos do Porto Santo, de Câmara de Lobos e do Funchal demonstraram mais desconhecimento acerca da verdadeira aceção da palavra, pelo que pensaram tratar-se de um sinónimo de **magoadado**. Contudo, salientamos ainda que a opção **c) roto** foi assinalada por alguns destes informantes, porque na realidade é muito recorrente na R.A.M. ouvir-se **esfrancelhado** como relativo a alguém com má apresentação ou amarrotado (Figueiredo, 2011: 125).

No vocábulo nº 14 **Churrica** pretendia-se que a amostra pudesse assinalar o sinónimo **diarreia**, contudo, a maioria dos alunos dos concelhos do Funchal e de Santana identificaram acertadamente o sinónimo, em 9 e 10 alunos respetivamente, de acordo com o contexto patente no texto-base. Alguns informantes de Câmara de Lobos e do Porto Santo assinalaram este vocábulo como sinónimo de **febre** e **gripe**, evidenciando um total desconhecimento acerca da aceção do vocábulo. Por este resultado, observa-se que, de facto, esta palavra

foi mais familiar nos informantes da costa norte e curiosamente no concelho do Funchal.

Respeitante ao vocábulo nº 3 **levadas**, pretendia-se aqui que os alunos conseguissem identificá-la como sinónimo de valeta, isto é, um canal por onde passa a água para rega. Desde logo, conseguimos aferir que os alunos de Santana identificaram na sua totalidade (10) a verdadeira aceção, seguindo-se os informantes do Funchal que totalizam em oito elementos. Embora a palavra aqui em análise seja bastante comum em todo o arquipélago, somente quatro informantes de Câmara de Lobos e cinco informantes do Porto Santo registaram aceitavelmente, concluindo-se que em Santana e no Funchal o termo “levadas” é bastante conhecido, ora por uma realidade que é associada à costa norte e à floresta da Laurissilva, logo ao concelho de Santana, ora pela tradição dos funchalenses e turistas percorrerem, em grupos organizados, pelos trilhos das levadas.

O vocábulo correto no nº 5 é **pastilhas elásticas** como sinónimo de **gâmesses**, sendo esta palavra muito usada na R.A.M., com origem provavelmente do inglês “gum”, pelo que nos concelhos de Funchal e de Câmara de Lobos (costa Sul) os oito informantes de cada concelho conseguiram assinalar aceitavelmente a aceção. A contrastar, observamos que somente três informantes de Santana e cinco da ilha do Porto Santo conseguiram associar este vocábulo a partilhas elásticas, pois os restantes alunos assinalaram como sinónimo de rebuçado, provavelmente por considerarem que se tratava de algo associado a guloseimas.

Constatamos igualmente que no vocábulo nº 4 **semilhas**, como sinónimo de **batatas**, os informantes revelaram domínio, mais concretamente nos dez alunos dos concelhos de Santana e do Porto Santo. Todavia, os oito informantes do Funchal e os nove informantes de Câmara de Lobos mostram igualmente o bom domínio do vocábulo, tratando-se de uma palavra muito típica e comum dos dialetos madeirenses, em qualquer que seja o ponto de localização no arquipélago, estendendo-se inclusivamente à ilha do Porto Santo.

Não deixa de ser menos curioso os resultados dos vocábulos nº 1 **vendeiro** e nº 13 **emantado**, pois ambos acabam por demonstrar que os falantes

da variação do arquipélago aqui em estudo quase não conhecem a verdadeira aceção das palavras em questão. Assim sendo, o vocábulo nº 1 **vendeiro**, sinónimo de **merceeiro**, somente foi reconhecido por um aluno nos concelhos de Funchal e de Câmara de Lobos e por três elementos da amostra dos concelhos de Santana e do Porto Santo. Crê-se, portanto, que as novas gerações, em especial da costa sul onde existem em maior número as grandes superfícies comerciais, não conhecem a profissão quase desaparecida de quem vende ou detém um pequeno estabelecimento para venda na sua maioria de produtos alimentares. Quanto ao vocábulo nº 13 **emantado**, sendo sinónimo de **doente**, o resultado obtido foi quase o mesmo que no vocábulo nº 1, pois os alunos dos concelhos do Porto Santo (cinco elementos) e de Santana (quatro elementos) provaram conhecer melhor o seu significado no seu respetivo contexto. A isto se deve, provavelmente, a um maior conservadorismo de raízes dialetais no norte da ilha da Madeira e na ilha do Porto Santo. Assim, nestes locais do arquipélago ainda se ouve pela boca de algumas pessoas, mais idosas e menos escolarizadas, palavras e expressões quase caídas em desuso, as quais ainda são ouvidas pelos mais jovens, mas essencialmente em contexto familiar.

Nos vocábulos nº 6 **arcas**, nº 7 **esmegalhou**, nº 8 **relampada**, nº 9 **estepurado**, nº 11 **desatupir** e nº 12 **rabugenta**, o total dos inquiridos dos quatro concelhos provaram que conhecem razoavelmente os referidos vocábulos nos diferentes contextos apresentados no texto-base, porquanto os resultados quantitativos não se cifraram em menor de seis, até ao máximo de nove elementos, o que vem evidenciar que estas palavras são comuns em todos os dialetos do arquipélago e que os jovens, provavelmente as utilizam.

Na globalidade, este exercício do Grupo I mostra que os 40 elementos desta amostra detêm uma fluência das marcas lexicais da variação linguística do arquipélago, sendo notório que os elementos da ilha do Porto Santo conseguem mais facilmente identificar algumas palavras mais arcaicas e de pouco uso nos dias de hoje. Curiosamente, também nos deparámos com os resultados do concelho do Funchal, os quais denotam um domínio bastante razoável de muitos vocábulos, apesar de se tratar de um meio urbano e mais propenso às influências das marcas da norma-padrão.

Dando seguimento à análise do corpus, o grupo II do teste de vocabulário apresenta 12 enunciados em situações conversacionais de rotina com vocábulos ou expressões idiomáticas típicas do “falar madeirense”.

No quadro 4 passamos a apresentar integralmente o Grupo II do questionário linguístico com os 12 enunciados/expressões, pelo que os informantes tiveram de assinalar o sinónimo da palavra destacada.

Questão 1 - O meu sobrinho está a ficar num padre-mestre...			
Opções:	a) inteligente	b) estúpido	c) esquecido
Questão 2 – Vê se não te esqueces de comprar ácalo para eu fazer os licores.			
Opções:	a) baunilha	b) álcool	c) aguardente
Questão 3 – Ah arpeia , vê se fazes o que te disse teu pai!			
Opções:	a) Tonta	b) parva	c) rapariga
Questão 4 – Deseja mais alguma coisa, freguesa? - Não, obrigado, levo só 1kg de vaginha!			
Opções:	a) feijão	b) ervilha	c) feijão-verde
Questão 5 – Minha mãe deu-me uma resonda...			
Opções:	a) um sermão	b) um presente	c) um castigo
Questão 6 - Nas aulas, a Maria é muito desatenta... - Pois, passa a vida a bilhardar...			
Opções:	a) falar	b) desenhar	c) participar
Questão 7 – Se não paras, levas no carrolo!			
Opções:	a) cabeça	b) pescoço	c) cara
Questão 8 – O Pedro tá sempre cramando , nunca tem dinheiro!			
Opções:	a) pedindo	b) queixando-se	c) gastando
Questão 9 – A minha vizinha já tem 10 bisalhos , nasceram ontem à noite!			
Opções:	a) porcos	b) pintainhos	c) coelhos
Questão 10 – As minhas capelas saem-me sempre bem.			
Opções:	a) tipo de bolo doce	b) tipo de peixe	c) tipo de carne

Questão 11 – Viste a Maria como ficou? - Sim, acho que ficou alcançada com aquela conversa.			
Opções:	a) furiosa	b) envergonhada	c) calada
Questão 12 – Eu já atremei o que disseste, não precisas repetir.			
Opções:	a) Ouvi	b) inventei	c) adivinhei

Quadro 4: Expressões idiomáticas e opções de resposta do Grupo II do Questionário linguístico.

❖ **Resultado geral por concelhos de respostas aceitáveis do Grupo II**

As respostas dos inquiridos neste grupo II vieram, de certa forma, continuar a atestar o domínio da variação dialetal, tal como foi demonstrado no Grupo I. Assim, esta atividade vem testar substancialmente o nível de domínio que os jovens fazem da sua realidade dialetal, tal como se pode verificar no gráfico 2.

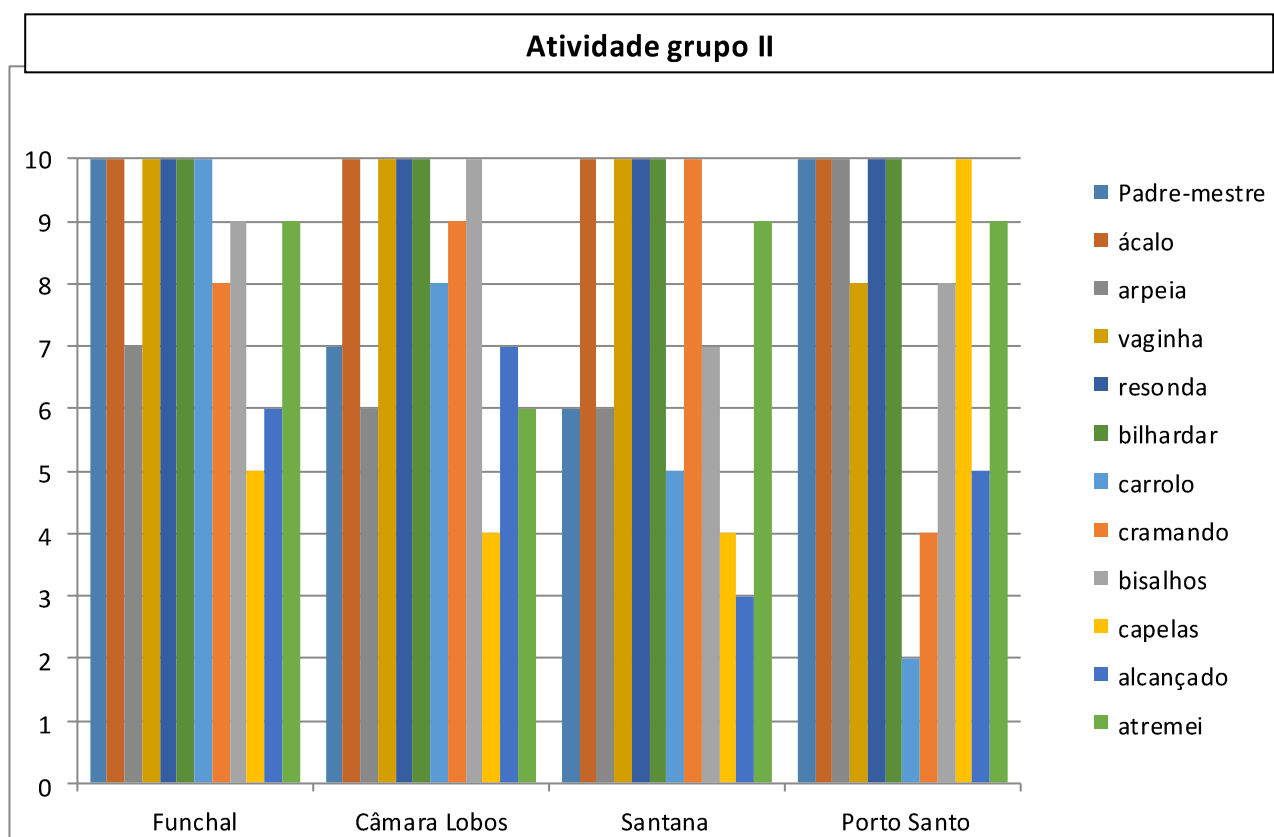


Gráfico 2: Vocábulos do Grupo II

Conforme o gráfico 2 acima apresentado, de uma maneira geral, o sucesso das respostas nesta atividade foi atingido, no que se refere à sua aceitabilidade dos vocábulos contextualizados com as expressões apresentadas. Importa, no entanto, aqui referir que alguns resultados foram conseguidos positivamente, graças ao teor contextualizado das expressões, o que levou alguns informantes a responderem por intuição lógica. A título de exemplo, as palavras **padre-mestre** como sinónimo de inteligente da expressão nº 1; **arpeia** como sinónimo de rapariga da expressão nº 3 e **capelas** sendo sinónimo de bolo doce retirada da expressão nº 10 são muito comuns na ilha do Porto Santo, onde todos os 10 elementos deste concelho assinalaram de forma aceitável. Contudo, alguns informantes dos restantes concelhos em estudo igualmente apontaram positivamente estes mesmos vocábulos, supondo-se assim que o contexto lógico da expressão coadjuvou no poder da escolha.

Ainda se pode constatar que alguns vocábulos em análise nesta atividade foram todos assinalados de forma aceitável pelos 40 informantes dos quatro concelhos, a saber: vocábulo **ácalo** da expressão nº 2; vocábulo vaginha da expressão nº 4; vocábulo **resonda** da expressão nº 5; e o vocábulo **bilhardar** da expressão nº 6. Neste sentido, leva-nos a crer que estes vocábulos continuam a ser utilizados pelos jovens em escolarização no seu meio familiar e social, uma vez que nesta atividade do Grupo II se observou uma grande familiaridade dos informantes com estas palavras em particular. Por outro lado, também se tratam de vocábulos de uso comum por todos os falantes de qualquer ponto de localização do arquipélago. Paralelamente a esta posição, encontram-se igualmente os vocábulos bisalhos da expressão nº 9 e o vocábulo **atremei** da expressão nº 12, os quais também foram assinalados de forma aceitável pela maioria dos informantes dos quatro concelhos aqui estudados.

Contrariamente, o vocábulo **carrolo** da expressão nº 7 foi assinalado de forma menos aceitável no concelho do Porto Santo, onde somente dois informantes assinalaram aceitavelmente como sinónimo de pescoço, enquanto os restantes elementos desta amostra identificaram como sendo sinónimo de **cabeça** ou **cara**. Neste sentido, denota-se que esta palavra seja pouco comum na ilha do Porto Santo, contrastando com os resultados dos informantes da costa sul

(Funchal e Câmara de Lobos) onde assinalaram dez e oito elementos respetivamente. Em termos semelhantes encontra-se também o vocábulo **cramando** da expressão nº 8, o qual foi assinalado de forma muito aceitável pelos três concelhos da ilha da Madeira (Funchal - 8 elementos; Câmara de Lobos - 9 elementos e Santana - 10 elementos), pelo que apenas quatro informantes do Porto Santo conseguiram associar o vocábulo ao contexto da expressão, ao passo que os restantes elementos escolheram as opções **a) pedindo** e **c) gastando**. Como a frase introdutora refere que “**o Pedro tá sempre cramando, nunca tem dinheiro**”, levou a que os alunos porto-santenses tivessem optado pelos verbos pedir e gastar, verbos estes associados, em termos semânticos, ao “dinheiro”. Conclui-se, portanto, que estes informantes desconhecem que **cramando** é sinónimo de “queixando-se”, pensando-se que a variação nesta ilha do arquipélago poderá não incluir este vocábulo na sua realidade dialetal.

Com o objetivo de estender o nosso corpus linguístico a outros domínios das marcas dialetais do arquipélago, o Grupo III do presente questionário linguístico abarca as 13 palavras típicas dos diferentes falares insulares. Nesta atividade é solicitado ao informante que redija uma frase coerente da sua autoria para cada vocábulo apresentado, de forma a podermos verificar se o aluno conhece a palavra em questão. Nesta sequência, apresentamos as 13 palavras a serem trabalhadas neste grupo:

cambado; caçoar; baboseira; estiar; refundiar; embeijado; embolajado; mudilhos; renheta; prisões; arrecadas; balalau e sumir.

❖ **Resultado geral por concelhos de respostas aceitáveis do Grupo III**

No gráfico 3 que seguidamente se apresenta constatamos que a maioria dos inquiridos desta amostra domina com aceitabilidade alguns dos vocábulos dos falares do arquipélago. Salientamos, contudo que pelo facto de dominarem ou identificarem de forma aceitável as marcas dialetais, não significa que as utilizam no seu dia a dia.

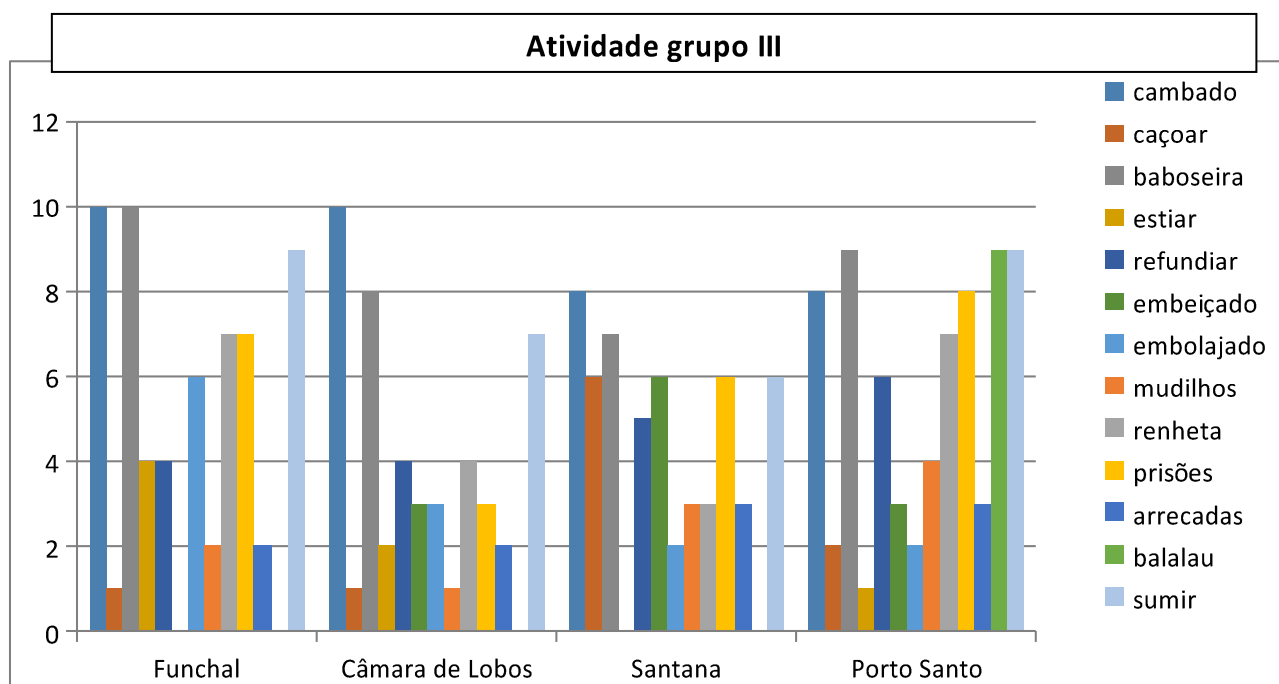


Gráfico 3: Vocábulos do Grupo III

Como se pode observar, no grupo III do questionário em análise, o vocábulo **balalau** mereceu total entendimento pelos nove alunos da ilha do Porto Santo, pois os mesmos produziram frases adequadas à semântica da referida palavra. Trata-se de um adjetivo com cariz pejorativo (de tonto, parvo) e que se circunscreve o seu uso, só e apenas, entre os falantes da ilha do Porto Santo.

Por outro lado, a palavra **cambado** (= adj, coxo, manco) e **baboseira** (= mimar alguém) obtiveram os valores mais altos em número de informantes, pois são vocábulos muito particulares dos falares de todo o arquipélago. Assim, a leitura deste gráfico leva-nos a concluir que ambas as palavras aqui em análise fazem parte do vocabulário dos jovens no seu dia a dia.

Quanto à palavra **estiar** (=v. parar de chover) provocou alguma confusão em alguns informantes, uma vez que estes construíram frases com uma semântica descontextualizada do que se pretendia. Por essa razão, atribuíram à palavra (**estiar**) sinónimo de “**hastear uma bandeira**” (e.g.– “no verão eu iria estiar (de hastear) e de “**esticar**” (e.g. - “tu esticaste muito...”; e.g. – “eu estico a bandeira), provavelmente por este vocábulo se encontrar com algum desuso na atualidade. Ainda assim, constata-se que no concelho do Funchal, quatro informantes e em Câmara de Lobos, dois informantes ainda conseguiram identificar o verdadeiro significado do vocábulo, embora estes dois concelhos apenas traduzem um resultado muito abaixo da média esperada.

Os vocábulos **sumir** (=v., desaparecer, perder) e **prisões** (=n., molas da roupa ou do cabelo) registaram incompreensão em alguns informantes de Santana e de Câmara de Lobos. Contudo, os informantes do Funchal e do Porto Santo elaboraram frases bem aceitáveis do ponto de vista gramatical e semântico, daí os valores presentes no gráfico se situarem entre os seis e os nove elementos, provando-nos que estas palavras continuam vivas nos falares de todo o arquipélago. Comparativamente, o vocábulo **arrecadas** (=n. brincos das orelhas, adorno) não regista resultados tão altos quanto aos referidos anteriormente, uma vez que o mesmo gerou alguma incompreensão na totalidade dos alunos. Presume-se, portanto, que este vocábulo tende a ser esquecido e de pouco uso, essencialmente na costa sul, onde apenas três informantes do Funchal e de Câmara de Lobos conseguiram identificar o contexto semântico de **arrecadas**.

Os vocábulos **embeijado** (= adj, estar/ficar sem dinheiro) e **Caçoar** (= v. gozar de alguém, brincar) gerou incompreensão essencialmente nos informantes dos concelhos do Funchal e de Câmara de Lobos, alguns dos quais redigiram frases incorretas do ponto de vista semântico: e.g. “ah rapaz, não fiques embeijado por ela!”, por analogia ao significado da norma-padrão do Português, como alguém que se encontra apaixonado ou interessado por alguém de forma afetiva.

Destacamos, no entanto, os valores atingidos no concelho de Santana, onde seis informantes conseguiram identificar a verdadeira aceção destes

vocábulo, pelo que se julga tratar-se de palavras ainda em uso, especialmente na costa norte da ilha da Madeira. Já a palavra **mudilhos** (= n. gestos, caretas) apresenta-se neste estudo com pouca representatividade da variação do arquipélago, uma vez que somente quatro informantes da ilha do Porto Santo, três de Santana, um de Câmara de Lobos e dois do Funchal conseguiram identificar através das frases construídas. Assim sendo, julgamos que este vocábulo, à semelhança de muitos outros, começa a cair em desuso pelos falantes das gerações mais jovens através dos diversos dialetos do arquipélago.

Para finalizar este questionário linguístico, elaborámos o Grupo IV, onde foram reportadas informações dos inquiridos, constituindo-se assim uma série de dados pertinentes e enriquecedores para o corpus linguístico desta nossa investigação. Nesse sentido, esta atividade reúne dez vocábulos bastante particulares dos falares do arquipélago, através dos quais os informantes deverão escrever o seu significado.

Assim, apresenta-se seguidamente as palavras que foram selecionadas para integrarem o Grupo IV do questionário linguístico:

lambeça; catrapos; joeira, garrafa de calor; olho de boi; azoigar; escarpiada; embeijado; arpeia confiada e roeza.

❖ **Resultado geral por concelhos de respostas aceitáveis do Grupo IV**

O gráfico 4 que a seguir apresentamos traduz a ideia geral que temos da existência de palavras que, paulatinamente, têm caído em desuso, ao longo das gerações. Ainda assim, verifica-se neste estudo que as gerações mais jovens conhecem alguns traços particulares dos dialetos do arquipélago.

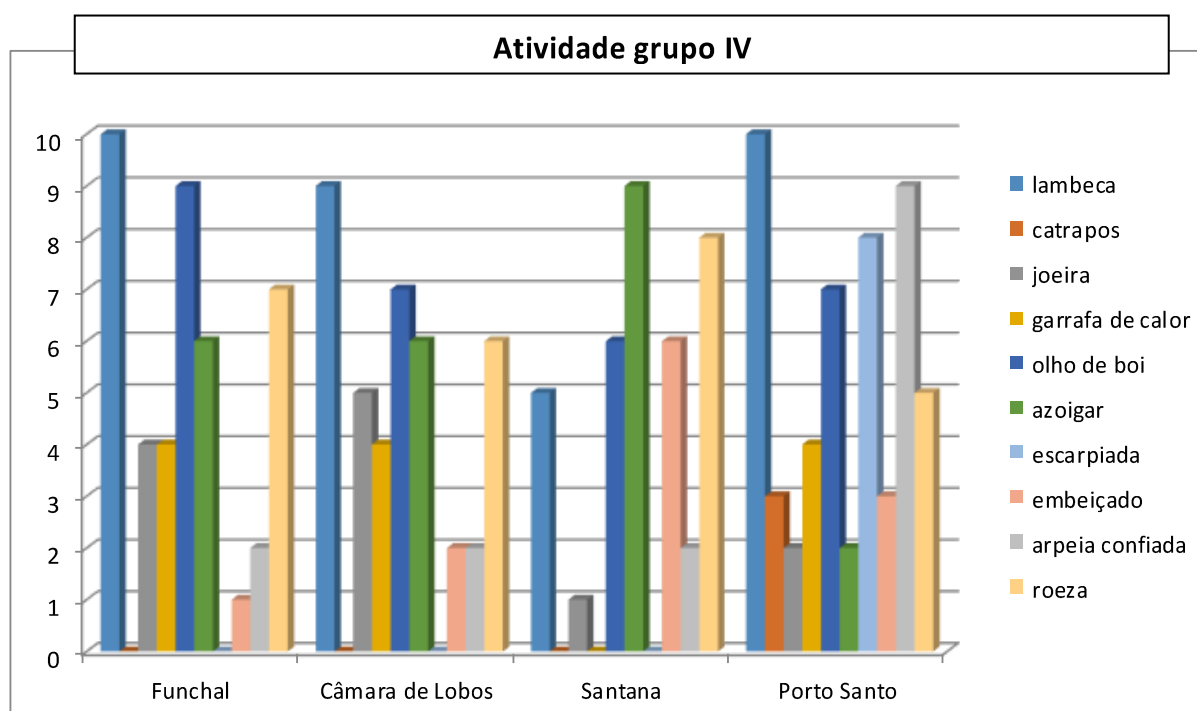


Gráfico 4: Vocábulo do Grupo IV

Em relação ao Grupo IV do teste, primeiramente verificou-se que a totalidade dos informantes da ilha da Madeira não soube explicar o significado da palavra **catrapos** (=n. quebra-mar, material inerte que protege a costa marítima). Este vocábulo pertence a uma terminologia própria entre os pescadores da ilha do Porto Santo, pelo que consideramos ser uma palavra muito comum desta ilha e totalmente desconhecida na ilha da Madeira. Porém, verifica-se que neste concelho a palavra em questão começa a desaparecer da realidade dialetal, essencialmente pelos mais jovens, visto que, de acordo com o gráfico, apenas três inquiridos identificaram de forma aceitável através das frases que redigiram. Por oposição, os restantes informantes referiram este vocábulo como sinónimos de **trapos velhos** e **remendos**, o que obviamente considerámos respostas não aceitáveis. Igualmente, o vocábulo **escarpiada** (= espécie de pão feito de farinha de milho muito típico da gastronomia do Porto Santo) os oito informantes desta ilha do arquipélago conseguiram identificar, verificando-se, portanto, que esta palavra continua a fazer parte do quotidiano dos informantes e completamente desconhecida na ilha da Madeira. Os vocábulos **arpeia confiada** merece outra interpretação: **arpeia** (= n. rapariga) circunscreve-se ao falar porto-santense e

confiada (= adj. convencida, vaidosa) é bastante usada em todo o arquipélago. Assim, compreende-se que nos concelhos em estudo da ilha da Madeira alguns informantes tivessem conseguido identificar **arpeia** de forma aceitável pela presença do adjetivo **confiada**. Os nove informantes do Porto Santo, tal como se pode verificar, não demonstraram dificuldade em assinalá-la aceitavelmente.

Quanto ao vocábulo **azoigar** (= v. morrer), os nove informantes de Santana (costa norte) mostram conhecer o seu significado. Crê-se que esta palavra constitui um arcaísmo da variação dialetal do arquipélago muito comum no norte, essencialmente em meios rurais e onde se verifica mais atividades económicas ligadas à pecuária. De qualquer modo, alguns dos informantes dos três concelhos em estudo ainda conseguiram associar esta palavra ao verbo sinónimo de “morrer”, embora os restantes tivessem utilizado como não aceitável por registarem como se se tratassem de sinónimos de “protestar”, e “aborrecer”/“incomodar”.

De todos os vocábulos apresentados nesta atividade do Grupo IV, as palavras **lambeca** (=n. gelado), e **olho de boi** (=n. lanterna de mão) não constituíram dificuldade à amostra dos 40 alunos, pelo que se depreende que as mesmas continuam a fazer parte da realidade dialetal do arquipélago, inclusivamente pelas gerações mais jovens. Os vocábulos **joeira** (=n. papagaio de papel) e **garrafa de calor** (=n. termo de líquidos) não tiveram o mesmo sucesso de aceitabilidade pelos inquiridos, que não totalizaram níveis superiores a quatro informantes por concelho, o que se pode concluir que estes vocábulos começam a fazer parte de um léxico dialetal dotado ao esquecimento.

b) Inquérito sociolinguístico

A análise e discussão dos dados retirados deste segundo instrumento de trabalho permitiram-nos consolidar, em termos sociolinguísticos, a atitude dos informantes com a sua realidade dialetal e como a encaram no seu quotidiano, em convívio familiar ou socialmente no meio escolar. Também neste instrumento pretendemos observar se os alunos em escolarização mostram uma atitude estigmatizada dos falares do arquipélago ou se, por outro lado, se mostram

recetivos em continuarem a preservar e a defender a sua variação linguístico-dialetal.

Numa primeira análise apresentamos os resultados gerais a incidir essencialmente nos fatores extralinguísticos da idade e do género dos informantes da amostra de todo o arquipélago, cruzando estes resultados com o domínio e aceitabilidade que demonstram em relação ao seu dialeto. Assim, conseguir-se-á aferir primeiramente a faixa etária dos alunos assim como o género, relacionando com o livre arbítrio que manifestam face a algumas atitudes de recusa ou aceitação da sua variação dialetal.

O segundo aspeto a ser analisado neste inquérito visa interpretarmos através dos gráficos de suporte, de que maneira os jovens em escolarização dos quatro concelhos do arquipélago convivem com a sua realidade dialetal, seja no seu agregado familiar, seja em contexto escolar. Nesta parte ainda vamos observar se a influência de uma realidade linguística padronizada contribui para um afastamento dos dialetos do arquipélago, essencialmente pelo contacto de pessoas do exterior, tais como professores e colegas de fora da R.A.M.

Fator género

Nos gráficos 5, 6, 7 e 8 podemos verificar a aceitabilidade do dialeto, o domínio e o uso que fazem dos informantes do arquipélago, atendendo ao fator género.

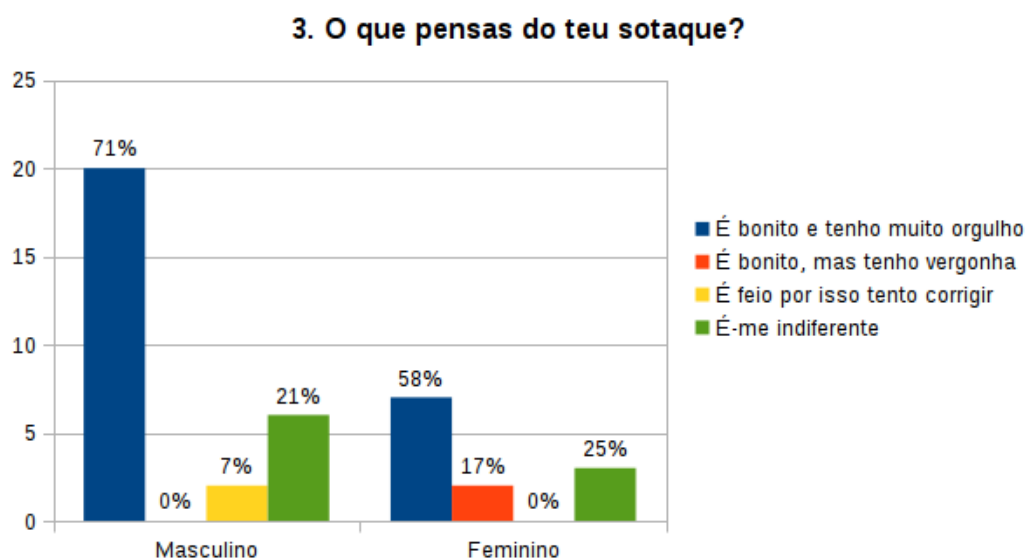


Gráfico 5: “O que pensas do teu sotaque” e fator género.

Como podemos observar através do gráfico 5, nos quatro concelhos em estudo são os informantes do género masculino que têm mais orgulho do seu sotaque com cerca de 71% enquanto o género feminino não alcança os 60%. Constata-se ainda que cerca de 17% das raparigas considera o sotaque madeirense bonito, mas sentem vergonha em utilizá-lo, realidade esta que não se verificou no sexo oposto. Também uma ínfima percentagem dos rapazes, cerca de 7% acha o sotaque feio e tentam corrigir-se, sendo que esta posição não foi verificada nas raparigas. Finalmente, a posição de indiferença em relação ao sotaque alcançou uma maior percentagem nas raparigas, cerca de 25%, ao passo que 21% do género masculino mostra ter uma opinião mais vincada acerca do assunto em questão.

No gráfico 6 podemos observar o nível de conhecimento que tanto os rapazes como as raparigas têm dos falares do arquipélago. Desse modo, vemos que o conhecimento do dialeto que têm os dois géneros dos informantes é muito equilibrado, com ligeiras diferenças: cerca de 75% no género feminino e cerca de 64% no género masculino conhecem razoavelmente a sua variação dialetal. No conhecimento de “pouco”, também se verifica que as raparigas são em menor número (cerca de 8%), sendo que os rapazes somam um pouco mais, com cerca de 14%.

4. No que se refere às palavras e às expressões do "falar madeirense", conheces:

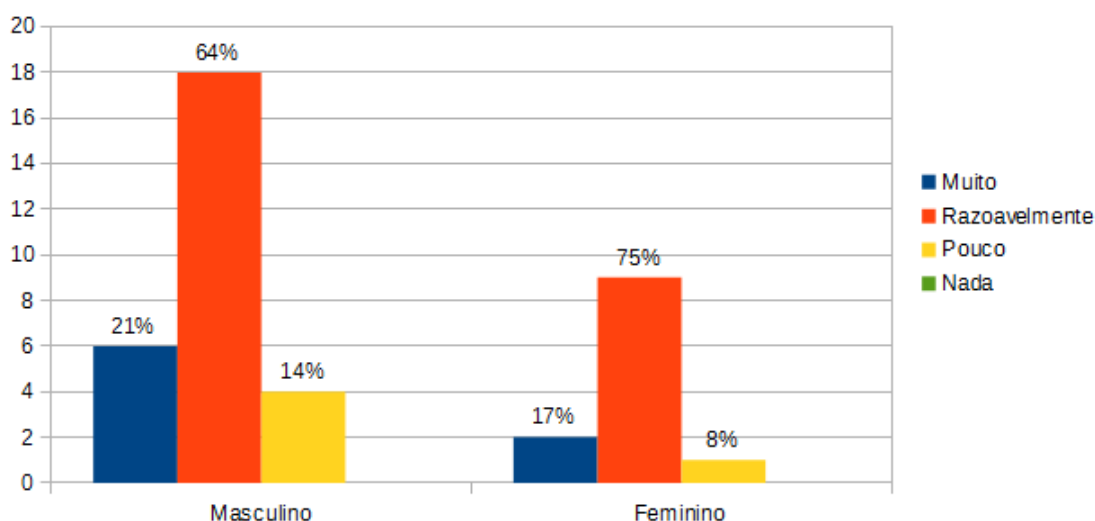


Gráfico 6: “No que se refere às palavras e às expressões do «falar madeirense», conheces:” e fator género.

Em contraste temos o domínio de “muito” para os rapazes na ordem dos 21%, enquanto as raparigas não ultrapassam os 17% entre aqueles que conhecem bem o dialeto. Nota-se, também que nenhum dos géneros apontou não conhecer “nada”, concluindo-se assim que existe um conhecimento razoável do dialeto entre estes jovens em escolarização.

O gráfico 7 mostra-nos que as raparigas utilizam em cerca de 50%, quer para uso regular, quer “às vezes” do “falar madeirense” no dia a dia. Nos rapazes o uso regular do dialeto corresponde a 44%, contra os 52% do uso “às vezes” do dialeto.

5. Utilizas normalmente o “falar madeirense” no teu dia a dia?

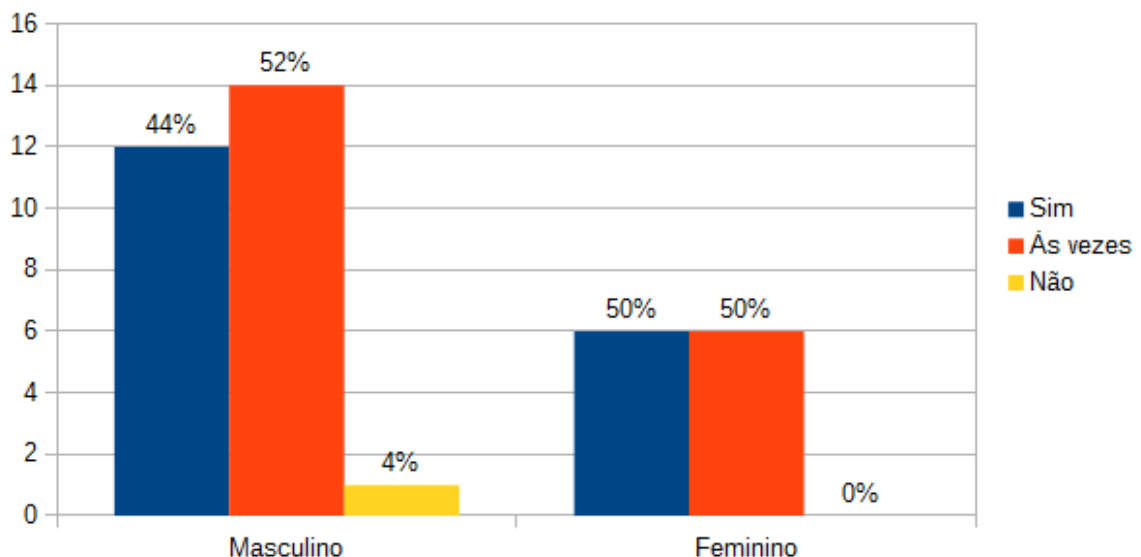


Gráfico 7: “Utilizas normalmente o ‘falar madeirense’ no teu dia a dia? e fator género.

A contrastar com as raparigas, denota-se uma residual percentagem de rapazes (cerca de 4%) que não usa.

Concluimos pelos valores aqui expostos que os jovens encaram o “falar madeirense” ou a variação dialetal como uma realidade linguística que faz parte do seu quotidiano.

Relativamente ao gráfico 8, observamos que os inquiridos desta investigação do género masculino situam-se numa esmagadora maioria que aceita o dialeto e também dizem (cerca de 89%), quando confrontados por

elementos da família ou pessoas mais velhas. Já as raparigas mostram-se menos recetivas em aceitar o dialeto mas não corrigem, com cerca de 25%, a par dos rapazes que nesta reação somente somem 4%.

No género masculino ainda se verifica que 7% não aceita o dialeto e corrige imediatamente, reação esta que não é observada nas raparigas.

Em suma, nota-se que o género masculino reage mais favoravelmente ao dialeto quando usado por familiares ou pessoas idosas, contudo as raparigas tendem a ser mais tolerantes com essa realidade dialetal dita por outras pessoas, mesmo que não pretendam aceitar e usar as particularidades, isto é, frases, palavras e expressões dos dialetos do arquipélago.

7. Se os teu pais ou avós ou ainda uma pessoa mais velha diz, por exemplo, "semilha" ou "vaginha", em vez de batata ou feijão-verde, qual é a tua reação?

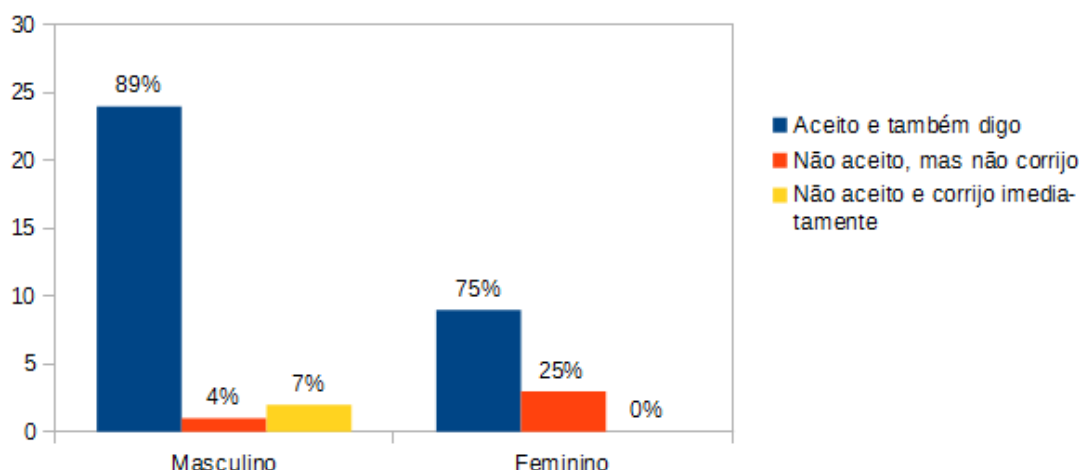


Gráfico 8: “Se os teus pais ou avós ...” e fator género.

Fator idade

Depois do levantamento que foi elaborado para a leitura dos gráficos anteriores, nos gráficos nº 9, 10, 11 e 12 podemos igualmente verificar a aceitabilidade do dialeto, o domínio e o uso que fazem os informantes do arquipélago, mas na perspetiva do fator idade. Salieta-se ainda que a idade dos jovens em escolarização é muitas vezes desencadeadora de atitudes de recusa ou de aceitação no âmbito dos dialetos. Por conseguinte, julgamos que os alunos

ao longo do tempo, vão tomando consciência acerca da sua realidade linguística. Assim, os dialetos vão sendo pelos jovens, ou marginalizados, restringidos aos meios familiares e em pequenos grupos sociais ou por outro lado encarados com orgulho por uma identidade linguística que os caracteriza.

Relativamente ao gráfico 9 os dados mostram uma maioria dos 100% dos inquiridos da faixa etária dos 16-18, que consideram o seu sotaque bonito e também sentem orgulho. Nas faixas etárias mais jovens, dos 12-13 e 14-15 têm esta mesma opinião, em cerca de 60%. Ainda neste último grupo etário, 23% considera ser indiferente acerca do seu sotaque.

Alguns informantes entre os 14-15 anos mostram também, em cerca de (14%) a opinião de que o seu sotaque é bonito, mas têm vergonha e por essa razão corrigem-no, comparativamente ao valor inferior dos alunos entre 12-13, em cerca de 7% com a mesma opinião.

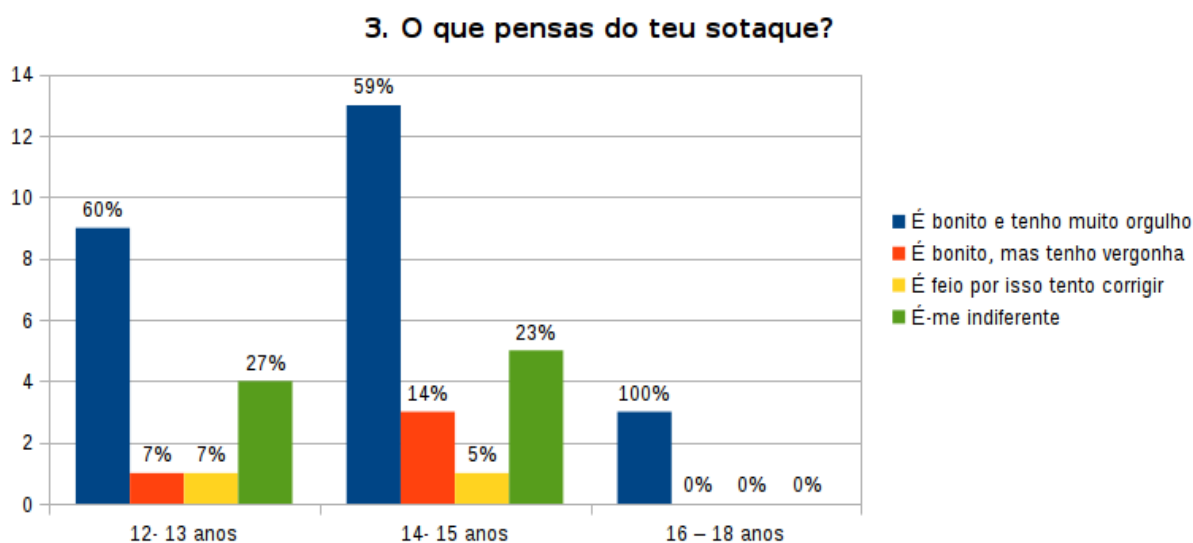


Gráfico 9: “O que pensas do teu sotaque?” e fator idade.

Há, portanto, um contraste entre as faixas etárias mais velhas e os mais jovens em meio escolar que manifestam opiniões contrárias em relação ao seu sotaque.

À semelhança dos dados observados no gráfico anterior, o gráfico 10 vem também reforçar que os jovens das faixas etárias entre os 16-18 continuam a

mostrar uma postura de aceitação e conhecimento do dialeto. Assim, verifica-se que este grupo de alunos detém um conhecimento das expressões e outras marcas dialetais a rondar os 67% (dois alunos) contra os 33% (um aluno). Os informantes mais jovens, entre os 12-13 anos e 14-15 anos, não ultrapassam os 13% e os 18%, respetivamente quando analisado o “muito” conhecimento que fazem do dialeto.

4. No que se refere às palavras e às expressões do “falar madeirense”, conheces:

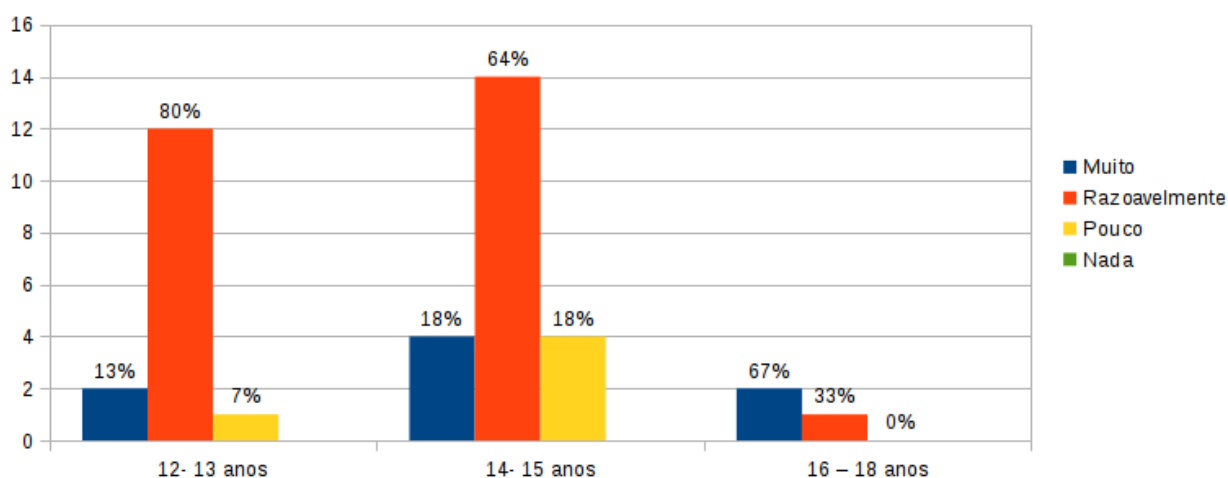


Gráfico 10: “No que se refere às palavras...” e fator idade.

No que concerne ao conhecimento razoável do dialeto, observa-se que os informantes mais jovens, 12-13 anos, fixam-se numa cifra considerável a rondar os 80%, ao passo que o grupo etário dos 14-15 anos regista 64% traduzido em 14 alunos.

Relativamente ainda ao grupo dos alunos com 16-18 anos também se verificou que não constou nenhum elemento que domine pouco o dialeto, por oposição aos dois grupos dos alunos mais jovens, os quais ainda contabilizam uma pequena quantia que domina pouco as palavras dos dialetos madeirense e porto-santense (12-13- anos em 7% e os 14-15 anos em 18%).

O gráfico 11 dá-nos uma vez mais uma perspetiva maioritária aos informantes da faixa etária dos 16-18, os quais registam novamente um valor de

100%, relativamente ao uso do dialeto no quotidiano. Contudo, aqui se nota um acréscimo de alunos mais jovens, 12-13 anos que fazem uso do seu dialeto no dia a dia (cerca de 47%) e traduzido em sete alunos. Já os alunos do grupo de 14-15 anos totalizam cerca de 36%, ou seja, em oito alunos

Quanto ao uso ocasional do dialeto, no parâmetro “às vezes” são os informantes de idade intermédia, de 14-15 anos, onde se denota um uso menor do dialeto no quotidiano. A este resultado, podemos concluir que este grupo demonstra menos apetência pelo uso do seu dialeto, provavelmente por se tratar de uma faixa etária propícia a fases de mudança no desenvolvimento para a vida adulta, levando o adolescente a confrontar-se com realidades de afirmação e identidade sociais.

5. Utilizas normalmente o "falar madeirense" no teu dia a dia?

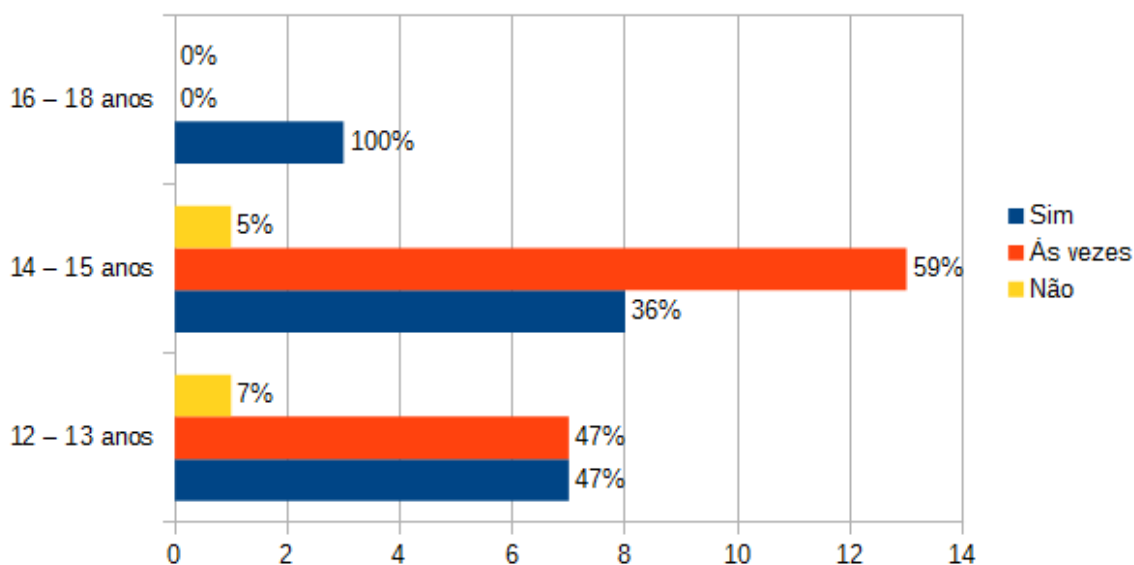


Gráfico 11: “Utilizas normalmente o ‘falar madeirense’...” e fator idade.

Os valores do gráfico 12 espelham também dos resultados dos informantes da faixa etária mais alta, 16-18 anos, que atinge, uma vez mais, os 100% relativamente à reação quando confrontados com pais ou familiares mais velhos a usarem a variação dialetal. Todavia, neste gráfico observa-se que os informantes entre os 12-13 anos, ou seja, os mais jovens, superam os 90% quando alguém da

família usa as particularidades do dialeto, tais como “semilha” ou “vaginha”, contra os 7% do mesmo grupo traduzido em apenas um aluno.

A este resultado, podemos interpretar que, muito provavelmente, estes informantes mais jovens ainda se encontram socialmente muito dependentes do meio familiar, o que os leva a reagirem de forma favoravelmente assertiva, quando estabelecem atos conversacionais com elementos que usam o dialeto.

**7. Se os teus pais ou avós
ou ainda uma pessoa mais velha diz, por exemplo, "semilha" ou "vaginha",
em vez de batata ou feijão-verde, qual é a tua reação?**

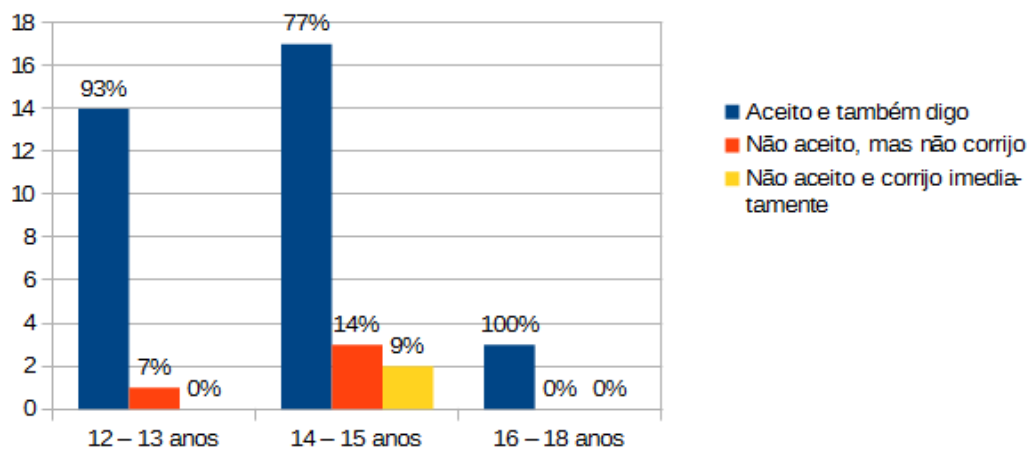


Gráfico 12: “Se os teus pais ou avós...” e fator idade.

Por oposição, podemos ainda constatar que os informantes entre os 14-15 anos são os únicos, onde é observado o parâmetro “não aceito e corrijo imediatamente”, totalizando apenas dois elementos, com 9% do universo deste grupo. Uma vez mais se constata desta leitura, que os alunos na idade intermédia dos 14-15 anos demonstram alguma resistência pontual em aceitar o uso da variação dialetal, o que nos restantes grupos etários não se verificou.

Resultados gerais por concelhos

Numa amostra de 40 informantes de todo o arquipélago, como é o caso do universo de inquiridos nessa investigação, torna-se importante analisar os resultados gerais deste levantamento sociolinguístico pelos concelhos onde os

mesmos informantes têm a residência habitual e naturalmente a sua origem. Deste modo, a relação entre os informantes deste estudo e a sua respetiva localidade natal e de residência habitual deve ser analisada numa perspetiva linguística para que possamos entender melhor algumas especificidades que os dialetos do arquipélago exercem nos falantes.

Como já foi referido anteriormente nesta investigação, o Arquipélago da Madeira caracteriza-se por um contraste demográfico, pelo que a costa sul dispõe de aglomerados populacionais mais dispersos, mas onde a população do arquipélago é em maior número, essencialmente no centro urbano do Funchal. A contrastar, a costa norte distribui-se por pequenos aglomerados populacionais com predominância nas atividades rurais, da pecuária e da agricultura, assim como na ilha do Porto Santo, apesar de nesta localidade também se verificar algum fluxo de pessoas, sobretudo no verão, devido à sua atividade turística marcada pela sazonalidade.

Todas as particularidades próprias que caracterizam a demografia do arquipélago estão intimamente ligadas também à maneira como o povo madeirense se expressa, o que prova, por esse facto, a riqueza do património dialetal que ainda sobrevive. Julgamos, portanto, que o meio exerce uma influência sobre os falantes e a forma como estes se expressam na comunicação do quotidiano.

Para a questão 5. “Utilizas normalmente o ‘falar madeirense’ no teu dia a dia?”, no gráfico 13 observa-se que a esmagadora maioria dos inquiridos do Funchal respondeu o “sim” em 80%, seguindo-se Santana com 50% e em valores inferiores nos concelhos de Câmara de Lobos e Porto Santo.

5. Utilizas normalmente o "falar madeirense" no teu dia a dia?

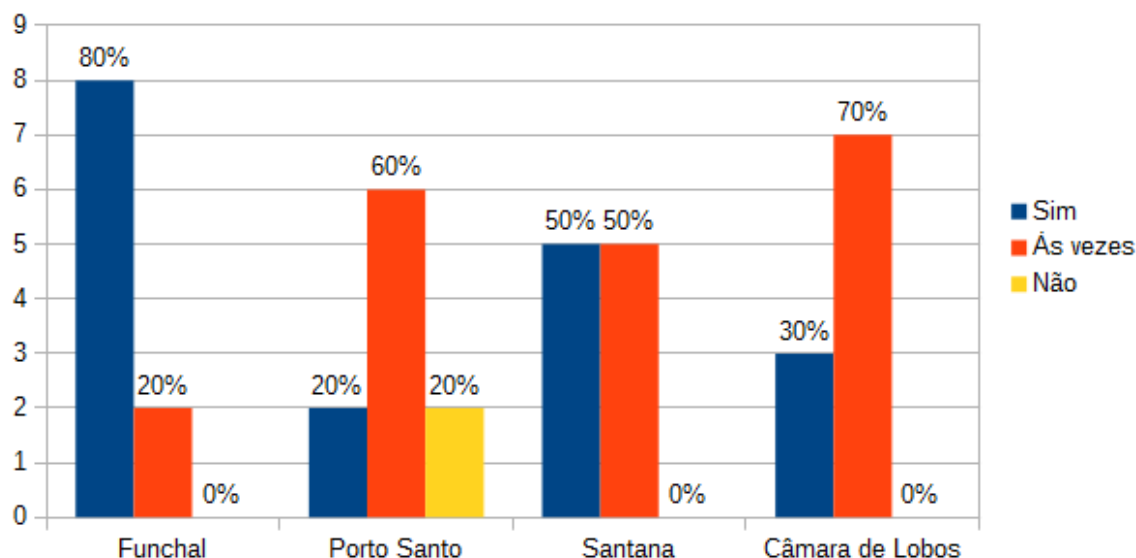


Gráfico 13: "Utilizas normalmente o 'falar madeirense'..." e resultados por concelhos.

Contudo, os inquiridos distribuídos pelos concelhos de Câmara de Lobos e do Porto Santo dizem utilizar o dialeto "às vezes" em valores de 70% e 60% respetivamente, pelo que se depreende um cenário mais animador que no concelho do Funchal, onde não ultrapassa os 20% dos informantes. Ainda assim, Santana mantém um equilíbrio de 50% entre "sim" e "às vezes". A este panorama podemos perceber que, apesar do Funchal se encontrar num meio urbano ainda se assiste a um bom uso frequente do dialeto no quotidiano. No caso de Santana, poderá haver uma hesitação por parte dos informantes em assumirem uma considerável utilização, por se tratar de uma localidade no norte da ilha da Madeira, onde o estigma do dialeto e do desvio à norma poderá ser encarado como sinónimo de menor prestígio sociolinguístico.

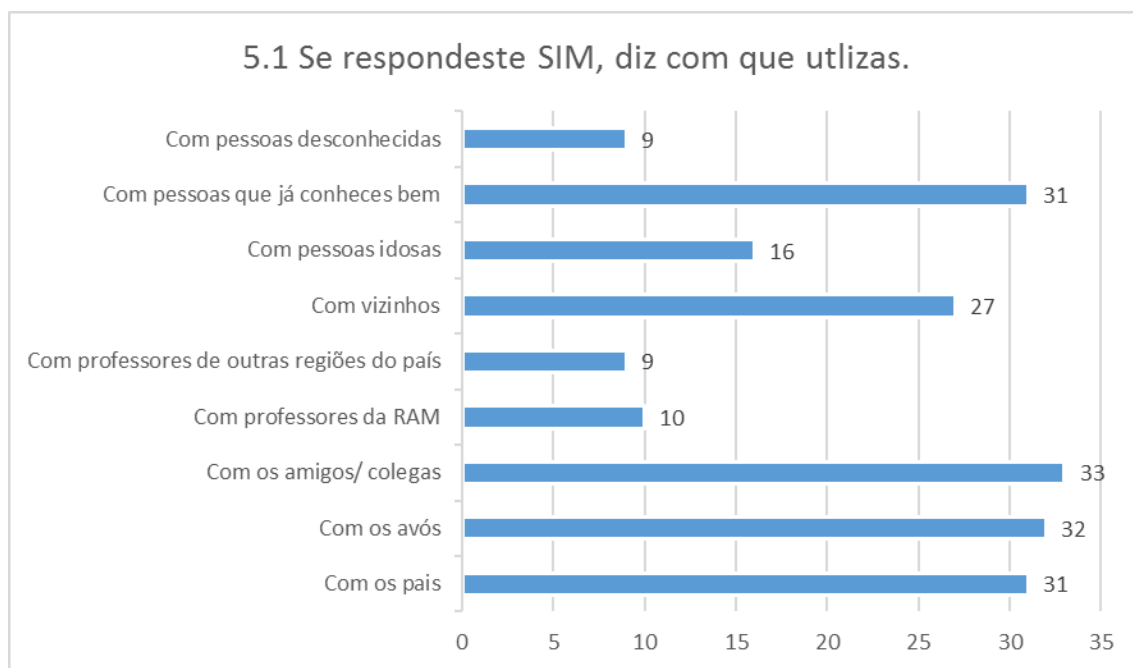


Gráfico 14: “Se respondeste SIM, diz com quem utilizas...” e resultados gerais.

Para complementar a análise do gráfico anterior, o gráfico 14 mostra-nos com quem os informantes dos quatro concelhos do estudo utilizam o dialeto. Nesse sentido, podemos verificar que a maioria dos alunos prefere partilhar a sua realidade dialetal com os amigos/colegas, provavelmente em contexto escolar. Seguidamente são os avós com quem os jovens em escolarização utilizam o dialeto, o que totalizou um total de 32 alunos no universo dos 40.

Os pais e as pessoas que conhecem bem rondam os 31 informantes, contrastando com as pessoas desconhecidas e os professores de outras regiões do país que somam apenas em 9 alunos, pelo que se depreende nos informantes uma recusa em partilhar a sua variação dialetal com pessoas, com as quais não sentem a mínima confiança para fazê-lo. Perante estes factos, conclui-se que os jovens em escolarização consideram que falar o dialeto é algo muito pessoal da esfera privada e restrito às pessoas com as quais têm a mesma variação dialetal.

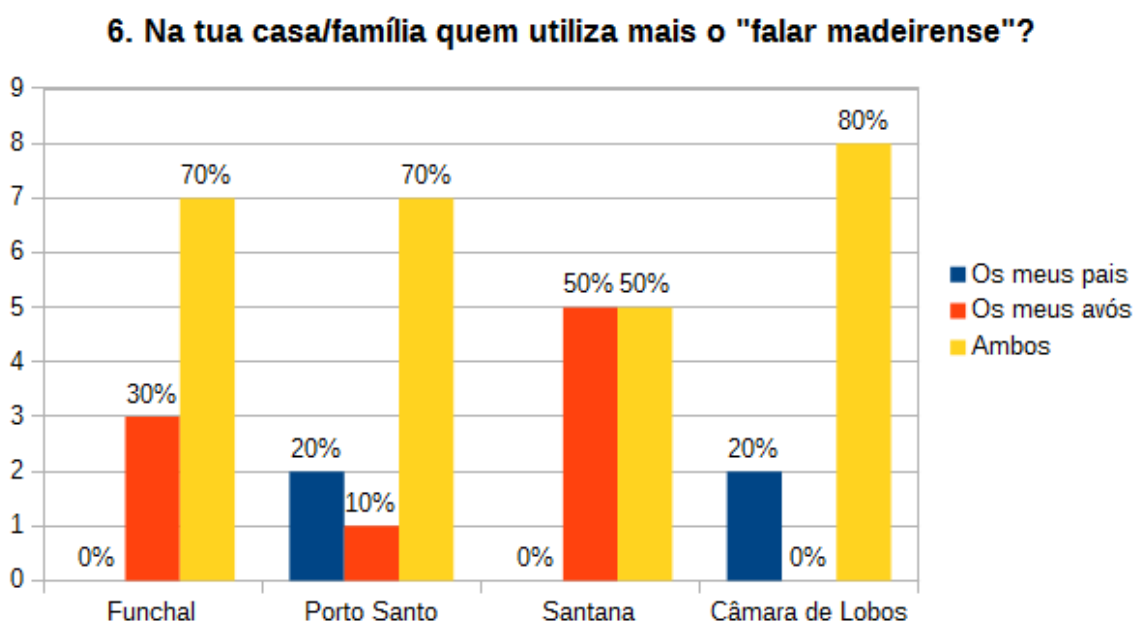


Gráfico 15: “Na tua casa/família quem utiliza...” e resultados por concelhos.

Os inquiridos quando confrontados com a questão “Na tua casa/família quem utiliza mais o ‘falar madeirense’?” optam na sua maioria pela resposta de “ambos”, tal como comprova o gráfico 15. Assim, os informantes de Câmara de Lobos afirmam que os pais e os avós usam o dialeto a rondar os 80%, seguindo os alunos do Funchal e do Porto Santo em valores idênticos, nos 70%. Continua-se, portanto, a verificar nestes concelhos que as 2^a e 3^a gerações usam o dialeto conjuntamente e em número considerável, independentemente de se tratar de localidades inseridas em meios urbanos ou rurais.

Note-se que no concelho de Santana, o resultado é bem diferente dos restantes concelhos, onde se pode ver que os avós, isoladamente ainda continuam a usar o dialeto em percentagem mais alta que nos restantes concelhos. A este propósito, constata-se que na costa norte da Madeira, nomeadamente em Santana, as pessoas mais idosas continuam igualmente a conservar a sua realidade dialetal, ao contrário dos pais deste grupo de informantes, que supostamente não utilizam o dialeto em contexto familiar.

À pergunta “Se eventualmente alguém da tua família disser uma palavra do dialeto que não conheças, qual será a tua reação?”, o gráfico 16 apresenta as seguintes respostas dos informantes: cerca de 80% dos alunos dos concelhos do

Porto Santo e de Câmara de Lobos pergunta o significado e querem aprender, enquanto os alunos do Funchal e de Santana contabilizam uma média de 60%. Quanto à reação de perguntar o significado mas não demonstrar interesse em utilizar observamos que o concelho do Funchal apresenta a média mais alta, (40%) seguindo-se o Porto Santo e Santana, ambos com os 20% e em Câmara de Lobos a não superar os 10%.

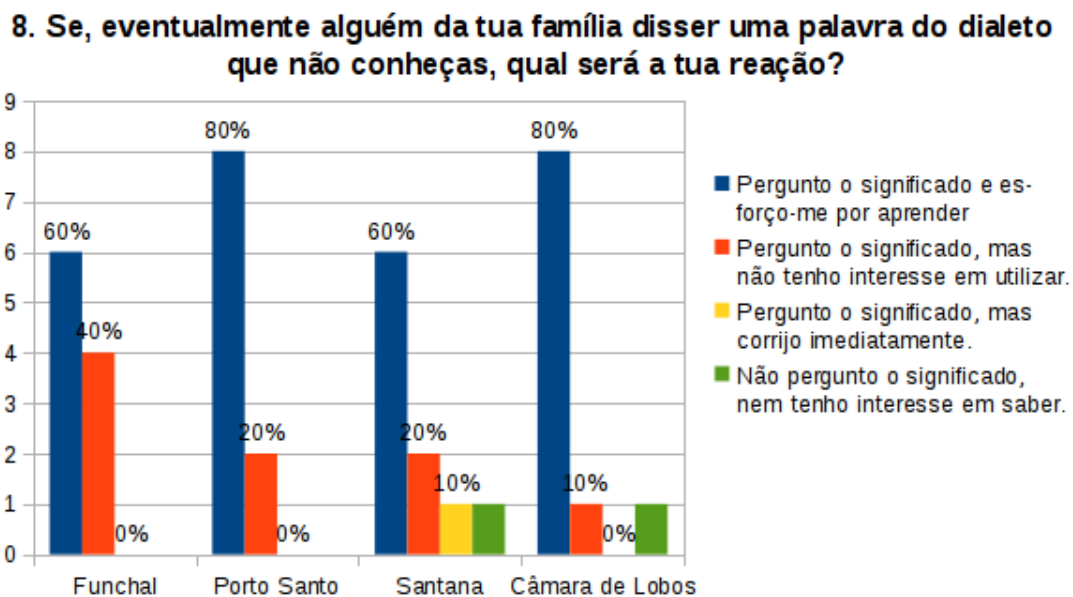


Gráfico 16: “Se, eventualmente alguém da tua família...” e resultados por concelhos.

Na reação expressa à pergunta nº 8 temos os informantes de Santana, os quais constituem os únicos 10% relativamente aos restantes concelhos. Uma vez mais se constata que os informantes da costa norte manifestam, embora de forma residual, uma recusa em aceitar o seu dialeto, em proveito, muito provavelmente, de uma norma linguística mais conotada de um “falar correto”. Além desta posição de alguns informantes de Santana, nota-se igualmente a reação ainda mais extremada dos 10% de Câmara de Lobos, que defendem uma recusa, em saber e em interessar-se pelo dialeto.

Procuraremos perceber como os informantes dos distintos concelhos manifestam interesse em promover e divulgar o seu património dialetal. Assim no gráfico 17, os informantes de Câmara de Lobos foram os que mais responderam

afirmativamente a esta questão, rondando os 70%, por oposição aos 30% de resposta negativa. Nesta sequência constata-se que este grupo mostra uma atitude de maior abertura perante uma interação de divulgar a sua cultura linguística. A seguir situam-se os concelhos do Funchal e do Porto Santo ambos com os 60% de respostas afirmativas, embora com um ligeiro aumento de respostas negativas a situar-se nos 40%, relativamente ao concelho de Câmara de Lobos.

9. Em contato com amigos ou colegas oriundos de outras regiões do país, já alguma vez lhes ensinaste palavras típicas do "falar madeirense"?

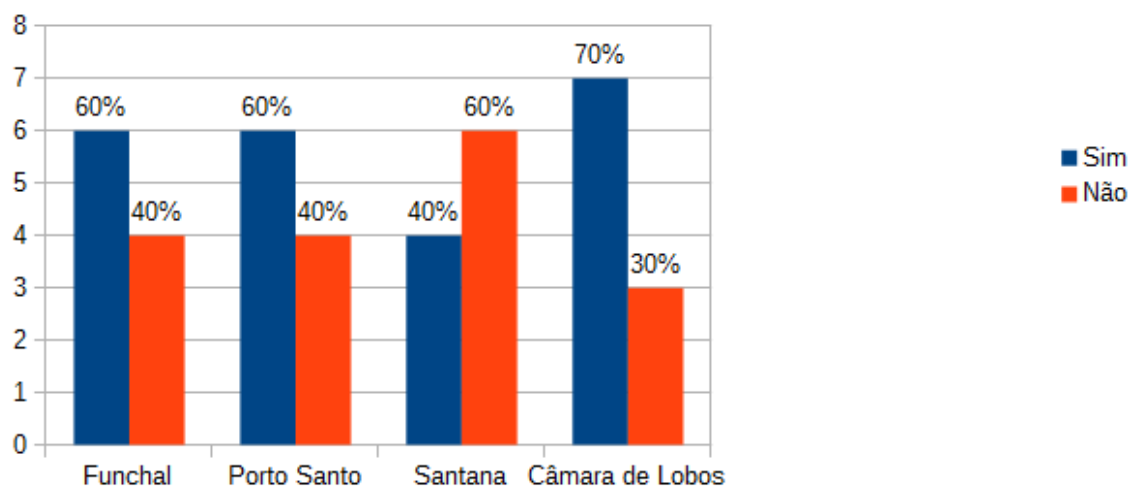


Gráfico 17: “Em contato com amigos ou colegas...” e resultados por concelhos.

O concelho de Santana volta a manter a sua posição em recusar a sua realidade dialetal, entendido neste caso com resposta negativa a rondar os 60%, face ao interesse em divulgar e ensinar o seu dialeto a pessoas vindas do exterior. Por outro lado, neste grupo de informantes subsiste ainda 40% que respondeu afirmativamente a esta questão, por sentirem afeto pela sua realidade dialetal, levando-os à posição de a divulgar.

Atente-se agora aos valores expressos no gráfico 18, para assim darmos por concluída este estudo sociolinguístico, nomeadamente a posição que os jovens em escolarização deste estudo defendem continuar a preservar e a falar os dialetos do arquipélago.

10. Finalmente, qual é a tua opinião acerca de se continuar a falar o dialeto?

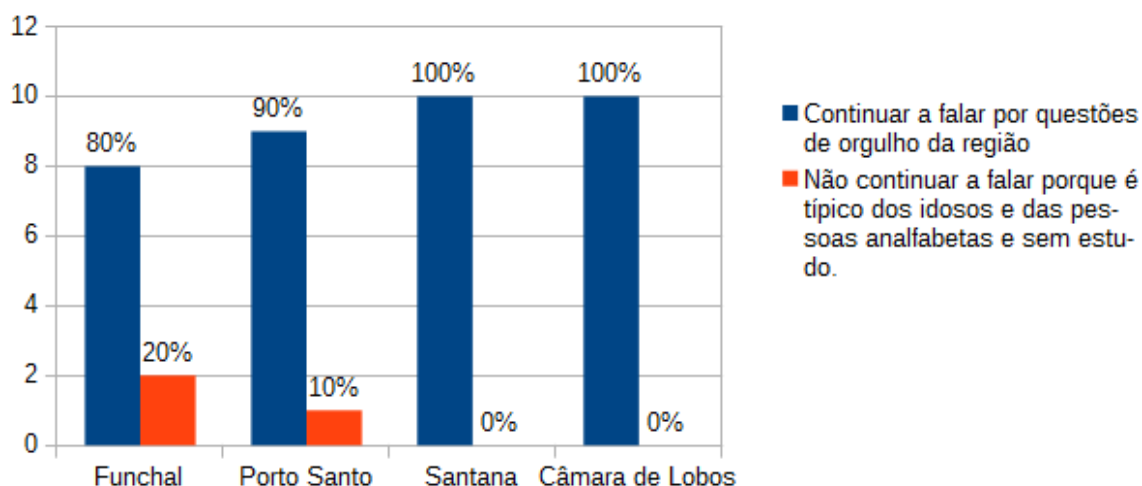


Gráfico 18: “Finalmente, qual é a tua opinião...” e resultados por concelhos.

Verificamos, portanto, que os concelhos de Câmara de Lobos e de Santana defendem na continuação por questões de orgulho a situar-se nos 100%, enquanto o Porto Santo e o Funchal apresentam valores ligeiramente inferiores, a rondar os 90% e os 80% respetivamente.

Ainda assim, no conjunto dos quatro concelhos, considera-se que os 40 alunos defendem uma atitude de preservação e continuação da realidade dialetal do arquipélago, embora estes resultados finais venham contrariar ligeiramente o que anteriormente se constatou em gráficos anteriores, acerca do domínio, do conhecimento e do uso dos dialetos da região por parte dos informantes. Nesse sentido, entendemos que esta contradição aqui patente neste trabalho de campo vem corroborar a ideia de que, segundo estes jovens em escolarização, o dialeto pode ser entendido por pertencer aos idosos e às pessoas menos instruídas e por isso poderão sentir vergonha em utilizá-lo, não obstante, consideram a sua variação dialetal única e por isso importante em ser mantida.

Considerações finais

Nesta parte final do estudo, procuraremos fazer uma síntese dos resultados obtidos e à luz das hipóteses prévias, inicialmente formuladas, assim como a sugestão de propostas futuras sobre a temática em análise.

Com efeito, consideramos que todos os alunos sentem orgulho no seu “falar”, pois somente uma minoria apontou ter algum constrangimento em expor o seu dialeto. Por outro lado, apesar de muitos vocábulos não terem sido identificados de forma correta, pois os alunos mostraram interesse em aprender com os mais velhos, dado que consideram que os seus avós detêm a mestria, sem nunca opinarem abertamente que isso seria sinónimo de falar errado. Muito pelo contrário, consideram que o dialeto deverá ser mantido e continuado no seu uso, por questões de afirmação e orgulho da sua região.

Ainda a propósito da responsabilidade de se manter ou rejeitar os dialetos, pudemos constatar que, efetivamente as variáveis independentes, ou seja, o meio familiar e os ambientes sociais dos alunos (amigos, vizinhos, conhecidos...) têm contribuído para um processo de continuidade em preservar-se o dialeto, apesar de se ter concluído através da análise e recolha de dados do Questionário Linguístico (Doc. 1) que algumas palavras se encontram em vias de desaparecer ou cair em desuso. Refira-se que, neste estudo alguns informantes não conseguiram identificar a semântica de alguns vocábulos ou então empregaram-nos em contextos desajustados, concluindo-se assim que, efetivamente, as gerações mais jovens estão a perder alguns traços típicos dos dialetos do arquipélago.

Se por um lado o seio familiar e o convívio com os amigos na escola motivam a manutenção e a coesão do dialeto falado pelos jovens, por outro lado, o contacto com o exterior com pessoas fora da RAM (tais como amigos à distância e professores continentais) leva a que os alunos desviem a sua realidade de variação linguística mais próxima da norma, por uma questão de prestígio social e de aceitação na comunidade de fala em contacto. Esta situação foi mais evidente nos alunos em idade escolar superior aos 14 anos, os quais já se encontram menos expostos aos meios familiares e, portanto, mais propensos aos ciclos de amigos e colegas.

Para além destas variáveis independentes extralinguísticas, as quais respondem a muitas questões inicialmente formuladas, também se observou, junto de alguns dados recolhidos, uma variação diatópica como vertente heterogénea dos dialetos madeirense e porto-santense. Como tal, foi notória a incompreensão quando alguns alunos eram confrontados com um léxico mais típico de um concelho ou local do arquipélago.

Assim, consideramos que, apesar da influência de uma sociedade muito mediatizada e com recursos às novas tecnologias, como é a sociedade madeirense, continuamos a observar alguns traços dialetais particulares desta região insular nos jovens em idade escolar. Sem termos a intenção inicial de elaborarmos um atlas linguístico nesta investigação, verificámos que, de facto, o Arquipélago da Madeira dispõe de uma elevada alternância em termos dialetais, quer dentro dos mesmos concelhos, como o Funchal e Câmara de Lobos, quer em concelhos localizados entre o norte e o sul (urbano vs rural) e naturalmente a ilha do Porto Santo e isso foi constatado na amostra dos 40 alunos desta investigação.

Em conclusão, consideramos, portanto, que este trabalho poderá desafiar a novas investigações ao nível do léxico dos dialetos madeirenses, uma vez que os trabalhos de investigação existentes ainda são em número reduzido. Ainda assim, a qualidade dos existentes digna perfeitamente os seus autores e por isso os considero de fundamental importância para o suporte de futuros trabalhos de investigação neste âmbito científico.

Por todas as razões aqui apontadas, propomos também que seria importante, em futuras investigações, surgirem estudos do falar da ilha do Porto Santo, onde verificámos existir uma especificidade própria em termos dialetais, como fruto de imensas influências do exterior, muito embora subsista um paralelo mais ou menos semelhante em termos de variação entre as duas ilhas habitadas do arquipélago.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Marcilene de Assis Alves de (2010) - “Linguagem e Identidade Cultural: uma abordagem sociolinguística”, Campo Grande, disponível em <http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/8/09052011091540.pdf> [10 de maio de 2015]

AZAMBUJA, Elisabete Beatriz (2010) - “Refletindo sobre a produção da 'hipercorreção' em textos de alunos de pós-graduação”, in *Anais do XIV CNLF, Cadernos do CNLF*, atas do XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, Rio de Janeiro, CIEFIL, vol. XIV, nº 04, t. 4, pp. 3180-3189, disponível em http://www.filologia.org.br/xiv_cnlff/tomo_4/completo_tomo_4.pdf [18 de maio de 2015]

BAGNO, Marcos (2003) - *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*, São Paulo, Parábola Editorial.

BAGNO, Marcos (2007) - *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*, São Paulo: Parábola Editorial.

BLAYER, Irene Maria F. (2004) - “Variação Linguística no Português Europeu: O Caso do Português dos Açores”, in *SIGNUM*, Estud. Ling., Londrina, n. 7/1, jun. 2004, p. 43-60.

CARDEIRA Esperança e FERNANDES Maria Alice (2008) - “O Português medieval: koinização e elaboração” in *Veredas*, Associação Internacional de Lusitanistas, Porto Alegre, nº 9/2008, pp. 155-176.

CEIA, Carlos, (2008) - *Normas para Apresentação de Trabalhos Científicos*, 7ª ed., Lisboa, Editorial Presença.

CINTRA, Luís Filipe Lindley (1990) - “Os Dialectos da ilha da Madeira no quadro geral dos Dialectos Galego-Portugueses” (texto inédito apresentado no II Congresso de Cultura Madeirense, em 1990 no Funchal).

CORREIA, Lisandra José Freitas (2011) - “Traços Toponímicos da Freguesia da Sé”, tese de mestrado em Estudos Regionais e Locais, Funchal, Universidade da Madeira.

DE ALBA MORENO, José G. (1976) - “Reseñas” in *Anuario de Letras*, Cidade do México, Universidade Autónoma Nacional de México, volume XIV, pp.364-367.

DEBOWIAK, Przemyslaw (2008) - “Notas Sobre os Dialectos de Portugal” in *Romanica Cracoviensia*, Universidade Jagellónica de Cracóvia, nº 8/2008, pp. 21-28.

DUARTE, Inês (2000) - *Língua portuguesa – Instrumentos de análise*. Lisboa, Universidade Aberta.

ECO, Umberto, (1995) - *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*, 6ª ed., Lisboa, Editorial Presença.

FIGUEIREDO, Ana Cristina (2011) - *Palavras d'aquintrodia*. Lisboa, Fonte da Palavra.

GONÇALVES, Eduardo Brazão (1996) - *Dicionário do Falar Algarvio*, 2ª ed. Aumentada, Algarve em Foco Editora, Lisboa.

MACEDO, Deolinda Bela de (1939) - “Subsídios Para o Estudo do Dialecto Madeirense”, Tese de dissertação de licenciatura, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

MATEUS, Maria Helena Mira et al, (2003) - *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª edição revista e aumentada, Lisboa, Caminho.

MATEUS, Maria Helena Mira (2004) - “Estudando a melodia da fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos” in *Encontro Sobre o Ensino das Línguas e a Linguística*, APL e ESE de Setúbal, Setúbal, 27 e 28 de Set. 2004 (1-27) disponível em <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2004-mhmateus-prosodia.pdf> [15 de dezembro de 2014]

MORERA, Marcial (1992) - “Termos Canários na Madeira”, in *Revista Xarabanda*, Funchal, nº 2, pp. 10-12.

NUNES, Naidea Nunes (1998) - “Os 'dialectos madeirenses' e a história da língua portuguesa”, Livro de comunicações do colóquio “Cultura de periferias insulares”, Departamento de Cultura da Câmara Municipal do Funchal, Funchal.

NUNES, Naidea Nunes (2007) - «Madeirensismos e brasileirismos na terminologia açucareira (do século XV à actualidade)», in *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa* (Org. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa e Maria Filomena Gonçalves), Cultura Académica Editora, São Paulo, série Trilhas Linguísticas, nº 11, pp.189-233.

NUNES, Naidea (2014) - “Variação Social e Vitalidade de Alguns Regionalismos Madeirenses no Português Falado na Cidade do Funchal” in *Confluências - Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 46 – 1º semestre de 2014, pp. 335-370, disponível em: <http://llp.bibliopolis.info/confluencia/edpdf/46.pdf> [acedido a 15 de maio de 2015]

PEREIRA, Maria do Carmo Noronha (1952) - “Tentativa de um pequeno Atlas Linguístico da Madeira”, Tese de dissertação da licenciatura de Filologia Românica, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

REBELO, Helena (2002) - “O Falar de Porto Santo visto por M. Rogers e Maria de Lourdes O. Monteiro” in Duarte, Isabel Margarida, et al [org.], *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*,

Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto, pp. 175-191, disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7163.pdf> [25 de fevereiro de 2015]

REBELO, Helena, (2003) - “Porto Santo, Impressões gerais e linguísticas”, in *Revista Xarabanda*, Funchal, nº 14, pp. 16-22.

REBELO, Helena (2007) - “Referências espanholas nos vocabulários madeirenses”, in *Aula Ibérica*, Ángel Marcos de Dios (ed.), Universidad de Salamanca, Salamanca, pp. 451-462.

SERRÃO, Joel (1990) - “Para uma história do arquipélago da Madeira”, (texto inédito apresentado no II Congresso de Cultura Madeirense, em 1990 no Funchal).

SILVA, António Carvalho da (2008) - “Novos apontamentos sobre vocabulários madeirenses : as primeiras palavras do Arquipélago da Madeira” in *Revista Islenha* nº 42, Funchal, Jan.-Jun. 2008, pp. 62-78.

SILVA, Maria Paula Marques de Freitas (1994) - *O falar de São Vicente*. São Vicente, Câmara Municipal de São Vicente.

SIM-SIM, Inês (1998) - *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa, Universidade Aberta.

VASCONCELOS, José Leite de (1901) – *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. Paris, Université. (edição portuguesa, *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 3ª edição, 1987.)

VIEIRA, Alberto (2001) – *História da Madeira*. Funchal, Secretaria Regional da Educação.

VIEIRA, Alberto (coordenação, com colaboração de Abel Soares Fernandes, Emanuel Janes e Gabriel Pita), (2003) - *História e Autonomia da Madeira*, Funchal, CEHA-Biblioteca Digital, disponível em: <http://www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/bdigital/avieira/2003-av-manualhistoria.pdf> [31 de janeiro de 2015]

Fontes da Internet:

<http://abemdanacao.blogs.sapo.pt/2012/04/?page=2>

<http://algarvias.no.sapo.pt/algarvio.htm>

<http://www.o-rabo-do-gato.blogspot.com/>

<http://manueldocaramulo.blogspot.com>

Anexos

Teste de vocabulário e de expressões idiomáticas do dialeto madeirense

doc.1

Lê atentamente o texto que se segue.

Enquiadias tava o vendeiro(1) na bilhardice com o calaceiro(2) do vilhão, quando ouviu uma zoada. Era a água .da levada(3) que já vinha para os regos das semilhas(4) que tão plantadas a eite.

O buzico do levadeiro que só vinha à venda pra pedir gâmesses(5) ao padrinho, deu uma carreira pelas passadas do terreiro e logo trombicou, batendo c'as arcas(6) pelo caminhe abaixo como um demoine. Até o vilhão, qué um cangalhe dum home, deu uma cambriola quando o arpaz da peste passou ao pé dele e assim esmegalhou(7) o cântaro de sapatinhos.

O vilhão dá-lhe uma reina, vai atrás dele para lhe dar uma relampada(8), mas o buzico fugiu a tempo.

O vilhão ficou todo estepurado(9) e disse:

- Raio da peste, quando te agarraravas nei ventas! O vendeiro dá-lhe uma rezonda por ele querer malhar num bizalho dum piquene. Vem o levadeiro, e, ao ver o excomungado do vilhão a ferrar com o filho, fica variado do miolo e diz-lhe umas.

O vilhão atazanado, atremou mal e pensou que ele lhe tinha chamado de chibarro, ficou alcançado, deu-lhe uma rabanada e foi embora. Esfrancelhado(10), o levadeiro ficou mais que azoigado mas lá foi desatupir(11) a levada.

Entretanto, o piquene chegou a casa todo pisado, com um mamulhão. A mãe, que é uma rabugenta(12) mas abica-se por ele, ao ver ele todo emantado(13) e a tremelicar das canetas, deu-lhe um chá que era uma água mijoca, pensando que a canalha é mesmo assim. Mas, como ele não arribava, antes continuava olheirento, a nausear tudo o que comia e da churrica(14).

A mãe falou então com a tia Celeste que é curadeira e ela deu-lhe uma massage para curar do bucho virado e do mau olhado.

Adepois no outro dia, o piquene arribou e até já anda a saltar poios(15) de bananeiras na fajã.

<http://manueldocaramulo.blogspot.com> (Adaptado)

Instruções de Preenchimento: sempre que não souberes a resposta, coloca “não sei” ou deixa em branco.

I

Sublinha a palavra sinónima correspondente ao falar madeirense, de entre as três opções apresentadas.

- | | | | |
|-----|----------------|------------------------|---------------|
| 1. | a) merceeiro | b) vendedor | c) agricultor |
| 2. | a) mentiroso | b) trabalhador | c) preguiçoso |
| 3. | a) valeta | b) moinho | c) poço |
| 4. | a) sementes | b) legumes | c) batatas |
| 5. | a) doces | b) pastilhas elásticas | c) rebuçados |
| 6. | a) pernas | b) braços | c) costas |
| 7. | a)partiu | b) apanhou | c) limpou |
| 8. | a) chapada | b) beijo | c) empurrão |
| 9. | a) contente | b) zangado | c) triste |
| 10. | a) despenteado | b) magoado | c) roto |
| 11. | a) entupir | b)destapar | c) tapar |
| 12. | a) zangada | b) contente | c) atenta |
| 13. | a) esquecido | b) doente | c) feliz |
| 14. | a) febre | b) diarreia | c) gripe |
| 15. | a) terrenos | b) pomares | c) estufas |

II

Em cada um dos seguintes enunciados encontra-se destacado a negro uma palavra ou expressão.

Escolhe, sublinhando de entre as três opções de resposta aquela que tenha um significado equivalente ao da palavra ou expressão destacada.

Exemplo: - João, **ajunta** esse papel que está no chão.

- apanha b) junta c) rasga

1. - O meu sobrinho está a ficar num **padre-mestre...**

- a) inteligente b) estúpido c) esquecido

2. – Vê se não te esqueces de comprar **ácalo** para eu fazer os licores.
 b) baunilha b) álcool c) aguardente
3. – Ah **arpeia**, vê se fazes o que te disse teu pai!
 b) tonta b) parva c) rapariga
4. – Deseja mais alguma coisa, freguesa?
 - Não, obrigado, levo só 1kg de **vaginha!**
 a) feijão b) ervilha c) feijão-verde
5. – Minha mãe **deu-me uma resonda...**
 a) um sermão b) um presente c) um castigo
- 6 - Nas aulas, a Maria é muito desatenta...
 - Pois, passa a vida a **bilhardar...**
 a) falar b) desenhar c) participar
- 7 – Se não paras, levas no **carrolo!**
 a) cabeça b) pescoço c) cara
- 8 – O Pedro tá sempre **cramando**, nunca tem dinheiro!
 a) pedindo b) queixando-se c) gastando
9. – A minha vizinha já tem 10 **bisalhos**, nasceram ontem à noite!
 b) porcos b) pintainhos c) coelhos
- 10 – As minhas **capelas** saem-me sempre bem.
 a) tipo de bolo doce b) tipo de peixe c) tipo de carne
- 11 – Viste a Maria como ficou?
 - Sim, acho que ficou **alcançada** com aquela conversa.
 a) furiosa b) envergonhada c) calada
- 13.– Eu já **atremei** o que disseste, não precisas repetir.
 b) ouvi b) inventei c) adivinhei

III

Constrói pequenas frases com as seguintes palavras ou expressões.

Exemplo:

retoíça - Ele anda na retoíça, tá sempre distraído nas aulas.

cambado - _____

caçoar _____

baboseira - _____

estiar - _____

refundiar - _____

embeijado - _____

embolajado - _____

mudilhos - _____

renheta - _____

prisões - _____

arrecadas - _____

balalau - _____

sumir - _____

IV

Por palavras tuas, diz o significado dos seguintes vocábulos típicos dos dialetos do arquipélago.

Lambeca _____

Catrapos _____

Joeira _____

Garrafa de calor _____

Olho de boi _____

Azoigar _____

Escarpiada _____

Embeijado _____

Arpeia confiada _____

Roeza _____

Obrigado pela colaboração

Inquérito

Informação Geral (doc.2)

Idade: _____

Sexo: Masculino Feminino

Naturalidade: _____

1. Qual a naturalidade dos teus pais?

Porto Santo Outra freguesia da Ilha da Madeira Quais? _____

Funchal De outra região do País Quais? _____

2. Os teus avós têm a mesma naturalidade dos teus pais?

SIM NÃO Se respondeste **NÃO**, refere a sua naturalidade. _____

3. O que pensas do teu sotaque?

- É bonito e tenho muito orgulho!
- É bonito, mas tenho vergonha por isso corrijo!
- É feio, por isso tento sempre corrigir-me!
- É-me indiferente!

4. No que se refere às palavras e às expressões do “falar madeirense”, conheces:

Muito Razoavelmente Pouco Nada

Se respondeste **NADA**, termina aqui o teu inquérito!

5. Utilizas normalmente o “falar madeirense” no teu dia a dia?

SIM Às vezes Não

5.1. Se respondeste **NÃO**, refere o motivo

5.2. Se respondeste SIM, diz com quem utilizas.

(poderás assinalar várias opções!)

- | | |
|----------------------------------------------|--------------------------|
| Com os pais | <input type="checkbox"/> |
| Com os avós | <input type="checkbox"/> |
| Com os amigos/colegas | <input type="checkbox"/> |
| Com os professores da RAM | <input type="checkbox"/> |
| Com os professores de outras regiões do país | <input type="checkbox"/> |
| Com os vizinhos | <input type="checkbox"/> |
| Com pessoas idosas | <input type="checkbox"/> |
| Com pessoas que já conheces bem | <input type="checkbox"/> |
| Com pessoas desconhecidas | <input type="checkbox"/> |

6. Na tua casa/família, quem utiliza mais o “falar madeirense”?

- | | |
|--------------|--------------------------|
| Os teus pais | <input type="checkbox"/> |
| Os teus avós | <input type="checkbox"/> |
| Ambos | <input type="checkbox"/> |

7. Se os teus pais ou avós ou ainda uma pessoa mais velha diz, por exemplo, “Semilha” ou “vaginha”, em vez de batata ou feijão-verde, qual é a tua reação?

- | | |
|------------------------------------|--------------------------|
| Aceito e também digo. | <input type="checkbox"/> |
| Não aceito, mas não corrijo | <input type="checkbox"/> |
| Não aceito e corrijo imediatamente | <input type="checkbox"/> |

8. Se, eventualmente, alguém da tua família (por exemplo, avós, pais, tios etc) disser uma palavra do dialeto que não conheças, qual será a tua reação?

- Pergunto o significado e esforço-me por aprender.
- Pergunto o significado, mas não tenho interesse em utilizar.
- Pergunto o significado, mas corrijo imediatamente.
- Não pergunto o significado nem tenho interesse em saber.

9. Em contacto com amigos ou colegas oriundos de outras regiões do país, já alguma vez lhes ensinaste palavras típicas do “falar madeirense”?

SIM NÃO

9.1. Se respondeste NÃO, indica as possíveis razões.

Nunca ensinei, porque:

- não conheço nem uso o dialeto.
- tenho vergonha que me gozem.
- não acho isso importante.
- nunca se proporcionou.
- nunca contactei com pessoas fora da minha região.

10. Finalmente, qual é a tua opinião acerca de se continuar a falar o dialeto?

- Continuar a falar por questões de orgulho da nossa região
- Não continuar a falar porque é típico dos idosos e das pessoas analfabetas e sem estudos.

11. Em poucas palavras, refere outras razões, pelas quais se deve ou não se deve continuar a falar o dialeto.

Obrigado pela Colaboração!!!